



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

**A FORMAÇÃO ESPECÍFICA DO TUTOR É UMA NECESSIDADE? A
EXPERIÊNCIA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NA DIVERSIDADE E CIDADANIA, COM ÊNFASE EM EJA**

Thalita Andressa Barbosa Paes Landim

Brasília - DF

Julho 2011

THALITA ANDRESSA BARBOSA PAES LANDIM

**A FORMAÇÃO ESPECÍFICA DO TUTOR É UMA NECESSIDADE? A
EXPERIÊNCIA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NA DIVERSIDADE E CIDADANIA, COM ÊNFASE EM EJA**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Carmenísia Jacobina Aires.

Brasília - DF

Julho 2011

THALITA ANDRESSA BARBOSA PAES LANDIM

A FORMAÇÃO ESPECÍFICA DO TUTOR É UMA NECESSIDADE? A EXPERIÊNCIA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA DIVERSIDADE E CIDADANIA, COM ÊNFASE EM EJA

Brasília, 13 de julho de 2011.

Comissão Examinadora

Professora Carmenísia Jacobina Aires (Orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Elizabeth Danziato Rego
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Ruth Gonçalves de Faria Lopes
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Agradecimento

Ao concluir mais essa etapa da minha vida tenho muito a agradecer, primeiramente a Deus que é a minha força e vitória. Nele e só nele tenho forças para conseguir atingir todos os meus sonhos e objetivos. “Tudo posso Naquele que me fortalece” (Filipenses, 4- 13). A Nossa Senhora que sempre esteve ao meu lado, iluminando a minha mente e me amparando nos momentos de maior dificuldade.

Agradeço ao meu pai Dalmo e a minha mãe Elina que foram os meus pilares nessa batalha. Agradeço a oportunidade que eles me proporcionaram de estudo, de um ensino de boa qualidade. Agradeço principalmente os “puxões de orelha” que não me deixaram desviar do caminho correto e pelo seu amor incondicional. Agradeço principalmente por acreditarem no meu potencial.

Não posso deixar de agradecer a minha irmã Lorena por toda força e alegria que não me deixaram desanimar em nenhum momento. Aos meus Avós (Teresinha e Dalmo, Maria e José), por acreditarem na minha vitória e me darem forças em todos os momentos. Aos meus familiares que sempre me apoiaram.

Aos meus colegas do curso de Pedagogia, pela alegria proporcionada nesses anos de convivência na Faculdade de Educação.

Aos meus amigos que me deram forças e rezaram muito para eu conseguir concluir mais essa etapa da minha vida.

A professora Carmenísia que com muita presteza me orientou neste trabalho final.

A todos os que tiveram ao meu lado dando forças e apoiando, seja explicitamente ou implicitamente só tenho duas palavras a dizer: MUITO OBRIGADA!

Viver!

E não ter a vergonha de ser feliz.

Cantar e cantar e cantar

A beleza se ser

*Um eterno **Aprendiz**...*

(Gonzaguinha, O que é, o que é?)

Resumo

O presente trabalho tem como objeto de estudo o tutor e a sua formação específica. Foi analisada a experiência do curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com ênfase em EJA. Utilizou-se da pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, para a sua realização, que tem por objetivo entender a necessidade da formação específica para os tutores que atuam no curso. Tomou-se como problema de pesquisa a seguinte afirmativa: O Curso de Especialização em EJA definiu como critério de seleção dos tutores, experiência e atuação nessa modalidade. É possível assegurar que esses critérios são suficientes para a execução das tarefas dos tutores? O curso foi executado na modalidade à distância pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília- UnB. Para realizar o papel de tutor neste curso, utilizou-se como critério de seleção experiência em EJA e atuação nessa modalidade de ensino. Levantou-se alguns questionamentos sobre a importância dessa experiência específica na atuação desses profissionais no curso e se essa especialização causaria reflexos na aprendizagem dos alunos. Discutiu-se a importância das intervenções e dos feedbacks aos estudantes. Para executar esse trabalho realizou-se uma pesquisa documental do papel do tutor nos ambientes virtuais, um breve histórico da evolução dessa profissão e a necessidade da formação específica desses profissionais para atuarem nos cursos a distância. O trabalho consistiu na análise do fórum de tutores dos módulos três e quatro do curso. Utilizou-se o programa NVivo para categorizar as falas desses profissionais. Neste trabalho foram utilizadas as falas dos tutores relacionadas às dúvidas sobre o conteúdo e a sua pertinência. Verificou-se que as dúvidas apresentadas apontavam que os profissionais conheciam o assunto abordado, mas necessitavam de um aprofundamento que seria realizado pelos professores autores. Percebeu-se que alguns tutores não realizavam intervenções em suas turmas mostrando que não estavam comprometidos com a dinâmica da Educação a Distância. Concluiu-se que é fundamental a formação específica para os profissionais que atuam em EaD e o seu compromisso com essa modalidade de ensino.

Palavras chave: Formação específica; tutor; cursos a distância.

Abstract

This work has as object of study the tutor and his/her specific formation. It was analyzed the experience of the Specialization in Diversity and Citizenship Education course, with emphasis on EJA. It was utilized the qualitative research, exploratory, for its achievement, which aims the understanding of the need of the specific formation for tutors who acted during the course. The course was accomplished in the distance modality by the Education College, University of Brasilia-UnB. To perform the function of tutor in this course, it was used as selection criteria the experience in EJA and activities in this teaching modality. It was done some questions about the importance of this specific experience in the acting of these professionals during the course, and if this specialization would influence and cause an effect on the learning of the students. It was discussed the importance of interventions and the students feedbacks. To achieve this work, it was done a documental research about the tutor function in virtual environments, a brief history of this profession evolution and the need for specific formation of these professionals for working in distance courses. The work consisted in analyzing the forum of tutors of the three and four modules of the course. It was utilized the software N Vivo to categorize the speeches of these professionals. In this study, it was used the speeches of the tutors related to the doubts about the subject and its relevance. It was verified that the doubts that were presented showed that the professionals knew the subject, but they needed a deepening about the matter that would be realized by the authors teachers. It was noticed that some tutors did not perform interventions in their classes, showing that they were not committed to the dynamics of the distance learning. It was concluded that specific formation is essential for any professional that acts on distance learning, and for his/her commitment to this modality of education.

Key-words: Specific Formation; tutor; distance courses, distance learning.

Lista de Quadros

Quadro 1	Pólos do Curso/ Número de Alunos.....	63
Quadro 2	Dados sobre os tutores.....	64
Quadro 3	Quantidade total de postagem por fórum e por tutores (Módulo 3).....	71
Quadro 4	Tutores que realizaram intervenções e tutores que não realizaram intervenções.	72
Quadro 5	Total de Intervenções por Turma (Módulo 3).....	72
Quadro 6	Número de Intervenções por Categoria (Módulo 3).....	72
Quadro 7	Quantidade total de postagem por fórum e por tutores (Módulo 4).....	73
Quadro 8	Tutores que realizaram intervenções e tutores que não realizaram intervenções	74
Quadro 9	Total de Intervenções por Turma (Módulo 4).....	74
Quadro 10	Número de Intervenções por Categoria (Módulo 4).....	74

Lista de Gráficos

Gráfico 1	Alunos por Pólo.....	66
Gráfico 2	Alunos por idade.....	67
Gráfico 3	Alunos por sexo.....	68
Gráfico 4	Nº Total de postagens x Nº de Intervenções por Tutores (Módulo 3)....	71
Gráfico 5	Nº Total de postagens x Nº de Intervenções por Tutores (Módulo 4)....	73

Lista de Abreviaturas e Siglas

AFUAB	Associação de Fomento a Universidade Aberta do Brasil
AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
CCPG	Colegiado de Cursos de Pós- Graduação
CESAS	Centros de Estudos Supletivos Asa Sul
CF	Constituição Federal
DF	Distrito Federal
EaD	Educação a Distância
EJA	Educação de Jovens e Adultos
GO	Goiás
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEB	Movimento de Base
MEC	Ministério da Educação
MM	Menção Mínima
Nº	Número
SE	Secretaria de Educação
SECAD	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
TCU	Tribunal de Contas de União
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
TV	Televisão
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UnB	Universidade de Brasília
PIL	Projeto de Intervenção Local

Sumário

Memorial.....	13
1- Formação Inicial.....	13
2- Universidade de Brasília – Pedagogia.....	14
2.1- Projeto 3.....	15
2.2- Projeto 4.....	16
2.3- Seminários e Cursos.....	16
3- A Monografia.....	17
INTRODUÇÃO.....	18
CAPÍTULO 1 – EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.....	22
1.1 - O que é a Educação a Distância?.....	22
1.1.1-EaD Ontem.....	24
1.1.2- EaD hoje.....	26
1.2- A Educação a Distância e a legislação.....	28
1.3- Universidade Aberta do Brasil - UAB.....	29
1.3.1- Polo de apoio presencial.....	31
CAPÍTULO 2 – O TUTOR NOS CURSOS A DISTÂNCIA.....	33
2- O Tutor.....	33
2.1- A Tutoria no Sistema UAB.....	35
2.2- A Diferença entre tutor presencial e tutor a distância na Educação a Distância.....	37
2.3- Quais os papéis que o tutor a distância assume na Ead.....	40
2.3.1- Tutor Animador:.....	41
2.3.2- Tutor Incentivador:.....	41
2.3.3- Tutor Orientador:.....	42
2.3.4- Tutor Co- aprendiz:.....	43
2.3.5- Tutor “Recurso”.....	44
2.3.6- Tutor Avaliador.....	44
2.3.7- Tutor Formador:.....	45

2.3.8- Tutor Omisso	45
2.4- O que diz a legislação sobre os tutores	47
2.5- O Tutor e a formação específica	48
Capítulo 3 – Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com ênfase em EJA	54
3- O Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com ênfase em EJA	54
3.1- O Projeto do Curso	55
3.2- Polos e Aulas Presenciais.....	56
3.3- A Tutoria no curso	56
3.4- A Formação dos Tutores que atuaram no curso.....	57
3.5– Dados sobre os alunos do curso	60
CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA.....	63
4- A Pesquisa.....	63
4.1- A realização do trabalho	64
4.2- A escolha dos módulos	66
4.3- Os Softwares na pesquisa qualitativa.....	67
4.3.1- N Vivo	69
CAPÍTULO 5- ANÁLISE DE DADOS	69
5.1- A análise	70
5.1.1- Dados do fórum de tutores do módulo 3:	72
5.1.2- Dados do fórum de tutores do módulo 4:	75
5.2- Análise do Módulo 3:.....	78
5.3- Análise do módulo 4:	84
5.5- Conclusão das Análises de Dados dos Módulos 3 e 4:	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS	99
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	104
ANEXO	105

Memorial

1- Formação Inicial

Me chamo Thalita Andressa Barbosa Paes Landim, nasci no dia 28 de setembro de 1990 na cidade de Brasília, primeira filha, precoce desde cedo, aprendia com facilidade e meus brinquedos favoritos eram quebra cabeça e lego. Minha mãe vendo a facilidade que tinha começou a me incentivar através das primeiras letras e aos poucos já estava familiarizada com as mesmas.

Aos quatro anos fui para a escola, chegando lá a orientadora fez um teste para ver em que fase do jardim me colocaria, ao aplicar o teste ela verificou que minha coordenação motora fina estava avançada assim já passei direto para o Pré-I que era alfabetização. Desde então, estudei no Colégio Objetivo até a conclusão do ensino médio. Foi muito importante estudar em uma escola que me deu base, onde os professores eram comprometidos com o aprendizado do aluno e onde fiz grandes amizades. Lá tive a oportunidade de desenvolver habilidades que hoje trago comigo, principalmente o hábito da leitura. A escola realizava campeonatos de leitura e como modo de desenvolver esse gosto pelas letras, sorteava livros e brinquedos para quem lesse mais durante o mês. Lembro como hoje que ganhei várias vezes e daí para frente não sei mais ficar sem ler.

Sempre tive grande apreço por meus professores, principalmente pelo professor de matemática que me acompanhou da quinta à oitava série, e que realmente me fez aprender matemática. Encanto-me com o seu comprometimento com o aprender do aluno. Todas as dúvidas ele estava disposto a sanar. A minha fase de alfabetização foi muito importante, tive ótimas professoras, e o método utilizado por elas me fez aprender coisas que jamais esquecerei, através de brincadeiras, de jogos e de música. Foi uma fase muito feliz, sempre com incentivo de minha mãe, me dizendo que tudo era possível bastava acreditar, e ela me fazia repetir sempre estas palavras: Eu consigo, Eu posso e Eu vou dar conta.

Lembro-me como hoje quando comecei a aprender a tocar violão, tinha nove anos eu ia por obrigação, pois meu Avô tinha emprestado o violão dele para eu aprender, mas logo desanimei e “larguei de mão”. Passou um ano e pedi para minha

mãe me colocar na aula novamente, ela me disse que se fosse para no meio do caminho era melhor nem começar, pois tudo tem que ser feito com vontade e persistência, então decidi que iria até o fim. Hoje posso dizer que foi a melhor coisa que fiz, pois me realizo ao tocar meu violão, ele é meu companheiro de todos os momentos.

2- Universidade de Brasília – Pedagogia

Entrei na Universidade de Brasília no primeiro semestre de 2008. Esse foi um momento de grande conquista na minha vida, e na da minha família, pois fui a primeira a entrar em uma universidade pública. Orgulho-me muito desse feito. Ingressei na universidade através do programa de avaliação seriada- PAS. Quando fiz as primeiras etapas do PAS queria muito fazer Agronomia, mas com as notas tiradas nas duas primeiras etapas fiquei com medo de não conseguir entrar no curso, então optei por Pedagogia, pois a nota de corte era menor e eu precisava de poucos pontos para conseguir entrar.

A primeira aula na Universidade foi impactante, pois sempre ouvi sobre os trotes da UnB e de seus professores, mas foi totalmente diferente do que eu esperava. Na primeira aula que eu tive, a professora pediu para escrevermos uma redação sobre as nossas expectativas para o curso e para a universidade. Achei aquilo um absurdo, pois era quase uma redação de como havia sido as minhas férias, mas ao final do semestre pude entender que o objetivo daquela professora ao passar a redação, era ver como a nossa visão de mundo mudava em poucos meses, mostrando uma realidade à qual não estávamos acostumados, nos tirando daquela bolha que estávamos inseridos.

Não houve trote no curso naquele semestre, o que me deixou bastante triste, pois queria muito ser suja de tinta, porque acreditava que era um momento de passagem, simbolizando um momento de transição.

O primeiro semestre na universidade foi difícil, pois não consegui gostar do curso, ainda estava com o desejo muito grande de cursar Agronomia. Então, conversando com minha mãe vi que seria besteira desistir, afinal de contas não ia ser perda de tempo aprender. Passei a conviver com os colegas e vendo que muitos estavam ali por que tinham realmente escolhido o curso por gostar dele, passei a aceitar o curso e a vê-lo como uma oportunidade de aprendizado e amadurecimento para a vida. Fiz

grandes amizades nesse período e com pessoas que estão juntos comigo na caminhada até hoje.

2.1- Projeto 3

Fiquei no curso de Pedagogia após uma grande reflexão, pois nenhum conhecimento é inválido, tudo que é aprendido é importante para a vida e o curso de Pedagogia ainda vem com o bônus de tornar o aluno mais humano. No segundo semestre, procurei diversos cursos e projetos para fazer parte, mas os que eu me interessava o horário não dava e chocava com outras disciplinas obrigatórias para o semestre. Conversando com uma colega, ela me disse que a professora Carmenísia iria ministrar um projeto com o foco na Gestão Escolar, Tecnologias e Educação a Distância, foi onde veio a luz, tudo o que eu precisava, pois ligava duas temáticas que eu gostava muito, tecnologias e educação a distância, onde no semestre seguinte me matriculei no projeto 3.

Na primeira fase do projeto, nos dividimos em grupos para estudar as temáticas e como um deveria escolher uma para se aprofundar. A princípio fiquei com a gestão das tecnologias na escola, mas ainda não era aquilo que me interessava verdadeiramente.

Na primeira fase fui para uma escola na Ceilândia identificar como a escola utilizava as tecnologias e como os professores e diretores as viam dentro da escola. A escola visitada à época possuía grande consciência das tecnologias dentro da escola, mas a tecnologia inserida precisava ser melhor distribuída, pois existiam, dentro da escola, materiais que não eram utilizados por empecilhos do governo. Na segunda fase do projeto, ingressei no grupo de Educação a Distância, necessitando realizar leituras para conseguir acompanhar o ritmo das colegas que já estavam trabalhando no tema.

A professora Carmenísia sugeriu que analisássemos o curso de Especialização em EJA. Nessas análises, focaríamos o trabalho do tutor dentro dos fóruns e como ele interagia com seus alunos. Tivemos que criar categorias para enquadrar as falas dos tutores e tabular os dados. Na segunda fase, analisamos até o fórum cinco e, dando continuidade ao nosso trabalho, na fase três analisamos até o fórum 10 que consistia na elaboração do PIL, que seria semelhante a um trabalho de final de curso. Nessa fase de

construção dos PILs tivemos muito trabalho, para analisar as falas dos tutores, pois a turma foi dividida em grupos e por temas. Eram muitas as intervenções realizadas pelos tutores, e muitas vezes não conseguíamos colocar as suas falas em uma categoria.

2.2- Projeto 4

Na primeira fase do projeto 4, analisei o trabalho do tutor presencial no Pólo da UAB na Ceilândia. Foi um momento riquíssimo para a minha formação acadêmica, pois, no polo, pude ver realmente o trabalho do tutor e a quantidade de falhas que a educação a distância possui. Fiquei muito intrigada com o polo, por não ter uma biblioteca para os alunos do curso e nem computadores suficientes quando necessitavam de atendimento.

Na segunda fase do projeto 4, fui para uma escola de reforço no Recanto das Emas. O projeto era integrado com um projeto social que atendia crianças carentes da região. No local, as crianças recebiam atendimento médico, odontológico, além das aulas de reforço. Achei complicado trabalhar lá, mas com o passar do tempo me acostumei com o ritmo das crianças e com as suas dificuldades. Foi riquíssima essa experiência, pois apenas daquela forma pude aprender a lidar com as crianças, nas suas inquietudes e dificuldades.

2.3- Seminários e Cursos

Durante os anos que estudei na Universidade de Brasília participei de diversos seminários e cursos. Cito alguns que foram de grande valia, como o seminário sobre os 100 anos de Braille que foi riquíssimo para a minha formação, pois nos dias do seminário convivi com pessoas cegas auxiliando-as ao máximo. Aprendi a conduzi-las e principalmente percebi que elas são pessoas normais, apenas com uma deficiência.

Outro seminário que me chamou a atenção foi de Educação Tecnológica e Profissional. No evento, entrei em contato com diversas pessoas de outros lugares do Brasil e da América Latina, onde eles expunham os seus trabalhos e mostravam como as escolas profissionalizantes são formadas nos seus estados e países.

Também fiz diversos cursos na Escola Profissionalizantes de Ceilândia – CEP. Iniciei os cursos para tentar conhecer e entender um pouco mais sobre a tutoria na Educação a Distância. Logo após, fiz uma curso de Informática Educativa que me proporcionou aprender a utilizar ferramentas básicas da internet em sala de aula e um curso de Abordagem Sociológica na Educação. Todos esses cursos foram realizados a distância o que me proporcionou entender um pouco mais do funcionamento da Educação a Distância.

3- A Monografia

Sempre tive certeza que o tema da minha monografia estaria ligado as tecnologias e a educação a distância. Fiquei com muita dúvida sobre qual parte da Educação a distância eu iria abordar. Entre a tutoria presencial, a tutoria a distância, e entre a evasão dos alunos nos cursos. Em um momento decidi que meu tema seria tutoria, a princípio escolhi a tutoria presencial, considerando as dificuldades que presenciei no projeto 4 no pólo.

Depois de muito procurar leituras e textos sobre o tema, percebi que eu teria que produzir algo nessa área, pois quase não existe material sobre esse assunto. Fiquei com medo de não conseguir atingir as expectativas esperadas, então resolvi mudar o foco da tutoria, dessa forma migrei para a tutoria a distância. Além de ser um tema que eu tinha mais familiaridade e estudo, existem materiais produzidos nessa área, e não teria que produzir um trabalho inédito. Existia ainda um grande problema com a tutoria a distância, o que dentro desse universo iria abordar. Resolvi abordar como assunto a necessidade de uma formação específica para se atuar como tutor no curso de Especialização em Diversidade e Cidadania, com ênfase em EJA.

INTRODUÇÃO

A Educação a Distância- EaD é uma modalidade de ensino que experimenta avanços sistemáticos. Nos últimos anos ela tem estado nas mídias e a atuação dos profissionais, nessa modalidade, garante o sucesso ou não da aprendizagem dos alunos.

O papel do tutor é de fundamental importância para o avanço da EaD, pois é através da mediação realizada pelos tutores que os alunos entram em contato com seus pares, dialogando, trocando experiências, ações importantes para a realização da aprendizagem colaborativa. Esta ocorre quando há uma troca de experiências e informações, o que favorece o diálogo entre os pares na busca da construção de conhecimento. Segundo Íris Weiduschat apud Costa (2008, p. 39):

O tutor é o profissional da educação que atua nas situações programadas de ensino e aprendizagem presencial ou na orientação assistida a distância. É ele quem tem a relação direta com os alunos, auxiliando- o no manuseio e na aproximação dos conteúdos.

O presente trabalho adotará a posição de que o tutor é o orientador, o mediador das relações no ambiente virtual. Ele é o responsável por orientar os estudantes no percurso planejado pela instituição onde os cursos são oferecidos. Ele é o responsável por mediar relações que ocorrem entre os alunos e a instituição, os alunos e os meios de comunicação; e entre os alunos e os professores autores.

Dependendo do programa ou curso, a interação entre tutor e aluno na Educação a Distância é possibilitada pelo uso das Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC, que vieram para auxiliar o contato entre pessoas que encontram-se separadas geograficamente. As tecnologias são apenas suportes para que ocorra à educação. De acordo com Sathler (2008 p. 48) “a tecnologia não vai substituir o professor; pelo contrário, o papel do docente no processo de aprendizagem se torna mais crítico, complexo e essencial”.

O presente trabalho tem como objetivo geral:

- Identificar elementos que apontem a necessidade da formação específica do tutor para atuar no curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com ênfase em EJA.

Como objetivos específicos:

- Identificar os perfis que o tutor a distância assume na mediação do ambiente virtual.
- Identificar as dificuldades encontradas pelos tutores na relação com seus alunos, através das dúvidas apresentadas no fórum de tutoria.

A pesquisa na área de formação específica de tutores é necessária, pois são poucos os estudos nessa área que está em constante crescimento. A formação específica deve ser debatida, porque com o avanço dos cursos a distância, em especial no sistema UAB, é importante que os profissionais estejam capacitados e aptos para desenvolver um trabalho de qualidade com seus alunos.

Tomou-se como problema principal para a realização desse trabalho a seguinte pergunta: O Curso de Especialização em EJA definiu como critério de seleção dos tutores, experiência em Educação de Jovens e Adultos- EJA e atuação nessa modalidade. É possível assegurar que esses critérios são suficientes para a execução das tarefas dos tutores?

Neste trabalho foi analisada a atuação dos tutores no Curso de Especialização em Diversidade Cidadania, com ênfase em EJA, que ocorreu em parceria com a Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB. O trabalho consistiu na análise do fórum de tutores, espaço onde os tutores apresentavam as suas dúvidas aos professores autores que eram os responsáveis pelo planejamento e acompanhamento das disciplinas.

Para exercer a função de tutor no curso, os profissionais deveriam ter diploma em nível superior (licenciatura), terem mestrado ou estar cursando esse nível de ensino, experiência na modalidade de ensino de jovens e adultos – EJA e experiência em Educação a Distância.

A pesquisa foi realizada através da análise dos fóruns de tutoria. Os fóruns de tutoria eram espaços de encontro dos tutores e professores no ambiente virtual, que tinha por objetivo o compartilhamento de idéias, dúvidas e informações. Através dos questionamentos dos tutores registrados nesses fóruns se analisou a importância e relevância da formação específica para atuação no curso.

Foi utilizado o software N Vivo para a categorização das intervenções dos tutores. Isso foi necessário, pois os tutores debatiam diversos assuntos nesse fórum;

levantavam questionamentos sobre o curso e apresentavam perguntas com dúvidas técnicas, informativos e dúvidas sobre o tema abordado no fórum dos alunos.

A categorização das falas dos tutores possibilitou analisar as dúvidas que surgiram sobre os temas abordados no curso, assim como identificar as contribuições que a experiência em EJA teve no desempenho do tutor na orientação dos estudantes e a importância da formação específica nessa modalidade de ensino.

O tutor no ambiente virtual assume diversos papéis, com isso, ao analisar o fórum dos tutores buscou-se verificar quais eram os papéis assumidos por esses profissionais. A presença do tutor no ambiente virtual também foi outro ponto abordado. Analisou-se a importância de sua participação nos fóruns e a sua ausência.

O trabalho está dividido em quatro capítulos principais: Educação a Distância, O Tutor, Metodologia e Análise de Dados.

No primeiro Capítulo: Educação a Distância, é apresentado ao leitor o que é a Educação a Distância, como ela surgiu, como era desenvolvida anteriormente e como ela é trabalhada hoje. Expõe-se brevemente sobre a legislação que regulamenta essa modalidade de ensino, o que é o sistema UAB e o que são os pólos de apoio presencial.

No capítulo dois, relata-se quem é o tutor e a sua atuação nos cursos de EaD. Dedicar-se um capítulo a esse profissional, pois ele é o responsável pelas mediações que ocorrem nos cursos a distância. Neste capítulo, primeiramente é apresentado ao leitor quem é o tutor numa perspectiva geral. Em seguida, apresenta-se quem é o tutor na UAB, como é realizada a tutoria nesse programa. É analisada a diferença entre tutor presencial e tutor a distância e quais são os papéis que esse último assume nos fóruns. Finalmente, se destaca a regulamentação da profissão de tutor e a necessidade de uma formação específica para esse profissional.

O capítulo três, Metodologia, relata como foi realizada a pesquisa, os métodos utilizados, descreve a utilização de softwares na pesquisa qualitativa e o N Vivo. Neste capítulo é apresentado o curso de Especialização em Diversidade e Cidadania, com ênfase em EJA.

A Análise de Dados é trabalhada no capítulo quatro, onde se apresenta, de modo geral, como foram escolhidos os módulos trabalhados e explica-se sobre a necessidade de categorização das falas dos tutores. Mostra-se através das análises das intervenções dos tutores a necessidade de uma formação específica para esses profissionais e a importância de sua experiência em sala de aula. Discute-se sobre a importância do tutor

nos fóruns e sobre a mediação que exerce, bem como a necessidade da formação específica.

CAPÍTULO 1 – EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

1.1 - O que é a Educação a Distância?

A Educação a Distância - EaD é uma modalidade de ensino que tem conquistado muito espaço nos últimos anos, isso porque ela vem sendo bastante difundida através dos meios de comunicação, mas esse avanço não ocorreu apenas por essa divulgação. O governo federal também criou programas governamentais que privilegiaram esse tipo de ensino, um exemplo desses programas é a Universidade Aberta do Brasil- UAB. A EaD praticada hoje tem como característica principal o uso de tecnologias como o computador e a internet.

Uma característica distinta da EaD é a utilização de meios para a realização da comunicação. De acordo com o dicionário Aurélio (1993, p. 358) os meios são “Recurso(s) empregado(s) para alcançar um objetivo; método”. Utilizando dessa definição a Educação a Distância utiliza de diversos recursos para realizar o seu processo de ensino aprendizagem. Segundo o Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005, Educação a Distância:

Caracteriza-se como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

É importante perceber a necessidade de uma mediação pedagógica no processo de ensino e aprendizagem desenvolvido na Educação a Distância que utiliza de diversos recursos para realizar o contato entre professor e aluno. Esses recursos podem ser o correio postal, o correio eletrônico, o telefone, o rádio, a internet, entre outros. Esses contatos ocorrem de maneira síncrona ou assíncrona. Os contatos síncronos são aqueles que ocorrem em tempo real e os assíncronos ocorrem com um espaço de tempo diferido. Segundo Azevedo (2001) apud Almeida (2006, p. 89) através das atividades assíncronas tem-se “a possibilidade de se estabelecer comunicação independente da contiguidade e da simultaneidade”.

A Educação a Distância é uma modalidade de ensino adequada para atender às novas exigências educacionais. Tais exigências visam expandir a educação superior por todo o país, levando-a aos pontos mais remotos do Brasil. Sua implantação também visa contribuir com a democratização do acesso ao Ensino Superior. Por conta das condições de trabalho, as pessoas necessitam de uma flexibilização em seu horário de estudo para que consigam conciliar o trabalho, a família e o estudo. De acordo com Peters (1983: p.111) apud. Belloni, o “Estudo a distância é um método racionalizado de fornecer conhecimento que permite o acesso aos estudos universitários a um grande número de estudantes independentes de seu lugar de residência e de sua ocupação”. Segundo Lobo (2000), a EaD permite a “capacitação e a atualização dos profissionais da educação e a formação e especialização em novas ocupações e profissões”. A Educação a Distância no Brasil, hoje, tem a função de interiorizar o ensino superior e democratizar o acesso das populações que não possuem condições de freqüentar uma sala de aula convencional.

Na Educação a Distância o processo de ensino e aprendizagem é centrado no estudante. Segundo Keegan, o conhecimento, nessa modalidade, é adquirido através de orientações e diretivas e não através do contato pessoal, se busca atingir os objetivos através da eficiência e não pela interação pessoal. “Na EaD o sucesso do aluno depende em grande parte da motivação do estudante e de suas condições de estudo” (KEEGAN, 1983: p.29 apud Belloni). Mas não se restringe a apenas ao interesse do estudante e as suas condições. A presença de um tutor que o oriente e lhe mostre o caminho é fundamental nesse processo de ensino e aprendizagem a distância.

A definição de EaD adotada nesse trabalho é de Maia e Mattar (2007, p.6 e 7):

A (...) EaD é aplicada a atividades de ensino aprendizagem em que o aluno e professor estão separados fisicamente, o que as distingue, por exemplo, do ensino presencial. Em EaD ocorre uma separação geográfica e espacial entre o aluno e o professor, e o mesmo entre os próprios alunos, ou seja, eles não estão presentes no mesmo lugar, como no caso do ensino tradicional. (...) Além da separação física, costuma-se também associar a EaD à separação temporal entre alunos e professores. (...) , na maior parte dos casos, as atividades em EaD são assíncronas. (...) , a EaD possibilita a manipulação do espaço e do tempo em favor da educação. O aluno estuda onde e quando quiser e puder. (...) , se auto programa para estudar, de acordo com o seu tempo e a sua disponibilidade. (...) A EaD é um modalidade de ensino e aprendizagem que precisa ter o apoio de – e ser planejada por- uma instituição de ensino.

Esta definição foi adotada, pois contempla a realidade da Educação a Distância vivida hoje no Brasil, onde os alunos encontram-se, algumas vezes, a quilômetros de distância de seus orientadores. Essa separação geográfica não prejudica os estudos, pois através das atividades assíncronas, os alunos estão em contato permanente com os tutores. Vale destacar que a Educação a Distância favorece os trabalhadores, que procuram essa modalidade de ensino com o intuito de uma especialização ou complementação dos estudos, e se vêem favorecidos, pois a modalidade permite que o aluno estude em um horário e localidade que lhe seja mais conveniente.

A Educação a Distância como modalidade de ensino permite ao estudante a possibilidade de uma auto-aprendizagem. Essa forma de aprendizagem é possível através da mediação dos meios de comunicação, sendo que esses meios podem ser utilizados de forma isolada ou combinada e vinculados com outros recursos tecnológicos, Chermann e Bonini (2000). É necessário lembrar que mesmo o aluno tendo autonomia para organizar seus horários e sua disciplina de estudo o papel do tutor é fundamental na construção do conhecimento do aluno. O tutor deve se mostrar presente sempre na mediação das relações que ocorrem tanto no ambiente virtual como nos encontros presenciais. O diferencial que ocorre na Educação a Distância, nos dias atuais, é que alunos e professores podem interagir e comunicar-se de forma que ambos trocam experiências e conhecimentos.

1.1.1-EaD Ontem

Estudiosos da área de Educação a Distância não conseguiram identificar a origem do início dessa modalidade de ensino. Alguns acreditam que ela possa ter ocorrido a partir do momento em que os humanos adquiriram linguagem e passaram a transmitir os seus conhecimentos, uma parte acredita que ela possa ter se iniciado com as cartas de Platão em 385 a.C., outros afirmam que se iniciou com as cartas que São Paulo enviava a seus discípulos. Alguns estudiosos afirmam que a EaD só foi possível a partir da invenção da imprensa no século XV.

Muitas são as controvérsias sobre o número de gerações que explica a evolução histórica da EaD. Autores como Cabral, Oliveira e Tarcia apud. Dias e Leite (2010) afirmam que a Educação a Distância está dividida em quatro gerações. Segundo Taylor apud. Dias e Leite (2010), já estamos na emergência da quinta geração, onde a

Educação a Distância possui potencial para reduzir significativamente os gastos com acesso.

Historicamente, para fins de estudos e análises neste trabalho, consideramos que a EaD está dividida três gerações. Para Maia e Mattar (2007), a primeira geração, surge no século XIX através do desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação. Essa primeira geração ficou conhecida pelo ensino através das correspondências, materiais impressos e enviados pelo correio para seus estudantes. Segundo Chermann e Bonini (2000), a primeira escola de línguas por correspondência teve a sua criação no ano de 1856, na cidade de Berlim. Foram criadas muitas outras como a International Correspondence Institute, em 1891 e a Universidade de Chicago.

A segunda geração ficou conhecida pela inclusão de novas ferramentas, como a televisão, o rádio, fitas de vídeo e o telefone. Dessa forma, no século XX, o ensino a distância se consolida modificando o seu meio de comunicação, passando a utilizar transmissões radiofônicas e televisivas. É a partir desse momento que são criadas as universidades abertas de ensino a distância, influenciadas pelo modelo da Open University britânica, fundada de 1969, Maia e Mattar (2007).

A terceira geração é conhecida como a Educação a Distância on-line. A partir dessa geração foram introduzidos a internet, o computador e todas as outras ferramentas que envolvem aparatos tecnológicos. Nesse momento todas as ferramentas se interagem para auxiliar da melhor forma o aprendizado do estudante. Segundo Maia e Mattar (2007), o desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação permitiu a criação de um espaço virtual de aprendizagem. Esse novo modelo foi considerado inovador, pois nele o aluno é o centro e a partir desse momento as instituições devem pensar em estratégias de aprendizado.

No Brasil, não existem relatos precisos de quando essa modalidade de ensino surgiu. A autora Picanço (2003, p. 233), afirma que a EaD no Brasil teve o seu desenvolvimento “intimamente ligado com o desenvolvimento político, econômico, cultural, ideológico, educacional e tecnológico” do país. Alguns autores como Dias e Leite (2010) e Alves apud. Dias e Leite (2006) colocam como marco histórico da Educação a Distância no Brasil a implantação das “Escolas Internacionais” em 1904, que utilizavam os correios e as ferrovias para distribuir o material didático para seus alunos. Em 1934, foi inaugurada a Rádio-Escola Municipal no Rio de Janeiro, onde os

alunos recebiam folhetos prévios das aulas e também utilizavam da correspondência para contato com os estudantes, Dias e Leite (2010).

Através da popularização do rádio a pilha, na década de 1960, Picanço (2003, p. 234) afirma que foram criadas as escolas radiofônicas de Natal – RN, que deram origem “ao importante e revolucionista”, Movimento de Base (MEB), um programa ligado a Igreja Católica e ao governo, que segundo Dias e Leite (2010), oferecia um programa de alfabetização para adultos através do rádio educativo. Dentre outros projetos podemos citar os cursos por correspondência do Instituto Universal Brasileiro e o Projeto Minerva, de difusão pelo rádio. Na década de 70, com a expansão da televisão, foram criados os Telecursos.

Percebe-se que é muito parecida a evolução ocorrida na Educação a Distância no mundo e no Brasil. Pode-se dizer que o Brasil teve como base a EaD implementada nos países desenvolvidos, mas hoje a Educação a Distância no Brasil caminha junto com a EaD realizada por grandes potências na nova construção dessa modalidade de ensino.

1.1.2- EaD hoje

Muitas são as universidades e institutos no Brasil e no mundo que oferecem cursos a distância. Em outros países, existem algumas universidades que oferecem cursos de mestrado e doutorado. É interessante verificar como essa modalidade vem crescendo, proporcionando às pessoas que, anteriormente, não teriam acesso a educação superior ingressem nessa modalidade de ensino e possam ter uma melhor qualificação para o mercado de trabalho.

A Educação a Distância hoje está presente em grande parte das universidades brasileiras públicas e privadas, oferecendo cursos de graduação e pós-graduação. Grande parte dessas universidades que oferecem cursos a distância buscam levar a Educação Superior aos lugares mais distantes do Brasil, proporcionando assim a democratização do acesso.

A Educação a Distância hoje é diferente de 20 anos atrás. Essas mudanças só foram possíveis pelo avanço das tecnologias utilizadas no desenvolvimento dos cursos. Além das mudanças paradigmáticas de caráter tecnológico, a mudança na interação entre aluno e professor também caracteriza essa nova EaD. Hoje, é muito mais fácil e

rápido o contanto entre os alunos e seus professores. Isso é muito importante para o crescimento dessa modalidade de ensino, porque permitiu que os estudantes não se sentissem sozinhos, ao contar com o suporte dos professores que sempre estão conectados no ambiente virtual para solucionar as suas dúvidas e questionamentos, e contato com seus colegas de turma, interagindo com eles e realizando a aprendizagem colaborativa.

Hoje, a didática de ensino, adotada nos cursos a distância com o auxílio das tecnologias, permite que os estudantes e professores estejam conectados ao mesmo tempo em localidades distintas, facilitando a interação entre eles. Outras ferramentas também são comuns a essa nova EaD, são elas: os fóruns, chats, videoconferências, glossários, wikis¹, lições, entre diversos outros componentes que facilitam e estimulam o progresso e a não desistência dos estudantes nos cursos.

Destaca-se, como principal diferença entre a EaD ontem e a EaD hoje, o processo educativo de ensino aprendizagem. Atualmente, o ensino privilegia o aluno, colocando-o como o centro de todas as atividades e discussões realizadas. Anteriormente, o ensino tinha como centro o professor, onde ele era o detentor de todo o conhecimento. Dessa forma, os alunos não tinham o direito de levantar questionamentos nem dúvidas. Hoje, o ensino tem como foco o aluno, permitindo que eles, construam, o conhecimento. Dessa forma o professor deixa de ser o centro, o conhecedor de toda a matéria a ser ministrada, fazendo com que seja possível a discussão entre todos os sujeitos da aprendizagem, permitindo dessa forma uma aprendizagem colaborativa. Antigamente o estudo era fechado, os livros impressos eram entregues através das correspondências e os alunos não tinham com quem esclarecer as suas dúvidas. Ficavam restritos aos conhecimentos que era trazido nos livros e em outros recursos didáticos. As modificações que ocorreram na Educação a Distância nos últimos tempos visaram o melhor aproveitamento do estudante no ambiente virtual.

Segundo Maia e Mattar (2007), a EaD também vem sendo utilizada com bastante sucesso no treinamento em serviço, de funcionários do setor público. Alguns exemplos desse uso podem ser vistos no Tribunal de Contas da União (TCU), na

1 Wiki: Ferramenta utilizada na plataforma Moodle que possui a finalidade de criar documentos de forma colaborativa. Os participantes trabalham de forma assíncrona na construção desse material.

Marinha, no governo do Estado de São Paulo, entre diversos outros órgãos. Em Brasília, a Educação a Distância foi utilizada na formação de professores que atuavam em escolas públicas no ensino básico e ainda não possuíam graduação. Esses professores realizaram um curso de graduação em Pedagogia para professores em início de escolarização, que foi oferecido pela Universidade de Brasília. Através desses programas, a EaD vem ganhando força e destaque nas mídias e entre a população, que a partir desse advento começou a procurar a modalidade para fazer cursos de nível básico a até cursos de graduação e pós- graduação.

Alguns preconceitos que existiam sobre a EaD vem diminuindo com grande avanço que essa modalidade de ensino tem tido nos últimos anos. Alguns desses preconceitos correspondem a qualidade do ensino, que muitos julgam ser inferior ao de cursos presenciais. O que se percebe hoje é que a qualidade do ensino a Distância pode ser comparado à do ensino presencial, ou até superior, em alguns casos. Outro grande benefício dessa modalidade é o custo benefício, pois alunos que anteriormente teriam que gastar muito em transporte, moradia e alimentação, hoje não precisam se deslocar para as capitais para ter acesso ao um ensino de qualidade. Um exemplo bem sucedido no Brasil é o do curso de Pedagogia, oferecido pela Universidade de Brasília, no estado do Acre.

1.2- A Educação a Distância e a legislação

No Brasil, a Educação a Distância é amparada por Lei. Ela aparece de forma implícita na Constituição Federal de 88 e de forma explícita na LDB 9394/96 artigo 80, onde ela é apresentada como uma modalidade de ensino. Carneiro 2010, destaca que a LDB fala em Educação a Distância e, não em Ensino a Distância, dessa forma, o foco é o aluno- cidadão e sua aprendizagem.

A Educação a Distância, no Brasil, só foi oficializada através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1996 e normatizada pelo Decreto n. 2.494 de 10 de fevereiro de 1998, pelo Decreto n.2.561 de 27 de abril de 1998 e pela Portaria Ministerial n.301 de 7 de abril de 1998.

EaD ganha o título de modalidade de ensino no Brasil em 1996 através da LDB 9394/96 onde teve as suas bases legais estabelecidas. Ela aparece de forma explícita no art. 80 e no art. 87.

O artigo 87 trás de forma clara que os cursos à distância, podem ser utilizados para promover cursos para estudantes de EJA, além de realizar programas de capacitação para os professores em exercício.

1.3- Universidade Aberta do Brasil - UAB

A Universidade Aberta do Brasil – UAB foi instituída com a finalidade de interiorizar e expandir a oferta de cursos e programas de educação superior na formação inicial e continuada para professores, diretores, dirigentes e trabalhadores do ensino básico. A UAB foi instituída pelo Decreto 5.800, de 8 de junho de 2006, com o objetivo de contemplar o que é previsto no art. 80 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação que prevê o desenvolvimento e a criação de programas de ensino a distância em todos os níveis.

De acordo com o Decreto 5.800 de 2006, outro objetivo da Universidade Aberta é promover o desenvolvimento institucional da modalidade a distância, assim como apoiar pesquisas no ensino superior apoiadas nas tecnologias de informação e comunicação. É importante lembrar que a UAB não é uma nova instituição de ensino, ela articula instituições de Ensino Superior públicas e governos locais para ofertar os cursos.

Para que esse programa seja executado, o Governo Federal firmou contrato com as instituições públicas de ensino superior e acordos de cooperação técnica ou convênios com entes federativos interessados em manter os polos de apoio presencial, mediante um edital publicado pelo Ministério da Educação, que informa os requisitos básicos para participar nessa concorrência.

Segundo Dias e Leite (2010 p.28), “a organização do sistema UAB prevê a criação de consórcios públicos, com personalidade jurídica de direito público ou de direito privado” criados com base na Lei 11.107, que legisla sobre a contratação de consórcios públicos. Esses consórcios serão firmados com instituições federais de educação superior e com os polos municipais que são responsáveis pelos encontros presenciais. Para melhor organizar os consórcios da UAB, foi criada a Associação de Fomento à Universidade Aberta do Brasil (Afuab), responsável por promover, coordenar e organizar os enlances firmados entre as instituições e a UAB nas esferas federais, estaduais e municipais. Além disso, segundo Dias e Leite (2010), a Asfuab é

responsável por criar as condições legais para a certificação dos cursos de pós-graduação lato sensu das Empresas Estatais e firmar as bases do sistema UAB.

A oferta de cursos ocorre através de propostas apresentadas pelas instituições públicas de ensino superior ao Ministério da Educação, visando atender a populações que estão em regiões onde não tem acesso a cursos superiores ou onde os cursos ofertados não são suficientes para atender a toda a população. De acordo com Dias e Leite (2010), as propostas são avaliadas por especialistas do MEC que analisam a viabilidade da oferta pelas universidades e o funcionamento dos pólos de apoio presencial nos municípios.

Para justificar a Universidade Aberta do Brasil e seu atual crescimento DIAS e LEITE (2010, p. 31) afirmam:

É fato que as instituições de Ensino Superior públicas não acompanharam a demanda por serviços de educação e formação profissional nos últimos anos. As políticas de ajuste econômico e de contenção de despesas afetaram o crescimento das instituições públicas, ocasionando um déficit educacional. Portanto, existe um déficit do sistema público em relação à oferta de vagas nas instituições de Ensino Superior no país. Isto posto, a EAD entra, então, em cena, visando, sobretudo, ampliar o mercado de prestação de serviços educacionais e fornecer inúmeros cursos de formação e qualificação profissional.

A Universidade Aberta do Brasil é um programa governamental que veio para suprir a carência de Ensino Superior no Brasil, de forma a atender as populações mais distantes. Essa política tem beneficiado as populações que possuem dificuldade de acesso as universidades.

1.3.1- Polo de apoio presencial

Os polos de apoio presencial, segundo a Portaria Normativa nº 02/2007, é uma unidade operacional para o desenvolvimento de atividades pedagógicas e administrativas descentralizadas relativas aos cursos ofertados a distância. Dessa forma, são locais onde os estudantes se encontram para realizar atividades referentes ao curso.

Nesses polos devem ser oferecidas estruturas físicas, tecnológicas e pedagógicas de boa qualidade, para que os alunos possam acompanhar os cursos à distância. Além disso, essas são exigências mínimas para o funcionamento do polo.

Nos polos, serão realizadas atividades presenciais, previstas no Decreto nº 5.622, art. 10. Essas atividades consistem em avaliações, apresentações de trabalhos, defesas, práticas de laboratório e estágios.

O polo de apoio presencial foi criado com o intuito de sediar atividades avaliativas presenciais e dar suporte tecnológico para os alunos que não possuem o seu próprio equipamento em casa. Os Estados e Municípios são os responsáveis por organizar, estruturar e manter esses polos, de acordo com as normas explicitadas no edital. Eles são responsáveis pela estrutura física e tecnológica, além da contratação de pessoal visando a execução de metas e atividades propostas.

Segundo Dias e Leite (2010), os polos de apoio presencial poderão se associar a uma ou mais instituições públicas de ensino, que assumirão a responsabilidade pela execução das atividades acadêmicas dos cursos e a expedição de diplomas aos estudantes concluintes.

A criação dos pólos pelos Municípios e/ou Estados deverá está estruturado de acordo com o edital e ele deve contemplar: infra-estrutura física e logística (laboratórios, biblioteca e recursos tecnológicos), os recursos humanos necessários (tutores, equipe técnica e administrativa) e listar os cursos a serem oferecidos com as suas respectivas vagas. Quando analisados os critérios eles visaram a adequação e conformidade do projeto com os cursos a serem oferecidos, a carência de oferta de Ensino Superior na região e a pertinência dos cursos demandados, Dias e Leite (2010).

De acordo com o site da UAB, existem alguns requisitos mínimos para o funcionamento dos polos, a lista completa de recursos físicos e humanos encontra-se no

anexo 1² e 2³. No quadro de recursos humanos, é informado, como recurso mínimo para o funcionamento do polo a presença de coordenador, tutor presencial, técnicos de laboratório pedagógico, técnico em informática, bibliotecário e um auxiliar para secretaria.

Com relação aos recursos humanos, o coordenador do polo é a pessoa responsável pela administração e gerenciamento acadêmico. Ele é responsável pelo bom funcionamento e gerenciamento dos recursos financeiros e materiais, além de coordenar a atuação do tutor presencial. O tutor presencial é o responsável por atender aos alunos, sanar as suas dúvidas e auxiliá-los em qualquer dificuldade quando eles se dirigem aos polos. Os polos ainda devem contar com a presença de um técnico de laboratório pedagógico, um técnico em informática, um bibliotecário e um auxiliar de secretaria.

Como recurso materiais mínimos, é especificado detalhadamente que cada sala deve possuir: uma mesa de reunião para quatro pessoas, cadeiras estofadas e com braço, computadores completos, scanner, entre outros objetos.

O que se conclui dessas exigências mínimas de recursos materiais e humanos é que o governo está preocupado com a qualidade das instalações dos pólos de apoio presencial. O que se deve questionar e se eles estão funcionando da maneira que se pede no regulamento.

2

Fonte: http://www.uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17&Itemid=31 – acessado em 15/6/2011

3

Fonte: http://www.uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17&Itemid=31 – acessado em 15/6/2011

CAPÍTULO 2 – O TUTOR NOS CURSOS A DISTÂNCIA

2- O Tutor

De acordo com Duarte (2008), a tutoria surgiu no século XV nas universidades, com a função de disseminar a fé, dessa forma sendo utilizada com caráter religioso e de difundir o caráter moral. A partir do século XX, o tutor assumiu o papel de orientador do trabalho acadêmico nas universidades presenciais. Ele era o responsável por auxiliar e orientar os estudantes acadêmicos.

Na Educação a Distância o tutor surgiu de forma acanhada. Nas primeiras formas de EaD, existia apenas o profissional que corrigia a avaliação dos estudantes. A esse profissional não podia chamar de tutor, pois ele não auxiliava o aluno em suas dificuldades. Ele tinha apenas o papel de corretor. Com o avanço e modificações no modelo de Educação a Distância, surgiu o modelo de tutor a que esse trabalho se refere.

O Tutor é professor. A maioria dos profissionais que atuam como tutores na EaD são licenciados. Nesse trabalho será adotada a concepção de que o tutor é o professor orientador na Educação a Distância. Segundo Mercado (2007), ele tem a função de “acompanhar, motivar e estimular a aprendizagem autônoma do aluno, utilizando-se de metodologias e meios adequados para facilitar a aprendizagem”. Através dos diálogos, das indagações, das discussões entre os diferentes pontos de vista, das diversificações culturais, do respeito entre formas próprias de se ver e se colocar diante dos conhecimentos, o tutor assume função estratégica.

A ação do tutor deve buscar superar os obstáculos da aprendizagem a distância, dessa forma, ele deve manter um contato próximo e personalizado com o aluno, apoiando-o durante todo o curso. A tutoria pode-se dividir em presencial e a distância. Essa divisão é característica do Sistema UAB. Existe uma grande diferença no trabalho de ambos, que mais adiante será explicada com maior clareza essa diferença.

Os tutores, tanto eletrônicos como de sala, têm papel chave no processo educativo na Educação à Distância (EaD). Eles são profissionais que atuam na mediação das ações pedagógicas e de interação entre professores, alunos e conteúdo. Além disso, devem atuar como facilitadores do processo de ensino e aprendizagem, buscando a concretização dos princípios da autonomia e responsabilidade do aprendiz, contribuindo para a construção de espaços colaborativos de aprendizagem, nos ambientes virtuais (SISTEMA DE ENSINO PRESENCIAL CONECTADO, 2009, p.2).

O tutor é o pilar da Educação a Distância, pois ele atua em conjunto com os estudantes, fazendo-os refletir sobre os principais pontos. Ele deve ser o facilitador do processo de ensino e aprendizagem, estimulando os alunos a construir colaborativamente o seu aprendizado.

O tutor a distância é responsável por acompanhar os alunos no ambiente virtual, mantendo com ele um contato contínuo, facilitando assim o esclarecimento de dúvidas. Além disso, ele é o responsável por conduzir os fóruns, direcionando a reflexão dos alunos e os questionando em relação aos temas.

No sistema de Educação a Distância o tutor a distância é o principal agente de apoio e suporte para os alunos no ambiente virtual. São eles que orientam o processo de aprendizagem, gerenciam os grupos, promovem interações e dão feedbacks (Emerenciano et. al, 2007, apud Rosseti e Alves).

O tutor presencial exerce as suas atividades nos polos. Ele é responsável pelos agendamentos de atividades presenciais, lembrete sobre as datas e atendimento aos estudantes que procuram a unidade para sanar as suas dúvidas. O tutor presencial deve ter uma atitude de compreensão do outro e que seja capaz de interagir com o grupo, coordenando para que todos cheguem ao final do curso. Para isso, é necessário organização, dinamismo, co-responsabilidade, habilidade de trabalhar em equipe, capacidade para procurar soluções e lidar com as novas situações do curso e dos alunos.

É função do tutor presencial avaliar os alunos nos momentos de atividades ou avaliações presenciais e manter contato direto com o tutor a distância através da plataforma AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem ou e-mail, para que possam estar cientes do desempenho de seus alunos.

2.1- A Tutoria no Sistema UAB

A Universidade Aberta do Brasil apresenta um modelo de tutoria que é composta de tutores presenciais e os tutores a distância. Esses tutores trabalham em conjunto nos cursos a distância, mas possuem algumas atribuições didáticas diferentes. Um dos objetivos da tutoria da UAB é mediar o aprendizado colaborativo, onde todos os atores conversam construindo juntamente um conceito. Segundo Okada (2003) apud Netto (2006, p. 59):

No aprendizado colaborativo não existe necessariamente um único propósito coletivo e é encorajada a interação visando principalmente à descentralização do papel do professor, todos são aprendizes e podem contribuir um com o outro.

Através dessa passagem pode-se perceber que é necessário que ocorra o diálogo entre os alunos, buscando que eles troquem informações construindo um conhecimento. Vale lembrar que é necessária a presença do tutor. Ele não deve ser esquecido, nem se fazer esquecido, pois a sua presença favorece para que os alunos não construam conceitos errados.

Para que essa construção do saber ocorra é necessário o envolvimento de diversos atores. Pode-se dizer que o tutor é o pilar dessa mediação, pois é ele quem faz a ligação entre os estudantes e seus pares; entre os estudantes e professores autores; além de intermediar a relação entre os estudantes e a coordenação do curso.

Para Nobre (2005, p.4) apud Duarte (2008) o tutor deve proporcionar ao aluno:

(...) no diálogo, na troca de experiências e no debate de questões de forma instigadora, possibilitando ao aluno agir como construtor do seu conhecimento. Nessa orientação a ação desenvolvida pelos tutores liga-se mais a um fazer docente de mediação pedagógica, do que a uma ação de transmissão do conhecimento.

É necessária essa troca de experiências para que o conhecimento se fixe e produza frutos. É fundamental que o tutor, na UAB, realize a mediação dessa troca de conhecimento, fazendo com que o aluno sinta vontade em aprender sempre mais. O

trabalho do tutor não deve se resumir apenas na transmissão do conhecimento, mas ele deve entender o que seu aluno está dizendo com aquele pensamento.

O trabalho do tutor não se restringe ao ambiente virtual, porque ele está presente nos polos de apoio presencial realizando os atendimentos. Os tutores que trabalham nos polos da UAB são denominados tutores presenciais. Eles atuam nas unidades físicas do curso e são responsáveis por atender às solicitações dos alunos, agendarem encontros presenciais e auxiliar os tutores a distância e professores autores.

Para realizar um trabalho de tutoria é necessário que o profissional entenda os processos que ocorrem na Educação a Distância, estando devidamente preparado para orientar os seus estudantes, pois sem esse conhecimento o tutor pode realizar um trabalho em que os alunos saiam prejudicados e, dessa forma, vejam a EAD como um sistema ruim de aprendizado.

Na Educação a Distância, é necessário que o tutor utilize todos os recursos disponíveis para motivar os seus alunos na aprendizagem, pois apenas dessa forma eles construirão uma aprendizagem significativa e poderão aplicar o conhecimento adquirido no curso em qualquer ambiente em que se encontrem.

A Educação a Distância desenvolvida pela Universidade Aberta do Brasil, ocorreu para suprir a demanda de Ensino Superior que apresenta grande déficit de vagas nos cursos presenciais, nas universidades públicas. A UAB foi desenvolvida na modalidade a distância, utilizando da internet como ferramenta para o aprendizado. O uso da internet facilitou a interação dos estudantes com os seus pares, pois podem se conectar com eles em qualquer local, a qualquer momento. É fundamental a mediação do tutor nessas interações entre alunos, pois é a partir delas que ocorre a aprendizagem.

Para atuar como tutor nos cursos a distância é necessário que esse profissional tenha um conhecimento e familiaridade com os ambientes de aprendizagem virtual. É conveniente que se tenha conhecimento nos recursos tecnológicos utilizados e nas plataformas. É de fundamental importância que os tutores tenham um conhecimento na área em que vão atuar. No sistema UAB é exigido dos tutores que tenham uma experiência mínima na área de atuação. É necessário que tenha a formação específica, pois se ele não possuir essa experiência ele debaterá com seus alunos de forma superficial, pois não conhecerá com profundidade o assunto ministrado.

O tutor na Educação a Distância deve desenvolver no aluno a necessidade de saber e produzir conhecimento. Deve realizar essa atividade de modo a despertar esse desejo por conhecimento nos estudantes. Segundo Duarte(2008, p. 11) “(...) o tutor não tem trabalho meramente técnico onde apenas tem que seguir o que está prescrito de forma linear, seu trabalho lhe dá a possibilidade de demonstrar a sua criatividade em benefício do aluno”. O diferencial na tutoria da Universidade Aberta do Brasil é que o tutor não tem um roteiro a seguir, ele é responsável por construir com seus alunos o saber e conduzi-los, de acordo com o curso, na construção do conhecimento.

Na EAD das primeiras gerações, o tutor era visto apenas como alguém que orientava e dirigia o ensino, ele não tinha a responsabilidade de ensinar, a quem era atribuído esse papel era aos “materiais” (livros, apostilas, etc.) que eram distribuídos para os estudantes. Diferente desse pensamento, na Educação a Distância praticada hoje, é possível que o tutor seja aquele quem ensina e também aquele responsável por mediar e coordenar a aprendizagem colaborativa. Aprendizagem colaborativa é aquela em que todos os participantes interagem construindo um conhecimento.

Nos modelos mais bem sucedidos de Educação a Distância, os alunos tem um acompanhamento contínuo, dessa forma não permitindo que o aluno estude sozinho, nem se sinta desamparado na caminhada. É fundamental que o tutor compreenda o seu papel no percurso enfrentado pelo aluno, ajudando-o em qualquer obstáculo e proporcionando auxílio a todo momento.

2.2- A Diferença entre tutor presencial e tutor a distância na Educação a Distância

O trabalho do tutor nos cursos a distância não é menor do que a de um professor presencial. Em alguns momentos, o tutor deve ser altamente qualificado para exercer as funções de maneira adequada. De acordo com os Referenciais de Qualidade para a Educação a Distância de 2007 do MEC (p.20), os tutores devem ser capazes de:

- a) Estabelecer os fundamentos teóricos do projeto;
- b) Selecionar e preparar todo o conteúdo curricular articulado a procedimentos e atividades pedagógicas;
- c) Identificar os objetivos referentes a competências cognitivas, habilidades e atitudes;
- d) Definir bibliografia, videografia, iconografia, audiografia, tanto básicas quanto complementares;
- e) Elaborar o material didático para programas a distância;
- f) Realizar a gestão acadêmica do processo de ensino-aprendizagem, em particular motivar, orientar, acompanhar e avaliar os estudantes;
- g) Avaliar-se continuamente como profissional participante do coletivo de um projeto de ensino superior a distância.

Com todas essas habilidades os tutores precisam desempenhar de maneira satisfatória o seu trabalho. Eles devem conseguir preparar o material de forma adequada para seus alunos e mediar as relações que ocorrem. Para que esse trabalho seja realizado de maneira eficaz os tutores são divididos em duas categorias: presencias e a distância. O trabalho desses profissionais deve contribuir para o desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem.

O tutor presencial, na Educação a Distância, é o profissional que fica nos polos de apoio presencial. Ele desenvolve o seu trabalho nesse ambiente, onde fica disponível, em horários pré-estabelecidos, para atender aos alunos e auxiliá-los no que for necessário.

O tutor presencial é responsável também por ajudar os tutores a distância preparando datas e o local para os encontros presenciais, além de participar desses encontros. Auxiliar a coordenação do curso no levantamento de dados. Ele também é responsável por receber materiais que chegam nas unidades dos polos, como livros e documentos relativo aos cursos. Esse profissional deve-se manter em contato constante com a coordenação do curso e com os estudantes.

O tutor a distância é o responsável pela condução dos estudantes no ambiente virtual. É através da sua orientação que o conteúdo será ministrado aos estudantes, dessa forma, eles são os responsáveis por essa mediação de relações. Devem proporcionar ao estudante prazer em estudar a distância, pois apenas dessa forma o ensino será visto como de grande valor. Para isso, eles devem buscar estratégias e didáticas diferentes para conseguir alcançar esse objetivo.

Segundo os Referenciais de Qualidade para a EaD do MEC (2007), a principal atribuição do tutor a distância é o esclarecimento de dúvidas através dos fóruns no ambiente on-line, pelo telefone, a participação nas web conferências e as demais atribuições previstas no projeto político pedagógico. O tutor a distância deve proporcionar espaços onde seja possível uma construção coletiva do conhecimento, lembrando sempre de mediar esses espaços para que os alunos não se sintam sozinhos e isolados.

Também é papel do tutor a distância dar suporte aos alunos com textos e atividades que os façam avançar na construção do conhecimento. O tutor a distância também participa das avaliações juntamente com os professores da disciplina. Nos cursos da UAB, ele é responsável por avaliar as atividades entregues por seus alunos. É ele que atribui as notas e apresenta o feedback para os estudantes.

Segundo os Referenciais de Qualidade para a EaD (2007), é de responsabilidade do tutor presencial e do tutor a distância o conhecimento do projeto pedagógico do curso, o conhecimento do material didático utilizado e o domínio dos conteúdos ministrados. Através desse domínio e conhecimento os tutores poderão estimular o hábito de pesquisa e leitura nos estudantes, esclarecendo possíveis dúvidas sobre conteúdos específicos, além de sanar dúvidas de caráter tecnológico.

Para exercer a função de tutor, tanto presencial, como a distância, é fundamental que esses profissionais tenham o domínio do conteúdo, porque a partir desse domínio eles terão a capacidade de estimular criticamente o raciocínio de seus alunos, fazendo com que eles busquem adquirir novos conhecimentos. É conveniente que eles possuam esse conhecimento para poderem dialogar com seus alunos de maneira não superficial.

De acordo com os Referenciais de Qualidade para a EaD (2007, p. 22), é fundamental que as instituições promovam planos de capacitação de seu corpo docente, é levantado que um programa de capacitação docente deve ter três dimensões: “1- Capacitação do domínio específico do conteúdo; 2-Capacitação em mídias de comunicação; e 3- Capacitação em fundamentos de EaD e no modelo de tutoria”. Através do domínio desses requisitos o tutor deve procurar sempre um aprofundamento na sua área, não ficando obsoleto as novas informações que surgem.

2.3- Quais os papéis que o tutor a distância assume na Ead

A Educação a Distância pode ser realizada de diversas maneiras, seja por carta, televisão, telefone, internet, web conferência, entre outros. A EaD, hoje, rompe a barreira da distância e quebra os paradigmas tradicionalistas, mas essa mudança só ocorre com o auxílio dos tutores, que são os responsáveis por mediar às relações que ocorrem no ambientes de aprendizagem.

Para que eles consigam essa educação diferenciada com o uso das tecnologias é necessário que eles modifiquem os seus estilos de ensino, direcionem o seu modo de ensinar para o ambiente virtual, percebam que existem diferenças no ensino presencial e no da distância e entenda que, assim como no presencial, os alunos possuem as suas culturas e percepções diferenciadas. Para se fazer uma boa Educação a Distância é importante que o aluno seja o centro, pois é a partir dele que todo o conhecimento será construído e consolidado; através de suas intervenções nos fóruns, nos seus questionamentos a outros alunos e nas suas dúvidas, seja assíncrona ou sincronamente, pois os alunos também poderão entrar em contato com os tutores presenciais nos pólos e com os outros alunos nos dias de atividade presencial.

Na Educação a Distância segundo Belloni (1999) apud Dias e Leite (2010) existe uma “transformação do professor (tutor) de uma entidade individual em uma entidade coletiva”, pois é necessário que ele domine conhecimento de formatação gráfica, de textos, que ele domine o assunto ministrado no fórum, saiba trabalhar na plataforma e que assuma muitas outras competências.

A tutoria a distância é o vínculo entre os alunos, o ambiente virtual, a instituição e os professores autores. Para que ocorra essa interação entre as diversas partes do sistema, o tutor a distância assume diferentes papéis nas situações que lhe são apresentadas. Para assumir com competência todas as atribuições que lhe são confiadas o tutor necessita dispor de “novas” metodologias viabilizadas através de “novas” tecnologias (Ramos at. AL, 2005), tendo também que possuir uma competência técnica e legal na área (Mercado, 2007).

Os papéis que os tutores assumem no ambiente virtual são importantes para entendermos a relevância desses profissionais nos cursos. A maioria dos papéis assumidos são referentes ao tipo de mediação que os tutores realizam na plataforma.

Analisando os diversos autores da área de Educação a Distância não se localizou um que relatasse todos os papéis assumidos pelo tutor. Visando suprir essa carência, foram selecionados os principais papéis assumidos pelos tutores pelos diversos autores que estudam a EaD.

2.3.1- Tutor Animador:

Segundo Gonzales (2005) “o professor- tutor comporta-se como um verdadeiro animador, apresentando o curso de uma maneira lúdica e criativa e propiciando a interação contínua entre todos os envolvidos”. Desse modo, para o autor um dos papéis do tutor é de motivar a turma e lhes apresentar um estímulo constante para que não desanimem durante o curso.

Para Andrade (2010, p.46) “..., não se pode atribuir ao tutor o mero papel de animador, de facilitador do processo”. O tutor deve ser o responsável por estimular o conhecimento do aluno forçando-o a visualizar novos caminhos e percepções. Diante desse pensamento, o tutor é o gestor do conhecimento que busca a excelência no compartilhamento das informações (Ramos at. Al 2005).

Assim, o tutor animador é o responsável por estimular a participação dos estudantes no ambiente virtual, não deixando que eles desanimem, e nem deixando que abandonem o percurso antes de concluir o curso.

2.3.2- Tutor Incentivador:

Segundo Lévy (1999) apud Dias e Leite o papel do tutor não é o difundir conhecimento, pois existem meios que o fazem de forma mais eficaz e sim o de facilitar essa aprendizagem. Lévy (1999):

Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc.

Com isso, o tutor através da mediação pedagógica deve ser o responsável por incentivar a participação dos cursistas nos fóruns, estimulando o conhecimento e a interação entre os pares, para que através desse contato possam realizar a aprendizagem colaborativa.

2.3.3- Tutor Orientador:

Para Sherry apud Tavares (2000) apud Dias e Leite o tutor passa a se ver como um orientador, fazendo mediações, apresentando modelos, explicando, redirecionando o foco, oferecendo opções aos seus alunos. É importante que ele levante questionamentos, mas é necessário que ele deixe que seus alunos debatam sobre o assunto e eles próprios tirem as suas conclusões sobre o que foi perguntado para que assim eles construam a sua aprendizagem (aprendizagem colaborativa).

Segundo Kenski apud Hack (2007) apud Dias e Leite o papel do professor será o de validar a informação, orientar e promover discussões, proporcionar momentos de triagem dos assuntos debatidos oferecendo reflexões críticas sobre o tema; auxiliar na compreensão, utilização, aplicação e avaliação crítica das inovações; análise de situações complexas e inesperadas e permitir que os alunos utilizem de diversos meios para entender o que está sendo apresentado a eles.

Segundo Neder (2000) apud Oliveira e Lima (2009, p.5) “o tutor precisa estimular e motivar o aluno, além de contribuir para o desenvolvimento da capacidade de organização das atividades acadêmicas e de auto-aprendizagem”.

Segundo Mercado (2007, p.209) “o tutor deve acompanhar, motivar, orientar e estimular a aprendizagem autônoma do aluno, utilizando de metodologias e meios adequados para facilitar a aprendizagem”. O tutor deve assumir esses papéis estimulando o diálogo entre os alunos nos fóruns, levantando discussões entre os diferentes pontos de vista, assumindo dessa forma uma posição estratégica frente à turma.

Lima e Rosatelli (2005) apud Oliveira e Lima(2009) afirmam que o tutor deve assumir uma posição crítica e criativa para desempenhar as suas atribuições. Deve possuir a capacidade para estimular a resolução de problemas, assumir uma postura de

pesquisador, ter claramente definido concepção de aprendizagem e estabelecer uma relação empática com seus alunos.

Na posição de orientador, o tutor deve buscar mediar às relações que ocorrem no ambiente virtual, buscando estimular o pensamento crítico de seus alunos. Para que isso seja realizado, é necessário que o tutor tenha conhecimento sobre o assunto ministrado, mostrando que ele está no ambiente para auxiliar o aluno em suas dúvidas.

Oliveira e Lima (2009, p.8) colocam que “estudar a distância ainda é um desafio para as pessoas que cresceram no paradigma da educação presencial”, isso ocorre porque elas já estão acostumadas a esse modelo e quando se deparam com o novo criam barreiras e sentem mais dificuldade em se adequar ao ritmo dos cursos. Oliveira e Lima (2009, p.7) ainda colocam que “o tutor necessita desenvolver uma sensibilidade para entender as dificuldades pelas quais passam seus alunos”. Em muitos pontos as funções e papéis dos tutores se fundem em uma só, a de orientar. Orientar a aprendizagem, o planejamento, o tempo e a avaliação.

2.3.4- Tutor Co- aprendiz:

Segundo Dias e Leite o tutor pode assumir o papel de co-aprendiz por ser responsável por colaborar com outros professores e profissionais. Essa colaboração deve ser mútua, visando o melhor aproveitamento de todos que integram a EaD.

O tutor é co-aprendiz, porque ele é o responsável por disseminar as mensagens e também os conteúdos estipulados pelos professores ou autores para os alunos, sendo assim ele deve estudar esses conteúdos apresentado aos estudantes. É necessário que exista um diálogo frequente entre ambas as partes para que assim que surjam dúvidas mais pertinentes a linha de diálogo seja mais clara e eficaz para o aluno.

Segundo SATHLER (2008, p. 55):

Uma das principais atividades docentes (tutoria) é colaborar com alunos para que possam transformar os dados disponíveis na internet e por toda parte em conhecimento com potencial de transformação das suas vidas e das comunidades nas quais convivem. Nisso, a posição de co- aprendiz do professor é a única possível, além do mais porque o processo depende de variáveis alheias ao controle do profissional, tais como o contexto e as infinitas fontes alternativas de informação.

Com isso, é possível verificar a importância da participação do tutor nos ambientes, pois ele estará aprendendo juntamente com seus alunos, além de instruí-los em seus posicionamentos. É necessário que o tutor tenha um cuidado especial ao realizar essas orientações. Deve realizá-las de modo que os estudantes não se sintam coagidos em realizar novos questionamentos ou apresentar novas percepções.

2.3.5- Tutor “Recurso”

De acordo com Belloni (1999) apud Dias e Leite o tutor pode ser semelhante a um professor “recurso” que está apto para responder dúvidas pontuais dos estudantes com relação aos conteúdos, da organização dos estudos ou das avaliações. É de fundamental importância que se crie uma linha de comunicação eficaz e eficiente entre tutor e aluno para que ele consiga estabelecer esse diálogo, sempre focando na aprendizagem. O tutor deve perceber que ele não é o detentor e nem um mero transmissor do conhecimento e sim um parceiro do estudante.

2.3.6- Tutor Avaliador

Para Gonzales (2005) o tutor tem o papel de avaliador, pois será ele quem avaliará e distribuirá notas para os seus estudantes. Ele elaborará questionamentos para os fóruns, trabalhos e provas. É necessário que ele tenha um bom conhecimento em avaliação para que as realize de forma adequada. Segundo Pretti (1996) apud Andrade (2010, p.55),

O tutor constitui um elemento dinâmico e essencial no processo ensino-aprendizagem, oferecendo aos estudantes os suportes cognitivos, metacognitivos, motivacionais, afetivo e social para que estes apresentem um desempenho satisfatório ao longo do curso. Deverá, pois, ter participação ativa em todo o processo. Por isso, é importante que se estabeleça uma vinculação dialogal e um trabalho de parceria entre o tutor, o professor/especialista e a equipe pedagógica.

Conforme Mercado (2007) o tutor ao assumir uma posição de avaliador não deve simplesmente avaliar por avaliar e sim realizar uma avaliação crítica dos trabalhos

de seus alunos “propondo sugestões de superação das dificuldades e direcionando as correções e observações de forma clara”, dando aos seus alunos um feedback dos resultados obtidos. Oliveira e Lima (2009) ainda afirmam que o tutor ao final de cada módulo deve encaminhar os resultados individuais de cada aluno.

2.3.7- Tutor Formador:

O tutor formador é aquele que está preocupado com a aprendizagem de seus alunos. Ele está sempre buscando novos métodos para facilitar essa aprendizagem. O tutor formador é aquele que quando não tem domínio do assunto procura auxílio em seus pares e quando se apropria do dele o compartilha com seus alunos.

Oliveira e Lima (2009) afirmam que a função mais importante do tutor é de auxiliar os alunos aprenderem a aprender. É válida essa concepção na EaD, pois é o aluno quem realiza o seu processo de aprendizagem. É primordial discutir esse aspecto, pois o estudante da Educação a Distância possui uma grande autonomia com relação ao seu tempo e planejamento de estudo. Ele deve se programar para cumprir tudo o que lhe é solicitado e dessa forma ele deve planejar como isso deve ocorrer.

2.3.8- Tutor Omisso

Em algumas salas de aula virtual é perceptível que os tutores não assumem nenhuma postura, nenhum papel. Isso prejudica o ensino, pois mostra o despreparo desses profissionais em atuar nessa modalidade de ensino. É de extrema importância a figura do tutor no ambiente virtual, pois é ele que o aluno tem como suporte para sanar as suas dúvidas.

Segundo Carla Netto (2006):

Num ambiente de educação a distância, as interações são fundamentais aos processos de aprendizagem, tanto as interações entre aluno- aluno quanto aluno- professor. É por meio dessas interações que o processo de conhecimento é criado colaborativamente.

Quando não ocorre a interação entre os pares não é possível verificar o processo de ensino e aprendizagem, muito menos a aprendizagem colaborativa que é fundamental na Educação a Distância. A presença do tutor no ambiente é importante para que a EaD não perca a sua credibilidade.

De acordo com Palloff e Pratt apud Netto e Netto (2006, p. 53 e 533):

Se a única conexão que se tem com os alunos é aquela que se dá por meio das palavras em uma tela, é importante se levar em conta muitas questões que são ignoradas na sala de aula presencial. Se um aluno acessar um ambiente virtual de aprendizagem em que nada (nenhuma mensagem, nem atividade) ocorre há alguns dias, pode sentir-se desestimulado.

A presença de um orientador, ou seja, um mediador no processo de construção do conhecimento, é um fator importante num ambiente virtual de aprendizagem. Essa modalidade implica em novas abordagens dos professores em ministrá-las.

É primordial a presença do tutor no ambiente virtual. Com a sua ausência, os alunos se sentirão desestimulados em acessar o ambiente em que nada de novo acontece ou onde as suas dúvidas não são respondidas ou onde seus questionamentos ficam esquecidos no meio de todas as postagens. O tutor não deve estar 24 horas por dia no ambiente, mas também não pode fazer-se ausente por grandes períodos. As suas aparições devem ocorrer de modo a atender as necessidades de seus alunos. Não deve ser em demasia, pois isso também atrapalharia o rendimento da turma, mas de forma moderada, de forma a estimular a presença do aluno no ambiente.

O tutor deve fazer com que o aluno se sinta a vontade e querido no ambiente on-line, de forma a compartilhar experiências que enriqueçam a sua formação acadêmica e acrescente conhecimento na construção de seus colegas. Segundo Netto (2003, p. 54), o tutor deve “desempenhar o papel de mediador, articulando o aprendizado com o contexto e as experiências dos aprendizes e criando um senso de comunidade colaborativa”. Quando o tutor não realiza intervenções, prejudica o desempenho dos alunos, pois eles terão mais dificuldade em criar um ambiente propício à aprendizagem colaborativa.

Segundo GUTIERREZ e PRIETO (1994) o acompanhamento dos estudantes deve ocorrer com estímulos contínuos, pois deve-se romper com a idéia de que os

materiais (apostilas, livros etc.) por si só, serão responsáveis pela aprendizagem. Eles ainda colocam que “ninguém se educa por meio de contatos esporádicos, ninguém se educa na solidão, no isolamento” (p. 27). Através desses pensamentos deve-se perceber que o contato aluno e professor deve ocorrer de forma contínua, pois além de auxiliar na mediação pedagógica o tutor também é um co-responsável pela aprendizagem de seus alunos.

2.4- O que diz a legislação sobre os tutores

Atualmente, não existe uma lei que estabeleça regras e normas para a função de tutor. Os tutores trabalham recebendo remunerações abaixo do que realmente deveriam, pois são professores. É necessário criar um sindicato para que esse grupo tenha direitos legais e não seja mais uma classe desvalorizada em seu trabalho.

Existe um grupo que hoje luta por esses direitos, através do blog Tutor é Professor⁴, onde é debatida a necessidade de valorização da profissão. Um dos pontos levantados é que tutor é um professor, com esse respaldo eles afirmam que as remunerações para a categoria deve ser igual a de um professor presencial, o que hoje não ocorre.

Outro ponto muito discutido é a questão de os tutores receberem bolsas. É importante lembrar que neste trabalho estamos discutindo sobre a Educação a Distância ofertada na Universidade Aberta do Brasil- UAB. Essas bolsas são de valores baixos e não garantem nenhum vínculo empregatício com a instituição. Dessa forma, os tutores não possuem direitos trabalhistas, muito menos direito a férias remuneradas, seguro desemprego e todos os outros benefícios garantidos aos trabalhadores com vínculos com a instituição.

Através de debates sobre a Educação a Distância que ocorrem hoje esses pontos devem ser abordados e discutidos, pois com o grande crescimento dessa modalidade é necessário garantir um bem estar para esses profissionais para que possam atuar de forma satisfatória e com qualidade, sentindo prazer em está atuando nessa profissão que vem crescendo.

4 <http://enpead.blogspot.com/>- acessado em 15/06/2011

Com a discussão sobre a necessidade de uma regulamentação da profissão de tutor, é importante lembrar as condições de trabalho para esses profissionais. É necessário que seja garantido um bom ambiente de trabalho, com computadores com acesso a internet, dessa forma, proporcionando que eles desenvolvam um trabalho de qualidade. Garantir um número adequado de participantes nas turmas, não as superlotando, de forma, que os profissionais consigam atender as demandas de seus alunos, dando feedbacks contínuos.

A luta desses profissionais apenas conseguirá atingir seus objetivos se conseguirem com que o governo crie normas e regras para a categoria. Sabe-se que hoje existe o piso salarial nacional para professores da rede pública de ensino, dessa forma, os tutores como professores também deveriam receber tal remuneração e serem reconhecidos como tais.

2.5- O Tutor e a formação específica

Nos dias atuais falar de formação profissional é comum, pois a todo o momento o mercado exige que os profissionais estejam sempre se atualizando, e buscando conectar aos avanços de sua área. Na Educação a Distância isto não é diferente.

Quando pensamos em Educação a Distância, lembramos que é um ensino centrado no aluno, onde a construção do conhecimento é apoiada na aprendizagem colaborativa. Outro ponto lembrado é a tutoria que é de extrema importância em EaD, pois é através do tutor que ocorrem as relações de mediação no ambiente virtual.

O tutor exerce uma função de extrema importância nos cursos em EaD, com isso o seu trabalho deve ser valorizado e respeitado. Para que ocorra essa valorização e respeito é necessário alguns requisitos, que vamos discutir neste trabalho.

É necessária uma formação inicial do tutor que irá atuar em todo tipo de curso, como aqueles ministrado em ambiente virtual. Essa formação inicial deve permitir que o tutor conheça o ambiente e se familiarize com todos os recursos que a plataforma disponibilizará. Esses recursos básicos consistem nos fóruns, e-mail, lançamento de nota e atendimento aos alunos. Mas a formação para se atuar na profissão de tutor não

deve restringir a esse curso. É primordial que ele tenha conhecimento do conteúdo a ser ministrado no curso, se for possível, até mesmo uma formação nessa área.

De acordo com Grassi (2006, p. 73) é necessário que o tutor tenha competências básicas para atuar na área. A autora relata que “todo profissional precisa desenvolver competências específicas em sua área de atuação”. É questionada pela autora a necessidade de uma formação específica para o tutor e pergunta-se se as competências do professor são as mesmas de um tutor. Tutores e professores possuem uma relação muito próxima, pois o tutor é professor. A maioria dos profissionais que atuam como tutores é licenciada. É necessária uma formação específica, porque igual aos cursos presenciais em que os professores necessitam de uma formação, os tutores também precisam. Eles devem conhecer os assuntos abordados no curso a distância, para que possam debater com profundidade os temas com seus alunos. Os professores e tutores não possuem as mesmas competências, em alguns momentos elas podem ser muito semelhantes, pois estamos tratando de educação, mas é primordial uma capacitação diferenciada para os profissionais que irão atuar em EAD, pois a maneira que o conteúdo será abordado será diferente nas duas modalidades.

Além de todos os papéis que o tutor deve assumir ele deve possuir algumas competências primordiais como a pedagógica, tecnológica, didática, lingüística e pessoal. Segundo Emerenciano et al, (2002) apud Alves e Rosseti (2007, p.4) o tutor “,é o principal agente de apoio e suporte para os alunos no ambiente digital, pois é ele quem orienta no processo de aprendizagem, gerencia os grupos, promove interações, dá feedbacks e ‘cria’ um pronunciamento marcadamente pessoal”. O tutor a distância além de executar o papel de mediador deve está disposto a ouvir, negociar, equilibrar e ajustar tudo o que acontece dentro dos fóruns, pois nos espaços de comunicação produzidos nesses ambientes, as pessoas podem a todo momento criar, desenvolver o raciocínio e aprender através das ações do grupo e individual (Ramos at. al 2005).

Será estudado neste trabalho algumas competências fundamentais para o trabalho do tutor em Educação a Distância, trabalho esse que vai além do pedagógico. Grassi (2006) destaca três principais competências que serão adotadas nesse trabalho.

A primeira competência se refere ao Pedagógico, onde destacamos a área humana e os trabalhos em equipe. Moran apud Grassi (2006) escreve que é necessária

uma equipe interdisciplinar onde as pessoas que trabalham na área técnica trabalhem em conjunto com a área pedagógica. Também é necessária a motivação, pois segundo Cordeiro (2004) apud Grassi (2006), “é preciso motivar os alunos, acompanhar os trabalhos, fazer com que não se sintam sozinhos, isolados e planejar com frequência oportunidades de interação”.

A mediação é uma característica básica nesse patamar das competências pedagógicas, pois é a partir da mediação que o aluno construirá a sua aprendizagem significativa. Ligada a mediação é possível encontrar a afetividade. Pode-se destacar esse ponto, pois é nesse patamar, segundo Grassi (2006), que o professor deve identificar os alunos que estão distantes, tentando dar atenção às necessidades de sua turma.

Assim como na sala de aula presencial é necessário que o tutor saiba identificar e administrar as diferenças entre os alunos, é necessário que o tutor tenha a capacidade de perceber que cada aluno caminha em passos diferentes, uns mais rápidos e outros mais lentamente. Nesse ponto, é preciso que o tutor encontre alternativas para que todos possam progredir de forma a satisfazer as diferenças dos participantes do curso. Grassi (2006) finaliza as competências pedagógicas falando da objetividade. Esse é um ponto crucial na Educação a Distância, pois quanto mais claro e objetivo for a fala do tutor, mais fácil será o entendimento dos alunos e menor será o índice de falha na comunicação.

Grassi (2006) aponta em segundo lugar, as competências Comunicativas. É através da comunicação que os tutores entraram em contato com seus alunos apresentando os conteúdos e as informações. A competência Comunicativa utiliza de alguns recursos para realizar a comunicação. Esses recursos são: audiovisual e a escrita. A autora destaca que essa é uma competência fundamental, pois muitas vezes é através dela que o aluno permanece no curso e se mantém assíduo nas postagens. É necessário que não haja falhas nesse processo, pois se acontecer alguma falha a comunicação fica deficiente e os alunos saem prejudicados. De acordo com Cordeiro (2004) apud Grassi (2006, p. 79):

Na educação a distância, além de ter conhecimentos especializados sobre o conteúdo da disciplina, o docente também tem de desenvolver suas competências comunicativas, que, normalmente serão escritas. Desenvolver competências na construção de bons materiais didáticos, com atividades criativas e atraentes.

Dos recursos utilizados pela competência Comunicativa o mais utilizado é a escrita. Seja através dos fóruns, e-mail ou mensagens pessoais, essa é a forma de contato mais utilizada em EaD. Não deve se esquecer dos meios audiovisuais, é através deles que tutores e alunos se vêem, como exemplo se tem: webconferências, teleconferências, chats, etc.

A terceira competência é a Tecnológica, segundo Grassi (2006). É através das ferramentas das TIC's (Tecnologias da Informação e Comunicação) que ocorrerá as interações entre tutores e alunos. É importante destacar que o tutor inicialmente já deve ter um domínio dessas ferramentas tecnológicas, pois se isso não ocorrer será muito difícil de trabalhar com esse profissional no ambiente, pois ele requererá uma maior necessidade de suporte técnico. Algumas ferramentas básicas devem ser de conhecimento de qualquer profissional que atue em Educação a Distância, são elas: e-mail, chats, web conferencias, entre outros. Nesse campo das tecnologias é necessário que os profissionais estejam sempre se atualizando, pois a todo o momento surgem novas ferramentas e opções de uso delas. Moran (2004) apud Grassi (2006, p.81) fala:

O professor da modalidade a distância precisa aprender a trabalhar com as tecnologias sofisticadas e com tecnologias simples; com Internet em banda larga e com conexões discadas, com videoconferência multiponto e teleconferências; com software de gerenciamento de cursos comerciais e com softwares livre. Ele não pode acomodar-se porque a todo o momento surgem soluções novas e que podem facilitar o trabalho pedagógico com os alunos. Ele precisará ter flexibilidade para adaptar-se a situações muito diferenciadas e ter sensibilidade para escolher as melhores soluções possíveis para cada momento.

Grassi (2006) coloca que uma das estratégias a ser utilizadas pelos educadores através da rede é o uso de materiais que agradem aos variados públicos do curso. O professor deverá também desenvolver a capacidade de trabalho com ferramentas

síncronas e assíncronas. As ferramentas síncronas são aquelas utilizadas pelos usuários no mesmo momento, um exemplo, são os chats. Todos os que irão participar devem estar conectados ao mesmo tempo. As ferramentas assíncronas são as mais utilizadas na Educação a Distância, elas permitem que os usuários se comuniquem de qualquer lugar, a qualquer momento, sem que eles estejam presentes no mesmo momento da interação. Um bom exemplo dessa ferramenta são os fóruns. Segundo Felippim (2004) apud Grassi (2006, p. 83):

A utilização das ferramentas assíncronas possibilita maior interação entre educandos e educadores. De forma pedagógica é um meio para a colaboração, conversação, discussões e troca de idéias, sendo uma plataforma para a expressão e contribuição de conceitos e significados.

Não se deve pensar que possuindo essas habilidades, está formado um bom profissional para atuar na Educação a Distância. Esses primeiros requisitos são elementos básicos para a formação de qualquer profissional que deseje atuar na área.

Analisando e observando a estrutura de alguns cursos percebemos que a maioria dos profissionais que atuam como tutores e professores não possuem uma capacitação específica para atuar na modalidade a distância. A maioria são professores do ensino presencial que são colocados em uma turma a distância. O que se observa é que alguns desses profissionais se sentem perdidos e não sabem como trabalhar nesse contexto, pois não conseguiram aplicar as mesmas atividades utilizadas no ensino presencial, nos cursos a distância. Eles precisam se lembrar que as atividades devem ser reformuladas, reprogramadas para que consigam atender a toda a demanda do ensino virtual. Nesses momentos percebemos o tanto que é importante uma capacitação inicial, mas não se deve parar nessa capacitação inicial.

Alguns cursos abordam temáticas específicas e não encontramos profissionais a todo o momento que dominem todos esses conhecimentos. O que deve ser feito? Mediante observação é possível certificar que é necessária uma formação continuada simultânea. Que seria realizada ao mesmo tempo em que o profissional está aplicando o curso ele está sendo capacitado, e essa capacitação ocorreria algumas semanas ou meses

antes do início do curso, assim o profissional teria tempo para estudar e aprender o conteúdo a ser ministrado por ele.

**Capítulo 3 – Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania,
com ênfase em EJA**

3- O Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com ênfase em EJA

O curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com Ênfase na Educação de Jovens e Adultos (pós- graduação lato sensu), iniciou os seus trabalhos a partir da solicitação enviada pela professora ao decanato de pesquisa e pós-graduação, através do colegiado de cursos de pós- graduação- CCPG da Universidade de Brasília pedindo a autorização para o curso. Isso aconteceu no dia 28 de abril de 2009.

O curso foi ofertado na modalidade a distância pela Faculdade de Educação- FE da Universidade de Brasília, através do programa da UAB/UnB em parceria com o Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade- MEC/SECAD, (UAB/UnB, 2011).

O curso teve como público alvo os professores e profissionais que estavam em exercício na Educação de Jovens e Adultos – EJA, na rede pública do Distrito Federal- DF e Goiás- GO. O objetivo principal era a formação continuada desses profissionais, visando a construção de uma educação contextualizada de acordo com as especificidades do local de atuação do professor- aluno. O curso seria ministrado para 350 estudantes, com a carga horária de 360h contabilizando 24 créditos. Para a aprovação no curso o estudante deveria ter no mínimo 75% de presença e a menção mínima de MM.

A carga horária foi distribuída da seguinte forma: 4h presenciais por semana e 16h de trabalhos on-line. As 4h presenciais poderiam ser cumpridas nos pólos através de atendimento com o tutor presencial e o uso dos laboratórios de informática, fora a participação integral nos Encontros presenciais programados. As 16h de trabalhos on-line poderiam ser de caráter individual ou coletivo, sempre mediado pelos tutores.

O curso foi ofertado em três pólos sendo dois deles localizados no Distrito Federal e um em Goiás. O pólo UAB/UnB/ Santa Maria –DF ofereceu 140 vagas, o pólo UAB/UnB/ Ceilândia- DF ofereceu 175 vagas e o pólo UAB/Anápolis- GO ofertou 35 vagas.

3.1- O Projeto do Curso

De acordo com o documento orientador, o curso foi desenvolvido de forma semipresencial, com encontros presenciais e a distância, sempre com a mediação dos tutores que utilizavam o ambiente colaborativo Moodle para as intervenções. O documento orientador coloca que eles tiveram por referências os portais para o desenvolvimento das atividades do curso: Portal Fórum EJA Brasil, Portal da Rede de Formação para a Diversidade e o Portal do Professor. É defendida no texto orientador uma busca pela pedagogia da autonomia, onde os tutores eram responsáveis por formar grupos de estudos, sempre buscando uma melhor compreensão e facilitar o trabalho dos estudantes proporcionando uma aprendizagem colaborativa.

É colocado que a proposta da metodologia desse curso está “fundamentada no desenvolvimento de um ‘per-curso’ de aprendizagem” (Documento orientador, p.5, 2009). Essa proposta seria realizada através de um diagnóstico da realidade onde os cursistas viviam, de um aprofundamento teórico- conceitual das realidades mencionadas e o curso seria concluído com um projeto de intervenção local desenvolvido pelo professor- aluno.

O documento orientador informa que a estratégia formativa escolhida é a de oficinas pedagógicas, onde este modelo será um espaço de construção coletiva de um saber, análise da realidade, troca de experiências. Essas oficinas tiveram como base a construção coletiva do trabalho, onde foi promovido a sensibilização, a reflexão e o compromisso com a realidade.

O curso teve como eixo integrador o Projeto de Intervenção Local- PIL, que poderia ser realizado em uma unidade escolar e não- escolar. O PIL corresponde ao TCC realizado ao final de um curso de especialização. O curso foi dividido em dez (10) módulos teórico- práticos, que trabalhavam com as ferramentas do Moodle como os: fóruns e oficinas virtuais; utilizavam as web conferências e os encontros presenciais.

Áreas Temáticas: Educação de Jovens e Adultos; Educação indígena; Educação Quilombola; Educação Ambiental; Educação do Campo; Educação das Relações Étnico-raciais; Educação para o reconhecimento de Gênero e a Diversidade Sexual; Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. (UAB/UnB, 2011).

3.2- Polos e Aulas Presenciais

Os polos estavam situados em três localizações, sendo duas delas no Distrito Federal e uma no Estado de Goiás. O polo tem a função básica de abrigar uma unidade de apoio ao estudante. Nele é possível ter acesso a computadores com internet e contato com o tutor presencial que está disponível para tirar dúvidas e auxiliar o aluno em qualquer dificuldade que o mesmo possa ter durante o percurso.

O polo da Ceilândia fica localizado na Escola Técnica de Ceilândia- CEP, e atende a 175 alunos. O polo de Santa Maria atende a 140 alunos e o polo de apoio presencial de Anápolis atende a 35 estudantes.

Quadro 1- Polos do Curso/ Número de Alunos:

Estado	Cidade/ Polo	Numero de alunos
DF	Ceilândia	175
DF	Santa Maria	140
GO	Anápolis	35

Fonte: Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com ênfase em EJA.

As aulas presenciais ocorriam em datas pré- determinadas, nos polos de apoio presencial ou em localidades previamente determinadas. As apresentações dos PILs do Distrito Federal ocorreram na antiga Escola Normal de Brasília e as do Goiás ocorreram no polo de apoio presencial.

3.3- A Tutoria no curso

A tutoria no curso de Especialização ocorreu de duas formas: presencial e a distância. Os tutores presenciais ficavam localizados nos polos de apoio, onde os alunos poderiam se dirigir até os locais para sanar dúvidas e pedir auxílio em suas dificuldades.

A tutoria a distância foi realizada por dez tutores, que auxiliavam os alunos na construção do conhecimento os instigando e levantando questionamentos que os fizessem refletir sobre os temas abordados.

3.4- A Formação dos Tutores que atuaram no curso

Para atuar como tutor no curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com ênfase em EJA foi realizada uma seleção através de edital. Nessa seleção, alguns pré-requisitos deveriam ser contemplados. Os pré requisitos foram: Graduação (Licenciatura), experiência em EJA, experiência em EaD e mestrado ou está cursando mestrado. A obtenção dos dados sobre os tutores foi realizada através da análise dos currículos desses profissionais, contato por e-mail e análise do perfil deles no ambiente do curso.

O primeiro pré-requisito para atuação como tutor no curso foi a apresentação do diploma de graduação (licenciatura). Todos os tutores que atuaram no curso possuíam esse nível de escolaridade. Os cursos de graduação dos tutores que atuaram no curso foram: Pedagogia, História e Geografia, Estudos Sociais e Química.

Outro pré-requisito exigido para atuar como tutor foi experiência no ensino de jovens e adultos. Todos os tutores que trabalharam no curso atenderam a essa exigência. Alguns atuando em sala de aula, na orientação educacional dessa modalidade de ensino, na coordenação de EJA e sendo professor de graduação da disciplina de EJA em uma faculdade particular. Grande parte dos candidatos possuía experiência nos três segmentos dessa modalidade de ensino.

É importante essa experiência em EJA, pois os tutores trabalharam com professores que estavam atuando nessa modalidade de ensino e para poder entender a realidade deles era necessária uma vivência nesse tipo de ensino.

A seguir, será apresentada uma tabela sucinta, com o perfil desses tutores, considerando, formação, experiência em EJA (local de atuação), experiência em EJA (anos de atuação na modalidade) e os segmentos que atuou.

Quadros 2 – Dados sobre os tutores do curso

Turma	Formação	Experiência em EJA (Local)	Experiência em EJA (Anos)	Segmento de Atuação
A	Mestre em Educação	GTPA Fórum EJA; Coordenação Intermediária de EJA da SE - DF;	11 anos	Coordenação de EJA
B	Pedagoga e Mestre em Educação	Área de pesquisa do mestrado; Professora da Disciplina de EJA em uma faculdade particular.	4 anos	Professora Universitária da Disciplina de Educação de Jovens e Adultos
C	Pedagogia; Especialista em linguagem, códigos e suas tecnologias, com ênfase no E.M.	Sala de Aula	3 anos	1º, 2º e 3º
D	Pedagoga; Especialização em Psicopedagogia, Orientação Educacional, Ensino Especial e Gestão Escolar.	Sala de aula	2 anos	1º, 2º e 3º
E	Pedagogia; Mestrado em Educação	Orientador Educacional de EJA. Coordenador do processo de ensino aprendizagem do curso de Especialização.	4 anos	Orientador Educacional de EJA
F	História e Geografia, pós- graduação em Ciências Humanas e Mestrado em Serviço Social	Coordenador Intermediário de EJA no Recanto das Emas; Sala de Aula	3 anos	1º, 2º e 3º
G	Magistério, Pedagogia e Mestrado em Gestão e Políticas Públicas (UnB)	Sala de Aula e Orientadora Educacional	5 anos	1º, 2º e 3º

Turma	Formação	Experiência em EJA (Local)	Experiência em EJA (Anos)	Segmento de Atuação
H	Licenciatura em Estudos Sociais e Pedagogia	Sala de Aula; Gestora na Diretoria de EJA da DE- DF	6 anos	1º, 2º e 3º
I	Pedagogia (UnB) e Pós-Graduação em Docência Superior	CESAS – Centro de Ensino Supletivo Asa Sul	9 anos	1º segmento
J	Química; Especialista em Química, Gestão Educacional e Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias; Mestrado em Ciências da Educação; Doutoranda em Inovação Pedagógica.	Tutora em EAD-EJA no CESAS. Sala de Aula CESAS	7 anos	1º, 2º e 3º

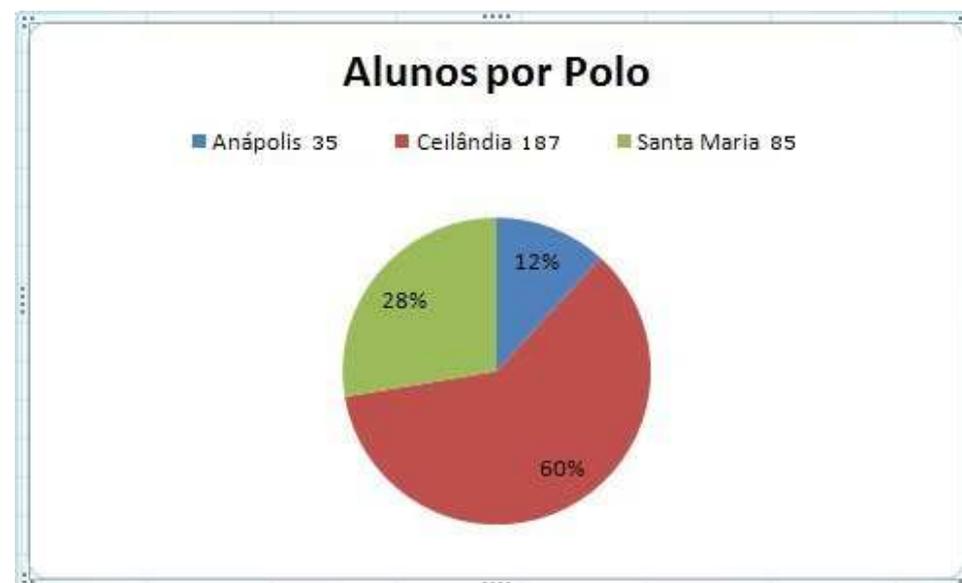
Fonte: Currículo dos tutores do curso

3.5– Dados sobre os alunos do curso

Serão apresentados alguns dados sobre os alunos do curso de especialização, visando entender a realidade em que eles estavam inseridos.

Neste primeiro gráfico pode-se analisar a quantidade de alunos por polo. Fica visível que o número de alunos no campus da Ceilândia é o maior das três localidades. Juntando os polos do Distrito Federal, temos que 88% dos estudantes eram oriundos de DF e apenas 12% tinha como localidade o polo de Anápolis.

Gráfico 1 – Alunos por Polo



Fonte: http://www.fe.unb.br/eja/file.php/1/dados_dos_alunos/alunosporpolo.jpg - Acessado em 8/6/2011.

No gráfico seguinte, temos a idade dos alunos que estão realizando o curso. Através desses dados, fica visível a predominância da população adulta nesse curso. Através desses dados afirmamos o que alguns autores dizem sobre os cursos a distância, que a maioria é composta por uma população adulta.

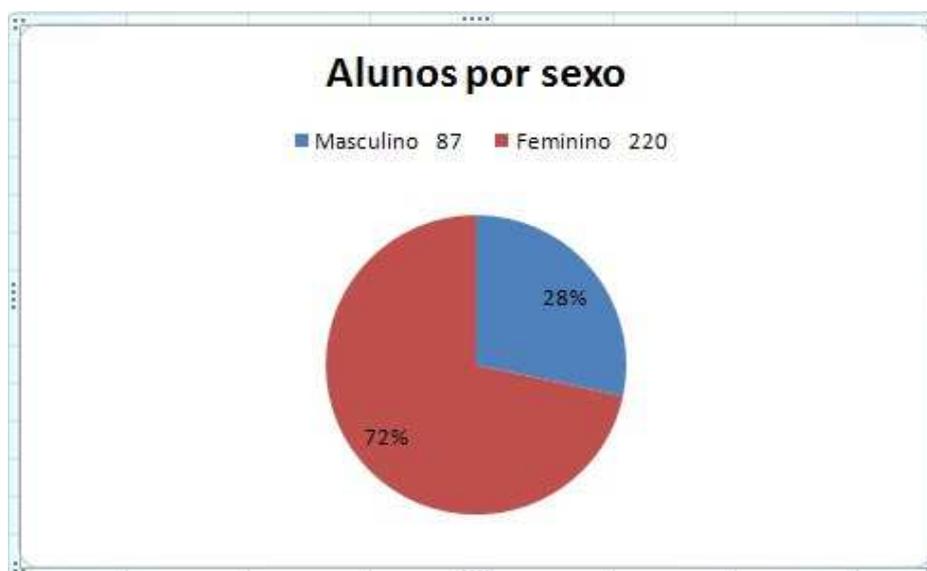
Gráfico 2- Alunos por idade



Fonte: http://www.fe.unb.br/eja/file.php/1/dados_dos_alunos/idade.jpg - Acesso em 8/6/2011

No próximo gráfico percebemos que a maioria dos estudantes é do sexo feminino, o que mostra a necessidade que as mulheres estão tendo em se capacitar para atuarem de forma mais especializada no mercado de trabalho.

Gráfico 3 – Alunos por sexo



Fonte: http://www.fe.unb.br/eja/file.php/1/dados_dos_alunos/alunosporsexo.jpg - Acesso em: 8/6/2011

CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA

4- A Pesquisa

A abordagem adotada neste trabalho é a qualitativa. Ela visa entender a realidade em que os tutores estão inseridos, buscando dessa forma compreender a necessidade de possuir uma formação específica para os profissionais que atuam no curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com ênfase em EJA.

A pesquisa qualitativa está inserida na realidade social que segundo Gil (1995, p. 43) é o “processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social” e o seu objetivo fundamental é a descoberta de “respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

Neste trabalho utilizamos a pesquisa exploratória com a finalidade de conhecer determinada realidade para poder criar a formulação de hipóteses visando o estudo. As pesquisas exploratórias, segundo Carlos Gil (1995, p. 44 e 45):

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, com vista na formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. (...) Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. (...) Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. (...) O produto final desse processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados.

Foi escolhido esse modelo de pesquisa, pois ao desenvolver o trabalho percebeu-se que o importante não é criar teorias ou concepções, mas verificar os fatores que estão formando esse tipo de realidade e quais as providências que devem ser adotadas para que mude esta realidade.

È importante entender que os tutores precisam de uma formação específica, justificando assim a escolha desse método de pesquisa. Neste trabalho, o objetivo não é criar uma teoria, e sim mostrar a necessidade de profissionais qualificados e com experiência na área em que estão atuando, para melhor atender os alunos.

Poucos são os estudos realizados sobre a formação específica para a profissão de tutor. Foi através da pesquisa que foi detectado a falta de material para realização do estudo. O tipo de pesquisa escolhido visa contribuir para esse campo que ainda é pouco explorado, dessa forma, a pesquisa exploratória ajudará a verificar informações que antes não estavam sendo debatidas e acrescentar para a academia mais informações sobre o assunto e a busca por soluções dos problemas que ainda estão sem respostas.

4.1- A realização do trabalho

Para a execução deste trabalho foi realizado um estudo sobre o papel do tutor à distância no sistema UAB, a sua importância, a legislação que o ampara e os papéis que ele assume quando realiza a mediação dos fóruns.

A análise de dados desse trabalho ocorreu através de investigação dos fóruns de tutoria do curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com ênfase em EJA, a partir de uma abordagem qualitativa que busca uma compreensão e interpretação dos dados colhidos e analisados. Para agregar consideraram-se todos os documentos de postagens realizadas nos fóruns como documentos virtuais. Também foi realizada a análise do currículo dos tutores que atuaram no curso.

Através da análise de dois fóruns foi possível perceber a necessidade de uma formação específica para os professores que atuam em cursos a distância. Essa necessidade foi percebida através de dúvidas e questionamentos apresentados pelos tutores aos professores autores na sala de tutoria dos fóruns.

Para a realização das análises deste trabalho foi necessário selecionar os fóruns de tutoria que seriam analisados e após essa escolha dos fóruns categorizou-se a fala dos tutores buscando extrair informações onde seria possível verificar a importância da formação específica para a atuação no curso.

Os fóruns escolhidos para a análise foram dos módulos três e quatro, sendo que o módulo três era referente à educação quilombola, indígena e do campo. O módulo quatro teve como temática de discussão o gênero e a diversidade sexual, educação étnicos raciais, a educação especial na perspectiva da educação inclusiva e a educação ambiental. Esses fóruns foram escolhidos, pois abordavam temáticas características do EJA, podendo assim verificar se os tutores tinham conhecimento sobre os assuntos abordados.

O módulo três levantou conceitos e práticas das populações tradicionais afro-brasileiras, das comunidades quilombolas, dos povos indígenas e da população do campo. É colocado que é necessário ampliar os conhecimentos sobre os fundamentos teóricos e práticos da transversalidade das experiências dessas comunidades. Nesse módulo os fóruns foram chamados de rodas de conversa ou roda de saberes, onde os alunos teriam dez dias para discutir sobre os temas levantados.

O módulo quatro tratou de temas pertinentes a prática educacional, sendo elas: educação para o reconhecimento do gênero e da diversidade sexual, educação das relações etnicorraciais, educação especial na perspectiva da educação inclusiva e a educação ambiental na prática educacional. Essas temáticas são importantes para poder entender a realidade de um aluno de EJA, promovendo assim a construção de uma educação de autonomia nos estudantes dessa modalidade. Diferente do módulo três, onde cada temática possuía um fórum de discussão, nesse fórum todas as temáticas deveriam ser discutidas em um único fórum que teria dividido em quatro tópicos.

Após leitura dos fóruns percebeu-se a necessidade de categorizar a fala dos tutores, pois elas tratavam de diversos assuntos que não se encaixavam apenas nas dúvidas pertinentes ao tema. As categorias criadas foram: questionamento, informações, dúvidas técnicas e dúvidas sobre o tema. Essas categorias foram decorrentes nos dois módulos analisados, mas sentiu-se a necessidade de criar mais duas categorias no módulo quatro que foram: felicitações e dica dos professores autores aos tutores.

A categoria questionamento apresentou intervenções realizadas pelos tutores que levantavam questionamentos aos seus pares. A de informações era relativa a intervenções realizadas de caráter institucional de informações relativas a cursos e etc. As dúvidas técnicas eram relativas a postagem de textos, arquivos, entre outros. A categoria felicitações referiu-se as palavras de incentivo que ocorreram durante o fórum. As dicas dos professores autores para os tutores apresentavam intervenções e instruções que os professores realizaram de para ajudar os tutores na mediação de suas turmas. As dúvidas sobre o tema é o ponto chave deste trabalho, pois foi através dessa categoria que pode-se analisar a necessidade da formação específica e a experiência em sala para a atuação como tutor no curso.

Para melhor analisar e guardar os dados dos fóruns de tutoria escolheu-se um software utilizado em pesquisas qualitativas. O programa escolhido foi o N Vivo. Esse software foi escolhido, pois através dele é possível realizar o tratamento dos dados de

forma facilitada. O programa sozinho não realiza nenhuma tarefa. É necessário que o utilizador o alimente com dados, crie categorias e selecione os trechos para cada categoria. Esse programa facilita o ordenamento dos dados, fazendo com que não se percam no caminho. É possível criar gráficos e modelos com as informações lançadas nesse software. Mais adiante no trabalho será explicado de forma mais detalhada a utilização do programa.

4.2- A escolha dos módulos

O trabalho consiste na análise dos fóruns de dúvida dos tutores. Os módulos escolhidos foram o três e quatro, pois analisando o curso pode-se perceber que esses dois fóruns eram os que possuíam uma maior abrangência de conteúdos e requeria dos tutores um maior domínio dos temas. Através deles podemos perceber se os tutores realmente tinham o conhecimento do assunto abordado no curso. É importante lembrar que um dos pré-requisitos para atuar como tutor no curso de especialização em EJA era ser professor atuante na modalidade.

O módulo três trás como tema a educação para populações específicas, sendo abordados os temas de educação indígena, quilombola e educação do campo. Esse módulo teve início no dia 12 de setembro de 2009 e término em 9 de outubro de 2009.

Para cada tema foram disponibilizados textos, links a sites e vídeos. O ponto central das atividades ocorreu através dos fóruns e das atividades avaliativas. Os fóruns desse módulo estavam divididos por turmas e por temas, onde os alunos debatiam sobre o tema e levantavam dúvidas.

O módulo quatro teve como tema a educação de temas específicos, sendo que foram abordados os temas: educação para o reconhecimento do gênero e a diversidade sexual, educação das relações etnicorraciais, educação especial na perspectiva da educação inclusiva e educação ambiental na prática educacional. Este módulo teve início em 10 de outubro de 2009 e término em seis de novembro de 2009.

Neste módulo, diferente do módulo três, os debates dos temas ocorreram em apenas um fórum, sendo que esses foram divididos por temas pelos seus tutores. Também foram disponibilizados para estudo textos, vídeos e links a sites.

4.3- Os Softwares na pesquisa qualitativa

Os softwares no auxílio das pesquisas qualitativas são recentes. Apenas da década de 80 que os pesquisadores qualitativos descobriram que os computadores poderiam ser utilizados para auxiliá-los no tratamento de dados. Na década de 60 e 70, muitos cientistas sociais acreditavam que o computador era um instrumento que em nada poderia contribuir; “a não ser para análises estatísticas de dados numéricos” em outras palavras apenas uma análise quantitativa, Kelle (2002).

Segundo Kelle (2002), a ajuda dos computadores nas pesquisas qualitativas só foi possível apenas através da chegada dos computadores pessoais, que possibilitaram essa nova metodologia de análise de dados. Com esse auxílio, alguns pesquisadores começaram a inventar programas que os ajudasse na organização dos dados obtidos nas pesquisas.

Hoje, o campo do auxílio computadorizado à análise de dados qualitativos pode ser visto como o campo de mais rápido desenvolvimento no domínio da metodologia qualitativa, com seus próprios ‘projetos de rede’, conferências e listas de discussão na Internet. (Kelle, 2002).

Segundo Miles e Huberman apud Kelle (2002), os processos de pesquisa qualitativa geram quantidades enormes de informações, sejam elas por meio de transcrições de entrevistas, documentos etc. Se essas informações não forem trabalhadas de maneira correta podem gerar uma sobrecarga de dados, prejudicando assim o andamento e qualidade da pesquisa. De acordo com Kelle (2002), ao se trabalhar com análise de dados existe uma estreita relação com a construção de uma teoria, com isso, o uso de qualquer programa que facilite a leitura desses dados é fundamental para o entendimento deles.

Os pesquisadores qualitativos inicialmente utilizavam em suas pesquisas o método de agrupamento, onde utilizavam o método de “cortar e colar” para separar as partes dos textos que tinham algo semelhante e os agrupava em envelopes, Taylor e Bogdan apud Kelle (2002). Com o auxílio dos computadores esse processo se tornou um pouco mais fácil, pois existem alguns softwares que trabalham com a opção de selecionar as partes dos textos semelhantes e agrupá-las em categorias.

Alguns dos benefícios da utilização dos softwares são segundo Kelle (2002, p. 396):

- Facilidade para armazenar os comentários dos pesquisadores (“memorandos”), que podem ser ligados a palavras- índice, ou segmentos de texto.
- Propriedades para definir ligações entre palavras- índice.
- O uso de variáveis e filtros, de tal modo que a busca de segmentos de texto possa ser restringida por certas exigências.
- Facilidades para rerepresentar segmentos do texto que tenham entre si relações formais específicas (por exemplo, segmentos de texto que aparecem separados entre si por uma distância máxima específica).
- Facilidades para rerepresentação de atributos quantitativos do banco de dados.

Essa facilidade no armazenamento de dados permitiu que o pesquisador focasse mais a sua pesquisa na descoberta de novas teorias do que simplesmente na organização dessas informações.

Com a variedade de softwares, hoje no mercado, não se pode falar em um único método a ser seguido na pesquisa qualitativa. Alguns apresentam características comuns, mas não se pode oferecer um passo-a-passo, pois poderia se cair no erro de realizar uma técnica muito simples ou muito complexa.

Cada pesquisador deve procurar o método que melhor se adapte ao seu tipo de pesquisa. A quantidade de dados e o que se espera obter deles é fundamental nessa escolha.

Com a utilização desses programas a pesquisa qualitativa se tornou mais conceituada, pois a partir desse momento está utilizando um método para auxiliá-la na sistematização de suas informações. Fazendo, dessa forma, que seus dados sejam mais visíveis, os dando transparência e rigorosidade, porque a partir desse momento qualquer pessoa pode acessar esses dados e comprovar a veracidade dessa pesquisa.

4.3.1- N Vivo

O N Vivo foi o software escolhido para a realização desse trabalho. Esse software é responsável por auxiliar na organização dos dados na pesquisa qualitativa. É um programa novo no Brasil, que vem sendo bastante difundido e utilizado por pesquisadores de mestrado e doutorado.

Para adquirir esse software é necessário obter uma licença, sendo essa de preço bastante elevado, para os padrões dos estudantes do país. A licença obtida para o uso nessa pesquisa está vinculada a Faculdade de Educação que está adquirindo algumas licenças para a utilização desse programa entre os estudantes universitários.

O N Vivo suporta uma diversidade de extensões em seu programa. Faz leitura de arquivos de textos, imagens, sons e vídeo. Existem alguns manuais que auxiliam na utilização do programa. Ele ainda não possui uma versão em português, dificultando assim, o entendimento para aqueles que não conhecem a língua espanhola ou inglesa.

A escolha desse software para a pesquisa ocorreu pela facilidade que ele possui em armazenar e auxiliar na categorização de dados. É importante lembrar que o programa não trabalha sozinho. O pesquisador deve alimentá-lo de informações e separá-las, uma a uma, nas categorias criadas por ele.

O programa permite a criação de modelos prévios de pesquisa, auxilia na criação de gráficos e caso a sua pesquisa necessite de uma busca quantitativa de palavras, esse sistema também é fornecido pelo N Vivo. Após a separação do texto em categorias, é possível visualizar cada parte de forma separada e rápida, facilitando assim o trabalho do pesquisador.

CAPÍTULO 5- ANÁLISE DE DADOS

5.1- A análise

Nesta parte do trabalho realizamos a análise das intervenções realizadas pelos tutores no fórum de tutoria dos módulos três e quatro. Os fóruns de tutoria foram criados com o intuito de aproximar os tutores e os professores autores. Nesses fóruns os tutores entrariam em contato com os professores e seus pares compartilhando dúvidas e levantando questionamentos pertinentes, que surgissem, sobre os temas abordados.

Esses fóruns ocorreram em todos os módulos do curso. Pode-se perceber que houve uma boa troca de experiências nesses espaços, propiciando até mesmo, que ocorresse entre tutores e professores autores a aprendizagem colaborativa, almejada na concepção de Educação a Distância, adotada no âmbito do curso.

Para realizar a análise dos dados foi necessário realizar a categorização da fala dos tutores no fórum de tutoria, pois existiam muitas intervenções com diferentes assuntos tratados. A princípio foram criadas quatro categorias:

- Questionamento: Essa categoria engloba todas as falas que levantam algum tipo de questionamento, sejam eles difundidos aos professores autores ou aos tutores.
- Informação: Esta categoria é considerada quando os tutores respondem ao fórum informando o recebimento de algum dado ou texto, ou sinalizando que entenderam o que foi pedido.
- Dúvidas Técnicas: Esta categoria engloba qualquer tipo de dúvida de caráter técnico que o tutor tenha manifestado. É colocado como técnica, qualquer dificuldade que o tutor tenha com relação ao funcionamento da plataforma, como postar textos ou vídeos ou a localização de uma bibliografia.
- Dúvidas Sobre o Tema: Essa categoria é a chave deste trabalho, pois é através dela que será possível analisar a importância de uma formação específica para os tutores que atuam no curso de EJA. Nessa categoria será incluída qualquer postagem que se refira aos assuntos tratados nos fóruns e que os tutores apresentem dúvidas.

Sentiu-se a necessidade de se criar mais duas categorias no módulo quatro, foram elas:

- Elogios e Agradecimentos: Essa categoria foi criada, pois se percebeu uma grande quantidade de mensagens abordando conteúdos dessa natureza. Dessa forma, essas expressões não se encaixariam em nenhuma outra categoria.
- Dicas dos professores autores para os tutores: Essa categoria foi criada, pois analisando as falas percebeu-se que os professores autores em alguns momentos sentiam falta da presença de questionamentos ou dos tutores nas salas de aula, com isso eles chamavam a atenção dos mesmos para os pontos cruciais para a aprendizagem dos alunos.

Para essa separação em categorias foi utilizado o programa N Vivo, que é um programa de análise qualitativa. Ele auxilia na análise de dados, pois ao se separar as intervenções dos tutores em categorias, todas as que são correspondentes a aquela categoria ficam agrupadas, facilitando assim identificação dessas intervenções.

Para o desenvolvimento desse trabalho privilegiou-se as considerações da categoria de dúvidas sobre o tema, pois foi através dela que foi possível verificar a importância da experiência em EJA e a necessidade de uma formação específica para a atuação neste curso.

A apresentação dos dados obtidos será da seguinte forma: conclusões sobre o relato e apresentação de trechos discussão; apresentação essa que está na forma literal, como foi obtida no fórum, mas preservando o nome dos tutores, professores e cursistas. Como está na forma literal, às colocações possuem erros gramaticais e de concordância verbal. As partes relatadas encontram-se na íntegra no anexo.

Serão apresentados dados quantitativos, mas vale ressaltar que essa não é uma pesquisa quantitativa, os dados serão apresentados apenas para quantificar e clarear as informações apresentadas no presente trabalho. É interessante lembrar que esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa, onde são privilegiadas as intervenções dos tutores e a importância delas para se entender a necessidade de uma formação específica para a atuação desses profissionais no ensino a distância.

5.1.1- Dados do fórum de tutores do módulo 3:

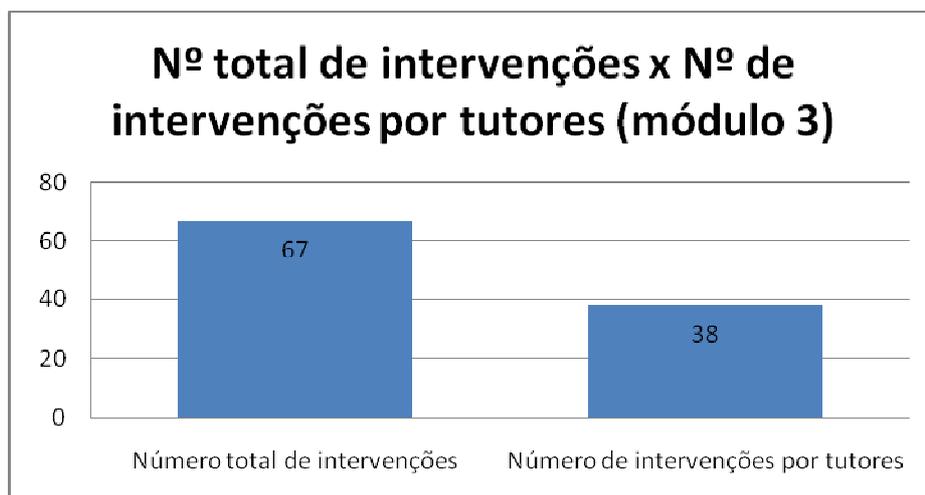
Conforme consta no quadro 3 e no gráfico 4 o fórum de tutores do módulo três teve o total de 67 intervenções, sendo que 38 dessas intervenções foram realizadas por tutores.

Quadro 3- Quantidade total de postagem por fórum e por tutores (Módulo 3)

Número total de intervenções	67
Número de intervenções por tutores	38

Fonte: <http://www.fe.unb.br/eja/mod/forum/discuss.php?d=278> – Acesso em: 07/07/2011

Gráfico 4 – Nº Total de postagens x Nº de Intervenções por Tutores (Módulo 3)



Fonte: <http://www.fe.unb.br/eja/mod/forum/discuss.php?d=278> – Acesso em: 07/07/2011

Nem todos os tutores do curso participaram do fórum de tutoria, os tutores participantes foram os das turmas: A, B, C, G, H, I e J, conforme citado no quadro 4. Sendo assim, três tutores não realizaram em nenhum momento intervenções na discussão do fórum de tutoria.

Quadro 4- Tutores que realizaram intervenções e Tutores que não realizaram intervenções nos Fóruns (Módulo 3)

Tutores que realizaram intervenções	A, B, C, G, H, I, J
Tutores que não realizaram intervenções	D, E e F

Fonte: <http://www.fe.unb.br/eja/mod/forum/discuss.php?d=278> – Acesso em: 07/07/2011

É apresentado no quadro 5 o total de participações que cada tutor teve no fórum três de tutoria. O que mais realizou intervenções foi o da turma J com o total de 14 e os tutores das turmas D, E e F não realizaram nenhuma postagem.

Quadro 5 – Total de Intervenções por Turma (módulo 3)

Turmas	Número de intervenções por tutores
A	3
B	3
C	3
D	0
E	0
F	0
G	2
H	7
I	6
J	14

Fonte: <http://www.fe.unb.br/eja/mod/forum/discuss.php?d=278> – Acesso em: 07/07/2011

É apresentado no quadro 6 o número de postagens que cada categoria criada teve no decorrer do fórum. A categoria que apresentou o maior número de postagens é a de questionamento com o total de nove intervenções e a que apresentou menor número é a de dúvidas sobre o tema com quatro postagens.

Quadro 6 – Número de Intervenções por categoria (Módulo 3)

Módulo 3 – Categorias	Número de intervenções
Dúvidas Técnicas	8
Informação	7
Questionamento	9
Dúvidas sobre o tema	4

Fonte: <http://www.fe.unb.br/eja/mod/forum/discuss.php?d=278> – Acesso em: 07/07/2011

5.1.2- Dados do fórum de tutores do módulo 4:

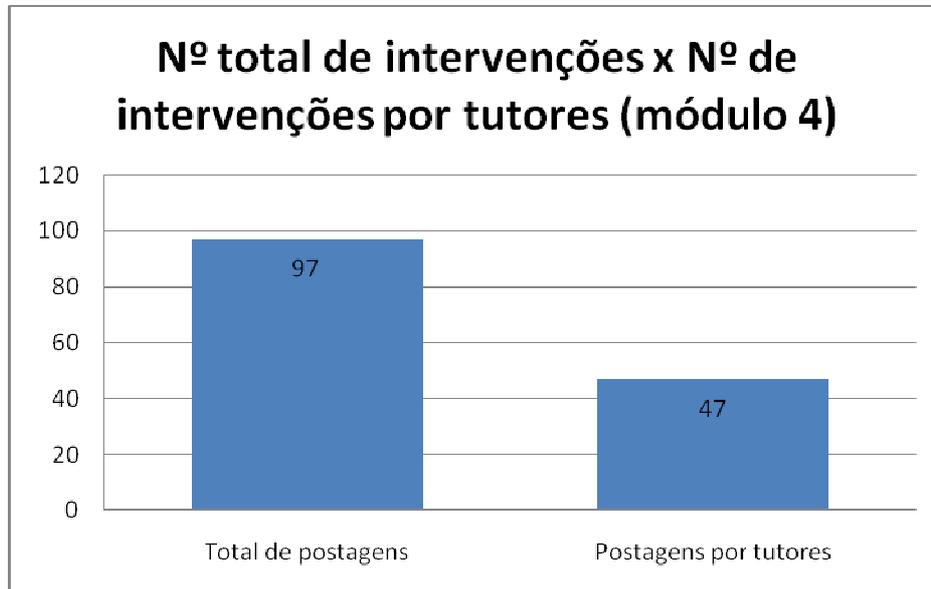
Conforme consta no quadro 7 e gráfico 5 o fórum de tutores do módulo quatro teve o total de 97 intervenções, sendo 47 dessas postagens forma realizadas por tutores.

Quadro 7– Quantidade total de postagem por fórum e por tutores (Módulo 4)

Total de postagens	97
Postagens por tutores	47

Fonte: <http://www.fe.unb.br/eja/mod/forum/discuss.php?d=442>- Acesso em: 07/07/2011

Gráfico 5 – Nº Total de postagens x Nº de Intervenções por Tutores (Módulo 4)



Fonte: <http://www.fe.unb.br/eja/mod/forum/discuss.php?d=442>- Acesso em: 07/07/2011

Os tutores que realizaram intervenções nesse módulo foram das turmas: A, B, C, D, G, H, I e J. Os que não realizarão intervenções forma os da turma E e F, esses dados podem ser observados no quadro 8.

Quadro 8- Tutores que realizaram intervenções e Tutores que não realizaram intervenções nos Fóruns (Módulo 4)

Tutores que realizaram intervenções	A, B, C, D, G, H, I, J
Tutores que não realizaram intervenções	E, F

Fonte: <http://www.fe.unb.br/eja/mod/forum/discuss.php?d=442>- Acesso em: 07/07/2011

É apresentado no quadro 9 o total de participações que cada tutor teve no fórum quatro de tutoria. O que mais realizou intervenções foi o da turma J com o total de 13 e os tutores das turmas E e F não realizaram nenhuma postagem.

Quadro 9– Total de Intervenções por Turma (módulo 4)

Turmas	Número de intervenções
A	5
B	11
C	6
D	1
E	0
F	0
G	1
H	4
I	6
J	13

Fonte: <http://www.fe.unb.br/eja/mod/forum/discuss.php?d=442>- Acesso em: 07/07/2011

É apresentado no quadro 10 o número de postagens que cada categoria criada teve no decorrer do fórum, é necessário lembrar que nesse módulo necessitou-se criar mais duas categorias. A categoria que apresentou o maior número de postagens é a de informação com o total de vinte e cinco intervenções e a que apresentou menor número é a de questionamento com duas postagens.

Quadro 10 - Número de Intervenções por categoria (Módulo 4)

Módulo 4 – Categorias	Número de intervenções
Dúvidas Técnicas	6
Informação	25
Questionamento	2
Dúvidas sobre o tema	5
Elogios e Agradecimentos	8
Dica dos professores aos tutores	20

Fonte: <http://www.fe.unb.br/eja/mod/forum/discuss.php?d=442>- Acesso em: 07/07/2011

5.2- Análise do Módulo 3:

1ª análise - A partir da análise dos dados do módulo, foram selecionados alguns trechos para ilustrar a necessidade de uma formação específica para a atuação no curso de EJA. Esse primeiro exemplo se refere ao diálogo entre uma tutora e a professora orientadora, onde a tutora levanta alguns apontamentos feitos por seus alunos e informa que necessita de mais conhecimento teórico da área para poder debater com seus alunos. Dessa forma, pergunta se a professora orientadora pode auxiliá-la. A seguir é apresentada a fala do tutor analisada neste primeiro momento. No anexo 3 é possível realizar a leitura na íntegra do diálogo entre o tutor e o professor autor.

“Cara Professora [REDACTED], Boa noite!

Segue um exemplo de mensagem que tenho recebido sobre o tópico 2:

Oi prof. [REDACTED], estou com dificuldades de entender o 2. tópico 1. Leitura do Texto Básico - Segunda Parte: Comunidades quilombolas, da expropriação ao direito à terra. pois ao meu ver não se refere nada sobre expropriação da terra. 2. Leitura do texto Quilombos e o Direito a Terra, de Bárbara Oliveira Sousa (2008. Não encontrei este texto... desde já agradeço [REDACTED]

Fora passar os links novamente, incentivei a colocar as dúvidas no Fórum da turma para que além de mim, outros também possam contribuir. Comentei sobre a perspectiva da questão da expropriação, mas você pode me ajudar a clarificar?

Grata, [REDACTED];)” (Tutor, 2009)

Nesse caso, as professoras estão debatendo sobre como lidar com a questão quilombola em sala de aula. Essa questão foi levantada, pois o tutor informou que seus alunos não conseguiam compreender a relação entre a expropriação de terra e os quilombolas. É pedido um suporte teórico para a professora autora, para poder debater melhor esse assunto com os cursistas.

Nessa situação percebemos que o tutor possui o conhecimento sobre essa área, mas que ela precisa de um suporte para responder a questão levantada pela aluna. O que

pode se concluir desse diálogo é que apesar de ter o conhecimento sobre o tema, é necessário recorrer a um suporte específico. Dessa forma, através do conhecimento que já possuía a tutora teve a capacidade de dialogar até certo ponto com as alunas e quando o assunto se tornou mais complexo recorreu ao auxílio de uma pessoa que tivesse mais domínio da área.

Com isso percebemos que foi fundamental a formação específica desse tutor, pois o assunto tratado é uma das temáticas do EJA e ele soube lidar com a situação de forma objetiva.

Analisando o diálogo percebemos que o tutor assume dois perfis marcantes: o perfil de tutor co-aprendiz e de tutor formador conforme referencial teórico. O tutor assume esse papel de co-aprendiz quando pede auxílio ao professor orientador para poder se aprofundar mais sobre o tema para poder transmiti-lo para seus alunos. Isso também é verificado quando ele pede para a estudante postar a sua dúvida no fórum de dúvidas, pois nesse fórum outros estudantes poderão debater sobre o assunto e assim construir um conceito sobre o tema. De acordo com Shatler (2008, p. 55) a principal atividade do tutor é “colaborar com alunos para que possam transformar os dados disponíveis na internet e por toda parte em conhecimento com potencial de transformação das suas vidas e das comunidades nas quais convivem.” Com isso, o tutor assume o papel de co-aprendiz, pois ele estará construindo o seu conhecimento juntamente com seus alunos, através de uma aprendizagem colaborativa. Segundo Dias e Leite (2009) o tutor assume o papel de co-aprendiz quando colabora com os outros profissionais na construção do conhecimento o que é importante para a EaD.

O tutor assume papel de formador, pois ele se preocupa com a aprendizagem de seus alunos e não os deixa sozinho. Conforme Oliveira e Lima (2009) a função mais importante do tutor é auxiliar que seus alunos aprendam a aprender. O tutor quando sinaliza para os professores autores que não possui todo o conhecimento sobre o assunto está aprendendo a aprender, pois estará se colocando na posição de aluno buscando o conhecimento sobre o tema para poder discutir com maior profundidade com seus alunos.

A competência Pedagógica também pode ser observada na fala desse tutor, pois ele mostra que está acompanhando o debate entre os estudantes e realizando com eles uma orientação. Se o tutor não estivesse realizando essa intervenção ele não estaria ciente de que seus alunos estão com dificuldade no tema abordado. Segundo Grassi (2006) a mediação pedagógica é uma característica básica das competências que o tutor deve possuir, com isso para executá-la de forma eficiente é necessário um trabalho frequente que estimule o aluno para que ele não se sinta sozinho no ambiente virtual.

Neste exemplo, o tutor mostra que possui a competência tecnológica, pois sinaliza que enviou para a aluna o texto que ela não havia localizado. Essa habilidade é de caráter simples, pois todo tutor que atua em cursos à distância deve dominar ferramentas básicas de internet e o envio de arquivos é um dos recursos mais simples e mais utilizados nessa modalidade. Segundo Moran (2004) apud Grassi (2006, p.81)

O professor da modalidade a distância precisa aprender a trabalhar com as tecnologias sofisticadas e as tecnologias simples. (...) Ele não pode acomodar-se porque a todo momento surgem soluções novas e que podem facilitar o trabalho pedagógico com os alunos.

Com isso o tutor deve estar apto a lidar com as ferramentas utilizadas na plataforma Moodle, que foi utilizado no curso. Foi importante a experiência dos tutores em Educação a Distância, pois facilitou o contato com essas ferramentas e agilizou o envio dos arquivos que poderia demorar se ele esperasse o auxílio de outro profissional.

2ª Análise- Neste próximo trecho selecionado o tutor não possui uma dúvida sobre o tema, mas questiona os outros tutores e professores a pensarem sobre a questão dos indígenas em sala de aula. É interessante analisar a fala desse tutor, pois a partir dela percebemos a importância da formação específica bem como sua experiência na área. Entendemos que essa formação contribui para o crescimento do aluno. Será apresentado o trecho da fala do tutor para clarificar o assunto tratado.

“Professora

Só que ninguém perguntou a ele, por que da necessidade de aprender o que nós aprendemos? Será que o que nós aprendemos fará diferença para a cultura deles, se nós nem reconhecemos que eles têm cultura? Primeiro nós precisamos ver quem está ensinando e quem está aprendendo. Nós precisamos aprender com eles..... Eu tenho um aluno índio, que é da Cidade Ocidental. Não pergunto a ele o que ele está aprendendo conosco, mas, faço ele dizer o que nós podemos aprender com eles. E digo sempre, que sorte temos nós de aprender com eles, considerando que nós vivemos em um país capitalista que não sabe o que dividir. Eis o nosso maior problema com nossos alunos: subtrair e dividir. O capitalismo jamais nos ensinou isso. Desculpe-me. Mas, peço que esse aluno explique melhor o porquê dele querer saber de nossos costumes e qual seria o benefício para cultura dela.” (Tutor, 2009).

Através do apontamento levantado por esse tutor fica visível a necessidade de se ter tutores capacitados para atuar em cursos de educação à distância. Capacitados não apenas no domínio da tecnologia, mas também no conteúdo, pois às vezes pensamos tanto na informática que acabamos esquecendo o que realmente importa que são as disciplinas e temáticas do curso.

A sua experiência em sala de aula foi riquíssima, pois em seu relato é apontado que lecionou para alunos indígenas e os questionava sobre o porquê da necessidade de aprender a nossa cultura. É interessante perceber que o tutor mostra que valoriza o povo indígena bem como a sua cultura.

O questionamento levantado pelo tutor reflete que ele possui conhecimento naquela área e que tenta estimular os outros tutores a refletirem sobre o assunto. A formação específica e a experiência na modalidade de ensino de jovens e adultos foram fundamentais para que o tutor construísse um pensamento crítico sobre o tema e estimulasse os seus pares com relação ao conhecimento deste.

Através desta intervenção é possível verificar dois perfis marcantes no tutor: o perfil de orientador, formador e o perfil de co- aprendiz. O tutor nessa fala agiu orientador de seus colegas tutores, no sentido de motivá-los na busca por novos olhares e percepções; na execução de reflexões críticas e na análise de situações complexas, Dias e Leite (2010). O tutor buscou questionar a abordagem apresentada visando estimular uma visão crítica em seus pares, fazendo-os refletir, sobre o tema abordado, através de outros ângulos.

Analisando o perfil do tutor formador pode-se encaixar a fala do tutor analisado, nessa categoria. Segundo Oliveira e Lima (2009), o tutor formador é aquele que está auxiliando seus alunos a aprenderem a aprender. Nesse caso não são os alunos que estão nessa busca por um novo olhar e sim os próprios tutores. O tutor ao levantar o questionamento sobre a formação indígena está buscando que seus colegas percebam a necessidade de aprenderem essa realidade de uma nova forma, através de uma nova percepção.

O tutor no papel de co- aprendiz se apresenta nessa situação no ambiente presencial. Quando o tutor fala *“Não pergunto a ele o que ele está aprendendo conosco, mas, faço ele dizer o que nós podemos aprender com eles. E digo sempre, que sorte temos nós de aprender com eles, considerando que nós vivemos em um país capitalista que não sabe o que dividir.”* (Tutor, 2009). Ele está levando o relato de uma experiência vivida para a sala de aula virtual. É importante essa exposição para que os alunos e tutores percebam a necessidade de estarem sempre compartilhando das experiências vividas, pois é através delas que construímos o conhecimento e formamos ou consolidamos conceitos. Conforme Dias e Leite (2009), o tutor assume o papel de co-aprendiz por ser responsável por colaborar com o aprendizado dos outros profissionais. Nessa situação, o tutor buscou que seus pares também percebessem a

importância do indígena em sala de aula, valorizando a sua cultura e não permitindo que a nossa cultura se sobreponha a dele.

A competência Pedagógica foi bastante utilizada na fala desse tutor. Através do relato de suas experiências em sala de aula e a busca por levar novas percepções aos seus colegas permitiu que a competência pedagógica fluísse com naturalidade. Segundo Grassi (2006) essa competência é fundamental, pois é através dela que ocorre a mediação pedagógica. Através desse relato e troca de experiência ocorreu à aprendizagem colaborativa.

Também é perceptível a competência Comunicativa, pois através da escrita todo o relato foi compreendido por tutores e professores autores. Assim como através da escrita o tutor buscou mostrar aos seus pares a necessidade de um novo olhar para a cultura indígena. De acordo com Grassi (2006) é através dessa competência que o tutor se comunica com seus pares, é essencial uma comunicação que flua para que os pensamentos não sejam interpretados de forma errônea. Através da intervenção apresentada é possível verificar algumas qualidades do tutor a distância. O diálogo na íntegra sobre a questão dos indígenas se encontra no anexo 4.

5.3- Análise do módulo 4:

1ª Análise- No módulo quatro foram ocorreram dúvidas pertinentes ao tema de Educação Especial, sobre a questão de gênero e cotas. Neste primeiro debate entre o tutor e a professora autora percebemos a importância de uma formação específica para os tutores que atuaram na área de EJA. Foi fundamental o conhecimento da tutora no tratamento das informações lançadas pelos alunos. O questionamento levantado por ela fez com que outros tutores também percebessem a importância da Educação Especial no EJA. A seguir é apresentado um trecho da discussão:

“Obrigada [REDACTED]. Gostaria que você avaliasse a relevância de levar essa questão ao fórum. Pois sinto-me insegura em tentar aprofundar discussões das quais tenho um pouco de dúvida. E a propósito, na realidade em que trabalho, os alunos não tem autonomia de escolha para ir para a EJA. Eles são encaminhados pelas Instituições de Ensino. Falo porque trabalho numa Equipe especializada de apoio ao atendimento. E o aluno ANNE é submetido a uma avaliação a qual vai indicar o futuro do aluno: EJA ou Centro de Ensino Profissional.” (Tutor, 2009)

A tutora informa que não tem muito conhecimento na área de educação especial quando tratada no EJA. Dessa forma, pede que a professora autora a oriente de forma consistente a conseguir dar suporte para os seus alunos sobre o tema, clareando as idéias e apontando possíveis soluções para o problema.

É importante perceber também que os tutores não precisam conhecer tudo. Eles precisam conhecer o necessário para dialogar com seus alunos. Não é necessário todo o saber, pois eles terão como suporte os professores autores que podem tirar dúvidas sobre os temas constantemente, basta o tutor recorrer ao fórum de dúvida de tutores ou entrar em contato com o professor responsável. Dessa forma eles estarão aprendendo sobre o assunto e realizando a aprendizagem colaborativa.

É de extremo valor quando o tutor informa que não tem o conhecimento sobre aquele assunto, mas busca auxílio em seus pares para se informar sobre o tema. Nesse

particular a Educação a Distância assume a concepção da aprendizagem colaborativa, seja ela ocorrendo entre os estudantes ou entre os professores autores e os tutores.

Nesta situação pode-se perceber dois papéis centrais que o tutor assume: o de formador e o de co-aprendiz; e tenta, pedindo auxílio aos seus pares, assumir a postura de orientador e de “recurso”. É evidente no texto que o tutor assume o papel de formador, pois ele está buscando através do auxílio de seus colegas novas alternativas para abordar o assunto com sua turma. Ele está buscando essa formação específica que não possui para poder dialogar com seus alunos acerca do conteúdo. O tutor assume o papel de co-aprendiz, pois como não domina o conteúdo abordado apóia-se em seus colegas no esclarecimento de dúvidas e na construção de conceitos.

O tutor ao buscar auxílio em seus pares tentar assumir diante de sua turma uma postura de orientador, pois ele deve promover as discussões na sua sala de aula virtual. Para proporcionar de forma coerente essas reflexões é necessário que o tutor se aproprie do conhecimento para poder dialogar de forma adequada com os estudantes e essa busca por conhecimento é feita no fórum de tutoria. Dessa forma, o tutor acaba por tentar assumir também a postura de “recurso”, pois segundo Dias e Leite (2009), é ele o profissional apto a responder dúvidas pontuais dos estudantes. A partir do momento que o tutor se apropria do conhecimento ele está preparado para direcionar o andamento das discussões no ambiente virtual e solucionar ou esclarecer possíveis dúvidas relacionadas ao tema. Para melhor compreender essa análise é necessário visualizar o texto na íntegra, que se encontra no anexo 5, foram selecionados alguns fragmentos buscando clarificar esta análise.

“Tens toda razão em relacionar outras possibilidades de necessidades educacionais, pois na EJA não temos apenas alunos com deficiência intelectual. Pessoas surdas ou com transtornos graves do desenvolvimento (alguns casos de esquizofrenia, inclusive), por situações muito diferenciadas decidem ir para a EJA na tentativa de conseguir algo diferente do ensino regular: uma inclusão radical e um encontro com professores que tenham no desejo e na formação a possibilidade de trabalhar com a diversidade.”
(Tutor 1, 2009)

“ ‘Sempre achamos que sabemos o que é melhor para o outro’ e isso também se repete com os alunos trabalhadores da EJA. Não precisas levar para o fórum, sei que ficará como pano de fundo, ok. Deste uma guinada na condução do teu grupo, agora é qualificar ainda mais, como tens feito, as discussões.” (Tutor 2, 2009)

É possível analisar também que o tutor possui competência Pedagógica e Comunicativa. A competência pedagógica, pois ele foi capaz de informar que não possuía conhecimento do assunto e buscou auxílio em seus colegas para sanar esse déficit e a competência Comunicativa, pois ele foi capaz de utilizar uma das principais ferramentas do curso de EaD para mostrar a sua dificuldade no tema. Ferramenta essa que é a escrita. De acordo com Grassi (2006), as três competências são fundamentais: pedagógica, comunicativa e tecnológica. A competência pedagógica é importante, pois através dela que ocorre a mediação e as relações no ambiente virtual se aprofundam. É necessário que ocorra uma boa comunicação escrita e sem falhas para que a mensagem possa ser transmitida sem erros.

2ª Análise- Na próxima análise um tutor levanta um questionamento sobre a falta de políticas públicas para a área da diversidade e pede ajuda a professora orientadora sobre esse tema. No questionamento apresentado o tutor pede que sejam disponibilizadas informações sobre o avanço das políticas públicas na área de diversidade “*Na turma B, foi levantada a questão da falta de políticas públicas nesta área. Você poderia socializar conosco o que temos de avanços e trabalhos neste campo? Teria algum texto? No aguardo*” (Tutor, 2009)”. Alguns colegas tutores vêm a colocação do tutor e também se posicionam informando que também sentem falta de suporte teórico nessa área. A professora autora coloca algumas explicações sobre o tema e informa que abrirá no próprio ambiente uma pasta com textos sobre esse assunto.

Nessa situação percebemos que as tutoras possuem a necessidade de se aprofundarem no tema para auxiliarem os seus alunos e enriquecer os debates que estão acontecendo nos fóruns. Pode-se perceber que as tutoras tem conhecimento no assunto, mas não aprofundado. Dessa forma, pode-se visualizar, novamente, a importância de uma formação específica na formação dos tutores que atuam nesse curso de EJA.

É necessário que o tutor informe quando não domina o assunto, pois assim, os professores autores ou seus próprios colegas tutores poderão auxiliá-lo nessa busca por aprofundamento. É melhor que o tutor informe que não domina o assunto, mas apresente aos seus alunos questionamentos e intervenha em suas colocações, do que os deixá-los a mercê com dúvidas sobre o assunto. O diálogo completo com as intervenções dos tutores relatando necessitar de uma complementação no conhecimento encontra-se no anexo 6. A seguir é apresentado alguns fragmentos dessas falas.

“Cara [REDACTED],

Na turma B, foi levantada a questão da falta de políticas públicas nesta área.

Você poderia socializar conosco o que temos de avanços e trabalhos neste campo?

Teria algum texto?

No aguardo” (Tutor 1, 2009)

“Olá prof^a [REDACTED]!”

Além da curiosidade sobre a questão levantada pela [REDACTED], estou com dificuldade em tratar de toda a diversidade. Por mais que eu os lembre que não há porque dicotomizar entre Mulheres e Homens, Feminino e Masculino, parece que eles "fingem" não entender...

Se possível, dê uma passada pelo Fórum da turma [REDACTED] e me diga se há remédio...

Grata” (Tutor 2, 2009)

“Oi [REDACTED], estou percebendo que alguns estão considerando a diversidade apenas como "Homem/ MULHER," se eximindo de falar sobre outras opções que estão presente na sociedade. Apenas a aluna [REDACTED] trás a tona a diversidade na sua abrangência e ainda provoca os colegas a reflexão quanto à postura do professor. Então, como a [REDACTED] gostaria que vc trouxesse algumas questões que possam nos ajudar.

Grata” (Tutor 3, 2009)

Pode-se verificar na fala desses tutores que eles apresentam o perfil de tutores co-aprendizes, pois estão buscando o conhecimento na área estudada. Eles apresentam esse perfil, pois estão buscando aprender uns com os outros. Segundo Dias e Leite (2009), esse perfil é assumido por profissionais que estão buscando aprender com seus pares. Eles pedem aos professores autores que disponibilizem materiais para que eles possam aprofundar os seus estudos e conhecer um pouco mais sobre as políticas públicas na área de gênero. Esse perfil também pode ser observado quando o tutor pede auxílio ao professor autor em como abordar esse assunto nos fóruns.

3ª Análise- Analisando esse próximo apontamento, pode-se perceber que o tutor tem conhecimento do assunto, mas não sabe se posicionar diante da turma a respeito dos mesmos. Não existe uma resposta das professoras autoras sobre esses temas, mas pode-se inferir que elas a tenham respondido por e-mail ou através de mensagens pessoais.

“1. Sobre a Questão das Cotas (sei que este assunto é polêmico e tenho uma posição a favor, mas como devo colocar isso?);

2. Sobre a questão das religiões e credos africanos, alvo de muita discriminação também. Como encaminhar isso?” (Tutor, 2009)

Mais uma vez percebemos a importância de os tutores terem conhecimento nas áreas tratadas no curso. Se eles não possuíssem, não saberiam nem mesmo levantar questionamentos para os professores autores. A fala do tutor na íntegra pode ser visualizada no anexo 7.

Pode-se dizer que através dessa fala a tutora assumiu o papel de formadora e orientadora do conhecimento. Mesmo ela levantando questionamentos aos seus pares o tutor informa que possui um posicionamento sobre os assuntos. Através disso inferimos que em seu diálogo com a turma ela tentou ser o mais imparcial possível, mas em determinado momento como não soube se posicionar pediu orientação aos professores autores.

O tutor assumiu o papel de orientador, pois teve que se posicionar diante da turma e através desse posicionamento ele tentou direcioná-los para um conceito. De acordo com Sherry apud Tavares apud Dias e Leite (2009), o tutor assume o papel de orientador, pois realiza mediações, apresenta modelos aos seus alunos e redireciona o foco quando necessário. Conforme Lima e Rossateli apud Oliveira e Lima (2009) o tutor deve assumir uma posição crítica e criativa para desempenhar as suas atribuições. O tutor na situação relatada informa que não sabe se posicionar diante da situação, o que mostra que ele possui um conhecimento sobre o assunto, mas procura a opinião de outras pessoas para poder debater com maior profundidade com sua turma.

Assumi um papel de formador, pois estava preocupado com a aprendizagem dos alunos. De acordo com Oliveira e Lima (2009) o tutor buscava fazer com que seus alunos aprendessem a aprender. Foi possível perceber isso, pois ele levantou questionamentos de como deveria se posicionar. Se isso não tivesse sido realizado, poderíamos dizer que ele não estava preocupado com a evolução de seus alunos.

4ª Análise- Analisando o fórum de tutoria do módulo quatro, percebe-se um caso intrigante, que levou a uma reflexão sobre a importância da tutoria na Educação a Distância. Esse módulo possuía o acompanhamento de quatro professores autores que também acompanhavam as discussões que ocorriam nos fóruns dos estudantes. Eles não se prendiam aos relatos dos tutores nos fóruns de tutoria e sim estavam acompanhando as discussões dos cursistas nos fóruns dos estudantes no curso.

Diante disso, em algumas situações, foi necessário que esses professores autores chamassem a atenção dos tutores para pontos que não estavam sendo estimulados em suas turmas. Isso mostrava que os professores autores estavam buscando estimular a participação dos tutores nos fóruns de tutoria e principalmente no fórum dos estudantes, pois os cursistas necessitam de um acompanhamento constante, para que não se desestimulem e nem desanimem com o curso.

O que se tornou visível é que em alguns momentos os tutores não estavam acompanhando as suas turmas, fazendo com que os professores autores tivessem que chamar a atenção desses tutores, publicamente, no fórum de tutoria. Parece que essas advertências não surtiram efeito, pois em uma turma o tutor entrou apenas uma única vez em cada tópico, sinalizando que ele postou apenas a mensagem inicial que foi comum a todos os tutores, pois foram construídas pelas professoras autoras.

Outro ponto que é interessante para reflexão é que o tutor que postou apenas a mensagem inicial no fórum dos estudantes, não realizou nenhuma postagem no fórum três e quatro de tutoria. O que se pode concluir é que esse tutor não estava realizando o acompanhamento de sua turma, estava deixando os alunos livres para realizar as postagens que achassem convenientes e não estava os estimulando, nem esclarecendo dúvidas sobre os assuntos debatidos.

Este é um exemplo do que não pode ocorrer em turmas de Educação a Distância, pois os alunos precisam do estímulo e do acompanhamento do tutor. A turma desse tutor iniciou com 33 alunos e apenas 22 entregaram o projeto final (PIL), houve a desistência de 33% dos alunos, este é um índice elevado na EaD.

Através da atitude desse tutor a Educação a Distância fica desvalorizada, fazendo com que muitos estudantes que estavam em sua turma percam a credibilidade nesse tipo de ensino e desistam até mesmo de realizar outros cursos nessa modalidade.

Educação a Distância é uma modalidade não deve ser praticada de qualquer forma. Diante de profissionais que não se importam, nem mesmo em verificar a

postagem de seus alunos e em comentar os seus questionamentos, esse profissional não deve está atuando nessa modalidade de ensino. Estimular o aluno e ajudá-lo a crescer é fundamental para o sucesso, para se conseguir atingir o objetivo final de aprendizagem.

Uma forma de solucionar esse problema seria um preparo dos tutores no início que consistiria em mostrar a importância do tutor na administração de uma turma, destacando que o ensino a distância deve ser diferenciado do presencial.

Através das falas no anexo 8, é possível verificar o papel de tutor omissivo de alguns profissionais que atuaram no curso. Esse papel é visível quando eles não debatem no fórum dos alunos, nem participam do fórum de tutoria.

“Dá uma olhadinha nos debates da sua turma sobre educação ambiental, algumas postagens evidenciam a falta de leitura e reflexão sobre os textos. Vamos ficar atentos e incentivar a turma a fazer as leituras sugeridas?” (Professor Autor, 2009)

██████, ██████ e ██████ *existe interação entre @s cursistas, mas seria legal dar uma incrementada, levar algumas questões;*” (Professor Autor, 2009)

██████, ██████ e ██████, *pensamos que o grupo de vocês mereceria algumas provocações e chamamentos à discussão. Com certeza, vocês obterão respostas;*” (Professor Autor, 2009)

O papel de tutor omissivo é visível quando o tutor não desempenha nenhum papel dentro dos fóruns. Ele apenas apresenta a introdução do fórum, que é comum a todos os tutores, e não realiza nenhuma intervenção em sua turma. Esse tutor não realiza a mediação necessária nos fóruns, dessa forma ele desestimula os seus alunos, que podem até mesmo desistir do curso. Ao assumir o papel de omissivo o tutor prejudica a aprendizagem de seus alunos e os desestimular a continuar no curso, pode até mesmo desestimular a buscar outros cursos a distância. A presença do tutor é fundamental no ambiente, pois segundo Carla Netto (2006) “as interações são fundamentais aos processos de aprendizagem, tanto as interações aluno- aluno quanto aluno- professor”.

Verificando essa situação, o tutor não desempenha nenhuma competência desejável aos tutores. Ele não desenvolve as competências: pedagógica, comunicativa e tecnológica.

5.5- Conclusão das Análises de Dados dos Módulos 3 e 4:

Pode-se concluir, a partir das análises das discussões dos módulos três e quatro, que é de fundamental importância a necessidade de uma formação específica para a atuação de tutores no curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com ênfase em EJA. Esse dado foi constatado através das postagens realizadas pelos tutores nos fóruns de tutoria dos módulos três e quatro, através da categoria de dúvidas sobre o tema.

Verificou-se essa importância de formação específica, diante dos questionamentos levantados no fórum. Questionamentos esses que levaram os professores autores a refletirem sobre o tema e ajudarem o tutores na construção do conhecimento de seus alunos. Diante do que foi apresentado, percebeu-se que os tutores possuíam conhecimentos naquela área, mas não sabiam como expressar de forma adequada seus pensamentos para os alunos. Em alguns momentos eles pediam aprofundamento sobre o tema, o que mostra que eles possuem conhecimento naquela determinada área, porém não de modo aprofundado.

Foi de singular importância a experiência dos tutores em EJA, pois a maioria deles sabia debater com seus alunos (professores de EJA), os temas abordados com fluidez, pois tratavam os assuntos de formas iguais. Quando não sabiam como abordar o tema recorriam aos professores autores que os auxiliava e davam orientações.

É importante ressaltar a importância do diálogo do tutor nos fóruns de tutoria com os professores autores e demais colegas tutores, pois através da troca de experiências os tutores não se sentem sozinhos no percurso e verificam que os seus pares também apresentam as mesmas dificuldades que eles na compreensão daquele assunto abordado.

Nessa troca de experiências ocorre a aprendizagem colaborativa entre os tutores e professores autores; e entre os próprios tutores. Essa aprendizagem é fundamental na EaD, pois é através dela que o conhecimento é elaborado. É interessante perceber que os tutores ao mesmo tempo em que atuam nos cursos também aprendem, pois as informações mudam a todo o momento e podem se transformar em conhecimento.

Pode-se verificar que alguns papéis e competências que os tutores assumem aparecem com mais frequência que outros. Esses papéis frequentes são o de tutor orientador, tutor formador e tutor co- aprendiz. Acredito que esses perfis aparecem maior número de vezes, pois estão ligados a orientação e mediação das salas de aula

virtual. Essa mediação ocorre de diversas formas e os tutores utilizam de diversos métodos para estimular a participação dos estudantes no ambiente virtual.

O papel de tutor omissor não deveria aparecer em nenhum curso à distância, pois com essa atitude ele desestimula a participação dos estudantes no ambiente virtual, prejudicando assim a imagem que a EaD possui.

As competências podem ser percebidas em vários momentos no fórum e estão ligadas, pois quando uma aparece vem precedida de uma ou mais competências. Dessa forma, é imprescindível que o tutor possua domínio das três habilidades: pedagógica, comunicativa e tecnológica.

Foi importante que os tutores tivessem experiência em EaD, pois a maioria se mostrava comprometida com a dinâmica dos cursos virtuais. Eles buscavam interagir com os alunos e principalmente com os outros tutores. Buscando sanar suas dúvidas com seus pares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, buscou-se discutir a importância de uma formação específica para os profissionais que atuam como tutores na Educação a Distância. Essa formação específica nem sempre é exigida nos cursos dessa modalidade. Discutiu-se também a atuação desses profissionais no estímulo aos seus alunos no ambiente do curso a distância.

Tentando atingir os objetivos iniciais desse trabalho, estudou-se o papel que os tutores assumem no ambiente virtual, as dificuldades que eles encontram na relação com seus alunos e a necessidade de uma formação específica para a atuação como tutor.

No primeiro capítulo – Educação a Distância realizou-se um apanhado histórico sobre a evolução da EaD, a legislação que ampara essa modalidade de ensino e o sistema UAB. Pode se perceber que a evolução que ocorreu nesse modelo de ensino não foi apenas de caráter material e tecnológico, mas ocorreu uma mudança de paradigma, onde o aluno passa a ser o centro da aprendizagem. A Educação a Distância apenas começou a ser reconhecida como modalidade de ensino a parti da LDB 9394/96. A Universidade Aberta do Brasil é um programa governamental que surgiu para expandir o Ensino Superior para os pontos mais remotos do Brasil e democratizar o acesso ao ensino.

O tutor é o centro do estudo realizado no capítulo dois. Nesse capítulo realiza-se uma discussão sobre quem é o tutor na Ead e no sistema UAB, os papéis assumidos por ele no ambiente virtual e a necessidade de uma formação específica para atuação nos cursos à distância.

O capítulo três apresenta a metodologia de pesquisa utilizada. Utilizou-se a pesquisa qualitativa, pois se buscou a compreensão do papel assumido pelo tutor no fórum de tutoria. Essas intervenções foram privilegiadas, pois através delas percebeu-se a necessidade da formação específica para os profissionais que atuam em EaD. Com a utilização do N Vivo, software que facilita a análise de dados qualitativos, foi possível categorizar as falas dos tutores, e analisar apenas as que eram importantes para a realização do trabalho. A categoria utilizada foi a de dúvidas sobre o tema, que permitiu verificar a importância da formação para esses profissionais.

A Análise de Dados foi realizada no capítulo quatro, onde se privilegiou as intervenções realizadas pelos tutores no fórum de tutoria. Através desse estudo foi

possível identificar que a formação específica e a experiência na área do curso foram fundamentais para que o tutor conseguisse desempenhar de forma satisfatória o seu papel no fórum.

Pode-se concluir que o tutor assume diversos papéis como o de formador, orientador, co-aprendiz, recursos e o de omissor. Os papéis assumidos correspondem ao tipo de mediação que o tutor realiza no fórum. Alguns aparecem com mais frequência, são eles: o de formador, co-aprendiz e orientador. Percebeu-se que o papel de tutor omissor também aparece. Essa falta de intervenção não é a ideal em EaD, pois desestimula os alunos e faz com que os cursos a distância percam credibilidade.

A exigência de se ter experiência de atuação na EJA foi importante para que os tutores entendessem a realidade de seus alunos. Através de suas próprias experiências, eles puderam compartilhar com seus alunos informações que poderiam ajudá-los em suas salas de aula tradicional.

Algumas dificuldades que os profissionais encontraram em salas de aula virtual podem ser percebidas através do fórum de tutoria, pois nesse espaço os tutores relataram essas dificuldades. As dificuldades relativas ao tema puderam ser respondidas com o auxílio dos professores autores. Os tutores mostraram domínio dos temas, mas em algumas situações surgiram dúvidas que eles não souberam responder. A formação específica os ajudou, pois permitiu que eles discutissem em suas turmas com profundidade os temas tratados, estimulando seus alunos na busca por conhecimento.

A formação específica para os tutores ainda é um assunto pouco discutido na Acadêmia, por isso se encontrou uma grande dificuldade em encontrar materiais publicados sobre o assunto. A partir da análise dos fóruns de tutores do curso de Especialização em Diversidade e Cidadania, com ênfase em EJA foi possível perceber que é de extrema importância que os tutores tenham conhecimentos sobre os assuntos tratados no curso, pois apenas dessa forma eles poderão debater com seus alunos e não ficarem com um discurso superficial.

Entende-se que os tutores não possuem um conhecimento completo sobre os assuntos tratados, mas com a ajuda dos professores autores eles poderão aprofundar os seus conhecimentos sobre a área que está sendo estudada. Neste curso foi exigido que os tutores tivessem experiência em EJA, o que os auxiliou no debate com os estudantes que são professores atuantes dessa modalidade de ensino.

Hoje, poucos são os cursos a distância que exigem de seus profissionais a experiência na área. Sabe-se que a demanda de cursos a distância tem aumento significativamente nos últimos anos e não existem profissionais com a qualificação desejada para todos os cursos. Uma sugestão para se suprir esse déficit e falta de especialização é a execução de um curso de capacitação profissional em exercício.

Esses cursos de capacitação poderiam ser ofertados alguns meses antes do início dos cursos à distância a serem mediados por esses tutores, pois dessa forma eles poderiam sanar as suas dúvidas com os professores especializados e ficariam ainda mais aptos para mediar as intervenções de seus alunos.

Neste curso, essa “formação em serviço” ocorreu de forma parcial, com a ajuda do fórum de tutoria. Nesse fórum os tutores levantavam as suas dúvidas e debatiam com os demais colegas tutores os assuntos que tinham mais dificuldade. Dessa forma eles acabam realizando a aprendizagem colaborativa, que é fundamental na Educação a Distância, aprendizado esse que se caracteriza também mediante a troca de experiências.

É necessário lembrar que é de fundamental importância a presença dos tutores no ambiente virtual. Presença essa que não deve ocorrer apenas para postar a mensagem inicial dos fóruns. É necessário que o tutor mantenha um contato constante com seus alunos, verificando as dificuldades encontradas por eles, mediando as intervenções que ocorrem e dando feedbacks sobre o rendimento individual e da turma.

A presença do tutor estimula a aprendizagem colaborativa de seus alunos. Quando não ocorre essa mediação os alunos se sentem desestimulados e muitas vezes abandonam até mesmo o curso. Além disso, os tutores que adotam essa postura mostram a sua falta de compromisso com o aprender do estudante e com a melhoria e qualidade da Educação a Distância.

No curso pesquisado, ocorreu um caso onde o tutor intervinha apenas para postar a mensagem inicial do fórum. Pode-se perceber que seus alunos estavam sem nenhuma orientação e que estavam com alguns pensamentos fora do tratado no módulo. Foi preciso que os professores autores chamassem a atenção desse tutor publicamente no fórum de tutoria para a situação de sua turma, mas o tutor não tomou nenhuma providência.

É lamentável saber que uma turma ficou sem mediação e que uma grande parte de seus alunos evadiu do curso. Não foi possível fazer o levantamento de dados de todas

as turmas sobre a evasão, mas especificamente nessa turma mais de 30% dos alunos abandonaram o curso. Deseja-se que esses estudantes não fiquem com uma impressão negativa da EaD. Deveria ter se tomado a providência de substituir esse tutor, assim que se percebeu essa falha por parte dele, e colocando um que entendesse a necessidade de mediações no ambiente virtual.

O papel do tutor no ambiente virtual requer dele uma troca constante de experiências com seus alunos, que ele construa com os estudantes uma relação de amizade e confiança, não perdendo o foco na metodologia e nos resultados a serem alcançados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carina Turk de. O pedagogo multimeios na utilização de recursos mediáticos colaborativos na modalidade de educação a distância. In: FARIA, Elaine Turk (org.). **Educação presencial e virtual: espaços complementares essenciais na escola e na empresa**. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.

ANDRADE, Jaqueline Barbosa Ferraz de. A mediação na tutoria online: o entrelace que confere significado à aprendizagem- **Virtualizando a Escola: migrações docentes rumo a sala de aula virtual** - Liber Livro, 2010.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância** – 5ª edição. – Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2009.

CHERMANM, Maurício; BONINI, Luci Mendes. **Educação a Distância: novas tecnologias em ambientes de aprendizagem pela internet** – Universidade Braz Cubas, 2000.

COSTA, Marcos Munhoz da. O papel do professor- tutor no Campus EaD Metodista. In: SATHLER, Luciano; JOSGRILBERG, Fábio; AZEVEDO, Adriana Barroso de. (org). **Educação a Distância uma trajetória colaborativa** – São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

DIAS, Rosilâna Aparecida; LEITE, Lígia Silva. **Educação a distância: da legislação ao pedagógico** – 1ª Edição. Vozes, 2010.

EMERENCIANO, M.S.J.; SOUSA, C.A.L.; FREITAS, L.G. **Ser presença como educador, professor e tutor**. Colabora, Curitiba, v. 1, n. 1 – p. 4-11, 2002. Disponível em: http://www.ricesu.com.br/colabora/n1/artigos/n_1/id02.pdf Acesso em: 27/06/2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Dicionário da língua portuguesa: Aurélio Buarque de Holanda Ferreira** – 3ª edição, 10ª reimpressão – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

Gil, Carlos A. **Métodos e técnicas de pesquisa social** – 6ª edição. São Paulo, SP: Atlas, 2009.

GONZALEZ, Mathias. **Fundamentos da tutoria em Educação a Distância** – 1ª edição. São Paulo: Editora Avercamp, 2005.

GRASSI, Daiane. Competências em educação a distância. In: FARIA, Elaine Turk (org.). **Educação presencial e virtual: espaços complementares essenciais na escola e na empresa**. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.

GUTIERREZ, Francisco; PRIETO, Daniel. **A mediação pedagógica: educação a distância alternativa** – Campinas, SP: Papirus, 1994.

KELLE, Udo. Análise com auxílio de computador: codificação e indexação. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 5ª edição. Editora Vozes, 2002.

LOBO NETO, Francisco. **Educação a Distância: regulamentação** – Brasília: Editora Plano, 2000.

MAIA, Carmem (org.). **EaD.br: Educação a Distância no Brasil na era da internet** – São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2000.

MAIA, Carmem; MATTAR, João. **ABC da EaD** – 1ª edição. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MERCADO, Luis Paulo Leopoldo (org.) **Percursos na formação de professores com tecnologias da informação e comunicação na educação** – Maceió: EDUFAL, 2007.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996: Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm Acesso em: 04/04/2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Portaria Normativa nº 2, de 10 de janeiro de 2007.** Disponível em: http://www.uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=68:portaria-normativa-no-2-de-10-de-janeiro-de-2007&catid=12:portarias&Itemid=46 Acesso em: 21/06/2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação a Distância. **Referenciais de Qualidade para a Educação Superior a Distância.** Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf> Acesso em: 21/06/2011.

MORAES, Reginaldo C. **Educação a distância e ensino superior: introdução didática a um tema** – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

MOREIRA, Ana Cristina; MORETTI, Telma. – **Educação a distância e inclusão digital: ações para a cidadania e o desenvolvimento social** – Brasília, DF, 2006. Disponível em: <http://bibliotecadigital.sbc.org.br/download.php?paper=730> Acesso em: 27/06/2011

NETTO, Carla. Interatividade em ambientes virtuais de aprendizagem. In: FARIA, Elaine Turk (org.). **Educação presencial e virtual: espaços complementares essenciais na escola e na empresa.** Porto Alegre: Edipucrs, 2006.

OLIVEIRA, Carmem Lúcia e LIMA, João Geraldo – **Tutoria on-line no programa de formação continuada de professores em mídias na educação** - Debates em Educação, vol. 1, n1 jan/jun. 2009. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/viewArticle/33> Acesso em: 27/06/2011

OLIVEIRA, Elsa Guimarães. **Educação a distância na transição paradigmática** – 3ª edição. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

PETERS, Otto. **Educação a distância em transição.** Rio Grande do Sul: Unisinos, 2003.

PICANÇO, Alessandra de Assis. **Emergência de novas Ordens na Educação a Distância** – Ensaio: avaliação de política pública em Educação. Rio de Janeiro. V.11, n39. P.232- 250. Abr./jun. 2003.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Casa Civil- subchefia para assuntos jurídicos. **Decreto 5.622, de 19 de dezembro de 2005.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm Acesso em: 21/07/2011.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Casa Civil- subchefia para assuntos jurídicos. **Decreto nº 5.800, de 8 de junho de 2006.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5800.htm Acesso em: 21/06/2011.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Casa Civil- subchefia para assuntos jurídicos. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm Acesso em: 21/06/2011

RAMOS, Andréia F.et al - **E- Desafio: Uma proposta de capacitação de tutores para a gestão do conhecimento na Educação a Distância** – Cinted, UFRGS.

RAMOS, Andréia Ferreira. Comunidades de aprendizagem: inserindo o virtual no presencial. In: FARIA, Elaine Turk (org.). **Educação presencial e virtual: espaços complementares essenciais na escola e na empresa.** Porto Alegre: Edipucrs, 2006.

ROSSETI, Gabriela; ALVEZ, Mario Luiz Nunes. **O tutor em foco: diferenças entre o virtual e o presencial** – São Paulo, 2007. Disponível em : 200.169.53.89/download/CD%20congressos/2008/.../t38813.pdf Acesso em: 28/6/2011

SATHLER, Luciano. Educação e tecnologia: espaço de fortalecimento da atuação docente. In: SATHLER, Luciano; JOSGRILBERG, Fábio; AZEVEDO, Adriana Barroso de. (org). **Educação a Distância uma trajetória colaborativa** – São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Faculdade de Educação – UAB/UnB. **Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com ênfase na Educação de Jovens e Adultos (pós graduação latu sensu)**. Projeto do curso: EJA. Brasília, 2009.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

No momento em que se faz uma graduação se abre um leque de possibilidades futuras. Essas chances que se apresentam podem vir cercadas de sonhos, planos, objetivos, certezas e incertezas. Sempre tento alcançar essas metas visualizando as minhas reais possibilidades de atingir o meu objetivo.

Hoje o mundo capitalista exige cada vez mais um nível de escolaridade maior, pois com o avanço das tecnologias e a transmissão de informações cada vez mais ágil só sobrevive nesse contexto aquele que se adequa e tem um maior nível de estudo.

Ao terminar a graduação tenho planos de seguir uma carreira pública. O serviço público é uma opção válida, porque diante do que observo do serviço privado, a sua falta de estabilidade e as humilhações que os funcionários sofrem, não pagam o salário, mesmo que seja superior do que o do serviço público. No setor público a estabilidade é certa e com o passar dos anos o plano de carreira (dependendo de que área do setor público) lhe proporciona um salário que lhe permite uma sobrevivência digna. O meu objetivo é passar no concurso da polícia, mas se imediatamente não conseguir espero passar em outro concurso que me proporcione um salário digno.

Pretendo fazer um mestrado e posteriormente um doutorado. Acredito que o mestrado será voltado para a área de Educação a Distância e as tecnologias. Tenho o objetivo de continuar o estudo nessa área para poder entender ainda mais o papel do tutor no ambiente virtual.

Tenho sonhos e planos de fazer viagens para o exterior visando conhecer novas culturas e aperfeiçoar o meu inglês. Talvez possa tentar unir o mestrado ou doutorado a uma viagem para o exterior, mas essas são questões que serão pensadas posteriormente.

ANEXO

Anexo 1:

Quadro 1- Mobiliário e equipamentos mínimos de um Pólo UAB

Dependência	Mobiliário	Equipamentos
Sala para Secretaria Acadêmica	mesa para computador	computador com multimídia
	mesa de escritório	impressora a laser
	mesa para impressora e scanner	scanner
	armários com 02 portas	aparelho de telefone e fax
	arquivos de aço	webcam
	mesa para telefone e fax	no-break
	mural	linha telefônica com ramais
	cadeiras giratórias	Acesso a internet para o polo
Sala de Coordenação do Polo	mesa de escritório	computador completo
	cadeiras giratórias	webcam
	mural	aparelho de telefone
	mesa para computador	
	armário com 02 portas	
Sala de Tutores Presenciais	mesas de reunião p/04 pessoas	computadores completos
	cadeiras estofadas	scanner
	cadeiras com braço	impressora
	mesas de escritório	aparelho de telefone
	mesa para impressora e scanner	webcam
	armários com 02 portas	
Sala de Professores	mesa de reunião p/10 pessoas	

	cadeiras estofadas	
	armário com porta	
	mural	
	quadro branco	
Sala de Aula Presencial	carteiras estofadas	
	quadro branco ou negro	
	mural	
	mesa para professor	
	cadeira estofada	
Laboratório de Informática	cadeiras estofadas	computadores completos
	mesas para computador	webcam
	quadro branco	impressora e 01 scanner
	murais com vidro	projektor multimídia
	mesa para projetor	aparelho de TV 29" e DVD
	armários de segurança	servidor
	mesa para impressora e scanner	no break, HUB e roteador
	suporte para TV	aparelhos de ar condicionado
Biblioteca	mesas p/04 pessoas	computadores completos
	cadeiras estofadas	aparelho de telefone
	cadeiras giratórias	impressora
	mesas para computador	
	mesa de escritório	
	armários com fechaduras	
	mesa para impressora	
	armário com 02 portas	
	estantes de aço	

Anexo 2:

Quadro 2 - Recursos Humanos mínimos em um pólo UAB

Recursos Humanos
Coordenador de Polo: responsável pela parte administrativa e pela gestão acadêmica
Tutor Presencial
Técnico de laboratório pedagógico, quando for o caso
Técnico em Informática
Bibliotecária
Auxiliar para Secretaria

Anexo 3:

Re: Modulo 3 - Tutores e Professores

por [REDACTED] - quarta, 30 setembro 2009, 22:50

Cara Professora [REDACTED],

Boa noite!

Segue um exemplo de mensagem que tenho recebido sobre o tópico 2:

Oi prof. [REDACTED], estou com dificuldades de entender o 2. tópico 1. Leitura do Texto Básico - Segunda Parte: Comunidades quilombolas, da expropriação ao direito à terra. pois ao meu ver nao se refere nada sobre expropriação da terra.

2. Leitura do texto Quilombos e o Direito a Terra, de Bárbara Oliveira Sousa (2008). Nao encontrei este texto... desde ja agradeco [REDACTED]

Fora passar os links novamente, incentivei a colocar as dúvidas no Fórum da turma para que além de mim, outros também possam contribuir. Comentei sobre a perspectiva da questão da expropriação, mas você pode me ajudar a clarificar?

Grata, [REDACTED];)

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#)

Re: Modulo 3 - Tutores e Professores

por [REDACTED] - domingo, 4 outubro 2009, 20:04

 [resumo_barbara.docx](#)

Olá, [REDACTED] e demais colegas,

Estou acompanhando todos/as vocês e acho que está fluindo como o esperado.

Olá [REDACTED], entrei na sua turma e na roda de saberes. Em sala de aula também falar sobre a temática racial é extremamente difícil e polêmico: 1) porque todos acham que conhecem a temática racial e nunca pararam para pensar com seriedade no que é ser negro no Brasil e o que significa nos números da desigualdade racial, e mais, que a maiorir ade sues alunos das periferias e de EJA são negros; 2) o mito da democracia racial contribui para isso; 3) o curso educação quilombola não veio para dar respostas, mas para provocar a busca de informações e respostas por parte dos professores. Acho

que suas provocações estão excelentes...

Demais colegas – Breve contribuição/reflexão sobre o tópico 2 :

O fato de alguns quilombolas não saberem que nome é esse que, legalmente, estão se referindo á sua comunidade não significa em absoluto que não saibam e não valorizem a sua história, pelo contrário. Pode ser que a pessoa que pensa assim tenha visto o vídeo sem ler o texto básico que eu escrevi, a petição e o texto de Bárbara, pré-requisitos indispensáveis para a compreensão da luta quilombola e dos negros no Brasil.

Bárbara de Oliveira , Denise Botelho e Glória Moura, as autoras selecionadas, são enfáticas em apontar isto, sem contar a petição que foi elaborada por comunidades e militantes da causa quilombola, que reforçam os valores e cultura desses cidadãos como de extrema importância.

FOCANDO NO TEXTO DE BÁRBARA ELA DIZ:

“[...] A partir do artigo 68 da CF e das legislações correlatas [artigos 215 e 216 da CF; Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT); Decreto 4.887, de 2003; e Decreto 6.040, de 2007] a conceituação das comunidades quilombolas supera a identificação desses grupos sociais por meio de características morfológicas. Tais grupos, portanto, não podem ser identificados pela permanência no tempo de seus signos culturais ou por resquícios que venham a comprovar sua ligação com formas anteriores de existência”.

O cerne desta afirmação desconstrói qualquer olhar externo que visone o vídeo “Quilombos Urbanos” como uma expressão da ignorância (no sentido de desconhecer) de quilombolas acerca da sua história, pelo contrário. Demonstra que não se trata de uma luta quadradinha, em que todos têm o conhecimento do conteúdo de base legal que respalda seu direito à terra, não mais que isto. Saber ou não que são chamados de quilombos, não diminui a luta e a resistências dessas populações negras.

Outrossim, não estamos lidando com uma cultura cristalizada, ela se ressignifica nas lutas locais, mas também, e principalmente, quando quilombolas expulsos de suas terras, estando em espaços urbanos se revigoram nas congadas, nas folias de reis, na religiosidade etc.

Ou seja, a continuidade da discussão continua no tópico 3 e aí já estamos , concomitantemente, nos cursos de EJA, com nossos vários alunos negros.

Muitos não se lembraram de suas histórias passadas, talvez um ou outro sim, e isto não diminui a importância dos educadores estarem um passo a frente e contribuir para esse resgate histórico: a importância do negro na constituição do Brasil,

Esta é uma das possibilidades de se educar para a diversidade, desnudando a hipocrisia

histórica da História do Brasil. (e não é pleonasma!)

Estas são as mensagens dos Módulos 2 e 3.

À disposição,

██████████

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#)

Re: Modulo 3 - Tutores e Professores

por ██████████ - terça, 6 outubro 2009, 00:43

Olá ██████████ e colegas!

Sem dúvidas não é pleonasma!

Grata e vamos tecendo, procurando provocar e indicar caminhos...

Abs, ██████████ ;)

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#)

Anexo 4:

Re: Modulo 3 - Tutores e Professores

por [REDACTED] - sexta, 25 setembro 2009, 19:46

Professora [REDACTED]!

Só que ninguém perguntou a ele, por que da necessidade de aprender o que nós aprendemos? Será que o que nós aprendemos fará diferença para a cultura deles, se nós nem reconhecemos que eles têm cultura? Primeiro nós precisamos ver quem está ensinando e quem está aprendendo. Nós precisamos aprender com eles..... Eu tenho um aluno índio, que é da Cidade Ocidental. Não pergunto a ele o que ele está aprendendo conosco, mas, faço ele dizer o que nós podemos aprender com eles. E digo sempre, que sorte temos nós de aprender com eles, considerando que nós vivemos em um país capitalista que não sabe o que dividir. Eis o nosso maior problema com nossos alunos: subtrair e dividir. O capitlismo jamais nos ensinou isso.

Desculpe-me. Mas, peço que esse aluno explique melhor o porquê dele querer saber de nossos costumes e qual seria o benefício para cultura dela.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#)

Re: Modulo 3 - Tutores e Professores

por [REDACTED] - terça, 6 outubro 2009, 18:17

Oi [REDACTED],

Na maioria das falas das lideranças com quem tenho conversado, o objetivo dos indígenas irem à escola: primeiro porque nós impusemos a eles esta formade se educar e agora eles acham que é importante. Segundo, porque precisam aprender a falar nossa língua, se expressar melhor, para argumentar com mais propriedade com os não-índios pelos seus direitos.

<http://74.125.47.132/search?q=cache:85uZOiQSpKwJ:revistaeducacao.uol.com.br/textos.asp%3Fcodigo%3D10590+porque+os+ind%3%ADos+v%3%A3o+para+escola%3F&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>

Índio quer escola

A população cresce, as matrículas aumentam, mas faltam recursos materiais e humanos

Existe um país que cresce 7,9% ao ano. É essa a taxa estimada de crescimento médio,

entre 2004 e 2005, do número de estudantes das escolas indígenas. Enquanto a população brasileira como um todo aumenta 1,4% ao ano, a população indígena cresce 3,4% ao ano. A demanda se achava reprimida até 1991, mas explodiu desde que os governos estaduais e municipais passaram a ser os responsáveis pela educação indígena, em lugar da Funai. A qualidade desse sistema de ensino ainda vem se ressentido da inexperiência com a realidade dos índios e da insuficiente injeção de recursos.

A morte de várias crianças indígenas por desnutrição em Dourados (MS), desde o início do ano, ilustra um abandono que resistiu a 505 anos de história. Para os índios, a educação é exatamente um recurso indispensável para enfrentar esse descaso. Mas o que seria solução passa a ser um problema, porque faltam escolas, professores, carteiras e material didático.

"Sabemos que em terras indígenas quase não há rede física escolar adequada", diz Kleber Gesteira, coordenador geral de Educação Escolar Indígena da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do MEC. "É dramática a necessidade de produzir materiais didáticos especiais em mais de 150 línguas indígenas diferentes. Além das dificuldades operacionais causadas pela localização das escolas indígenas em áreas de difícil acesso. Portanto, sem acréscimo de recursos não conseguiremos implementar uma educação escolar indígena que valorize a cultura desses povos e mantenha a diversidade étnica".

Desde 2002, aumentou em 31,6% o número de matrículas em escolas indígenas. Entre 2002 e 2004, o número dessas escolas no país saltou de 1.724 para 2.232. Mas a conseqüentemente necessária ampliação da infra-estrutura não aconteceu. Por isso, o próprio MEC relata que faltam até itens básicos como giz, lápis e cadernos. "Isso é uma prova cabal da injusta distribuição dos recursos", resume Gesteira.

Segundo ele, o valor do Fundef para a zona rural, que inclui quase a totalidade da educação indígena, é de R\$ 1.612,70, para alunos de 1ª a 4ª série. Mas no Brasil há uma lógica perversa, explica o representante do MEC: governos diminuem a qualidade dos serviços e do material destinados à periferia da zona urbana e à zona rural. No caso das escolas indígenas as dificuldades se ampliam, por conta até das grandes distâncias que as separam dos centros urbanos.

Em São Paulo (SP), no ano de 2004, funcionários do Centro de Educação e Cultura Indígena(Ceci), escola-indígena considerada modelo ficaram vários meses sem receber salário, por questões burocráticas. Em São Paulo de Olivença (AM), até o início de março, alunos da comunidade Ticuna do Vendaval assistiam aulas amontoados no chão, em "salas de aula" que na verdade eram as casas dos próprios professores. A escola ficou sem classes por 12 anos e só no dia 7 de março ganhou prédio próprio, conforme a Secretaria de Estado da Educação do Amazonas.

"Temos muitas comunidades indígenas, não dá para atender todo mundo, tem que ser aos poucos", resume Mauricéia Martins dos Santos, secretária da Educação de São Paulo de

Olivença. A merenda não está garantida. "É nossa prioridade, mas não posso responder pelas administrações anteriores", diz a secretária. "Hoje nós tentamos abranger todas as comunidades indígenas, mas há problemas, principalmente porque as aldeias são muito distantes".

Dispersão - As escolas indígenas estão sob a responsabilidade de governos municipais e estaduais. Em consequência, a qualidade dessa educação varia por região. Gesteira, do MEC, não diz de quais Estados chegam mais queixas por parte das organizações indígenas, mas dá uma pista: conforme as informações recebidas dos índios, por telefone, ofícios, fax e cada vez mais por e-mail, Estados como Minas Gerais, Santa Catarina, Acre e Espírito Santo são os que motivam menos reclamações.

Um dos motivos para a discrepância é a falta de orçamentos específicos nos Estados. Em Minas Gerais, onde há essa dotação, a situação é melhor. "Em Rondônia, nos últimos seis anos, foi aplicado recurso importante na formação de professores indígenas sem descontinuidade", diz Gesteira. "O mesmo acontece no Acre, que mantém programa de formação de professores.

Infelizmente essa não é a regra geral, inclusive em Estados com mais poder econômico". No orçamento do MEC, a educação indígena tem R\$ 3,3 milhões - verba que pode ir para projetos de secretarias estaduais e de ONGs. Mas o ministério ainda poderia passar para o setor verbas de outros programas para escolas públicas, como o Brasil Alfabetizado e o Fazendo Escola (educação de jovens e adultos).

"Uma boa parte da arrecadação dos estados está vinculada à educação", diz Gesteira. "Quando alguém diz que não tem dinheiro, os índios ficam muito desconfiados. Eles sabem que escolas deles precisam ter a mesma qualidade das demais".

Por conta dessas diferenças regionais, o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), ligado à Igreja Católica, propõe que a educação indígena seja federalizada, seguindo o modelo da saúde. "O fato de as escolas indígenas serem estadualizadas cria uma diferença brutal entre elas", diz o vice-presidente do Cimi, Saulo Feitosa. Ainda que, para ele, tenha havido avanços em alguns pontos, como na mobilização de professores indígenas, que construíram modelos de escolas conforme suas etnias e montaram seus próprios calendários.

O Conselho considera ainda que os governos estaduais se submetem mais facilmente às pressões dos ruralistas, dos madeireiros. "Talvez a federalização de tudo que se refere aos índios permita a formulação e a execução de políticas públicas gerais", afirma Feitosa. "O MEC faz muito menos que o necessário para elaboração de materiais didáticos e treinamento de professores. A maioria das aldeias que consegue estabelecer um modelo pedagógico diferenciado, como elaboração do material pedagógico, o faz por meio de parcerias com entidades, sem apoio do governo".

Segundo o MEC, a federalização depende de uma emenda constitucional. O próprio Cimi considera que seria difícil aprovar o projeto. Antes de 1991, a Funai dividia a responsabilidade pela educação indígena com missionários católicos e protestantes, o que, segundo Kleber

Gesteira, permitia ações educativas movidas por proselitismo religioso. Hoje, a Igreja luta pelo direito dos índios à auto-gestão, mas com o controle do governo.

O governo federal diz que respeita a posição do Cimi, mas mantém os índios como principais interlocutores. "Vários setores da nossa sociedade abandonaram a escola pública", diz o representante do MEC. "Mas, se há um setor social que lute pela qualidade da escola pública, são os índios. A eles não ocorre pensar numa escola particular. Eles querem gerir as escolas, mas sob a responsabilidade do estado - exatamente na linha de esperar um pagamento da nossa dívida histórica".

Um dos credores dessa dívida, o índio Ary Paliano, da etnia Kaingang, de Santa Catarina, desabafa: "A situação educacional é de descaso, desde a pré-escola até o ensino superior. Com a municipalização e a estadualização do ensino, a população indígena não tem como cobrar, ninguém assume a responsabilidade. Os índios ficaram vulneráveis, principalmente na distribuição das verbas, que não atendem às necessidades das aldeias. Existe também o preconceito. As pessoas acham que a educação indígena é menos importante. Estamos sempre relegados a segundo plano. As decisões sempre são tomadas entre quatro paredes. Nós queremos ser ouvidos, respeitados, mas as pessoas acham que temos que ficar isolados do mundo, em reservas indígenas que, de fato, nunca foram nossas".

Caminho espinhoso

Projetos educacionais visam reverter a perda da identidade cultural - mal que se associa à subnutrição e vem assolando as crianças indígenas

Em 2004 morreram 15 crianças da etnia guarani-caiova no Mato Grosso do Sul. Apenas nestes dois primeiros meses do ano já morreram outras 8, por diversas doenças, mas todas elas agravadas pela falta de nutrição. Dados da Funasa (Fundação Nacional de Saúde) responsável pela saúde indígena, a mortalidade infantil é em média duas vezes maior entre os índios. Em meio a críticas à administração da Funasa, especialistas, como Zilda Arns, presidente da Pastoral da Criança relacionam essa pobreza material à indigência cultural imposta aos nativos, indicando que o problema passa pela área da educação.

Atualmente encontram-se em andamento projetos que visam melhorar a auto-estima das crianças indígenas, por meio da ampliação da consciência histórica e de estímulos à preservação da língua original e das suas raízes culturais. Mas os jovens índios que não ainda tiveram esta oportunidade não se acham apenas expostos à exclusão - eles correm risco de vida. Entre 1986 e 1995, suicidaram-se mais de 200 índios guarani-caiovas, no Mato Grosso do Sul. O alto índice de suicídio vem acompanhado de sérios problemas de alcoolismo e prostituição. A perda da memória cultural e o abandono das tradições levaram à miséria e à desnutrição, num drama que vem se agravando nos dias de hoje.

"Nesta região, o problema não atinge apenas as aldeias que aparecem nos noticiários", diz Antonio Brandi, coordenador do Programa Kaiowá-Guarani da Universidade Católica Dom

Bosco, referindo-se às mortes de crianças por desnutrição divulgadas este ano. São ao todo 27 aldeias, com uma população indígena que chega a 30 mil pessoas. Apenas em Dourados, numa área de 3,5 hectares vivem 11 mil índios, apertados num território em que a Reforma Agrária assentaria apenas 200 famílias, isto é, cerca de 1000 pessoas. "A desnutrição atinge quase todas as aldeias, em níveis mais ou menos graves e reflete o descaso do governo para com os índios. Por outro lado, existem projetos de formação de docentes, e cada vez mais os professores são índios das próprias aldeias".

O projeto da Escola Mbo'Eroy Guarani-Kaiowá, também no Mato Grosso do Sul, foi criado em 1990 a fim de utilizar a educação para salvar da extinção a etnia guarani-caiova. Em Amambá, a 100 quilômetros de Caarapó, a escola municipal foi criada para atender três aldeias próximas que viviam em extrema pobreza, assoladas pela desnutrição, onde 90% da população adulta tinha problemas de alcoolismo.

Recuperar a auto-estima do povo, por meio da valorização de sua cultura, significa misturar disciplinas como geografia, história e matemática, com atividades que remetem às tradições dos antepassados. No currículo da escola, as crianças têm aulas sobre saúde e cultura tradicionais. Aprendem artesanato, pintura e rituais religiosos em aulas cujas cartilhas são elaboradas em língua guarani.

Segundo a Secretaria Municipal de Educação que apoiou o projeto, após sua implantação notou-se uma queda na rotina de suicídios. O índice de índios com problema de alcoolismo caiu 50%, à medida que rituais tradicionais quase esquecidos voltavam a ser praticados. Ao lado dos professores pais, líderes comunitários e pajés também participam das atividades didáticas. Além disso, toda a comunidade se envolve na administração da escola. Até porque viver em comunidade é uma sabedoria que as tribos cultivam há séculos.

O coordenador de Educação Indígena do MEC, Kleber Gesteira, faz elogios às iniciativas de várias comunidades indígenas. "Os projetos menos autoritários conseguem resultados muito bons, de fazer inveja a políticas indigenistas do Canadá e dos EUA", afirma. "Os educadores têm muito a aprender com essas experiências. Temos pérolas pedagógicas em comunidades muito humildes. As escolas não-indígenas que puderem entrar em contato com essas escolas e trocar informações e materiais, vão se enriquecer muito, e os educadores vão refazer suas trajetórias".

Educação e cultura - Boa parte dos projetos de educação indígena está diretamente ligada à questão territorial. Limites de território e de propriedade são noções estranhas à cultura da maioria das etnias indígenas. Na tradição nativa, faz pouco sentido mapear o território e traçar fronteiras para estabelecer o início e o fim das áreas em que vivem. Compreender o conceito cartográfico de território dos brancos e entender o que é direito à propriedade é, portanto, o primeiro passo para que possam lutar pela demarcação e defesa de suas terras.

"A escola é para defender a nossa área, a nossa cultura e segurar nossos recursos naturais", diz Wary Kamaiurá, professor de uma das escolas indígenas instaladas dentro do Parque Indígena

do Xingu, no Mato Grosso - a maior reserva indígena do Brasil, criada em 1961. O projeto de formação de professores do parque procura facilitar a compreensão da cultura dos brancos à população indígena. Por isso, geografia e história, entre as demais disciplinas do currículo - igual ao de qualquer escola tradicional - são ensinadas por professores indígenas.

A mesma preocupação está presente no Projeto Anike, na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, em Roraima - zona de intensos conflitos entre indígenas, garimpeiros e agricultores. O projeto visa preservar a identidade cultural das tribos indígenas, porque as aldeias foram perdendo contato entre si, com a invasão dos brancos. Se não for aprovada a continuidade física de suas terras, esse processo de ruptura com as raízes culturais poderá ser definitivo. O projeto educacional tenta minimizar essa perda com a inclusão, no ensino da história, das tradições, lendas e conhecimentos dos indígenas de Roraima.

A educação também tem importância fundamental para a preservação das línguas indígenas. Somente após a Constituição de 1988 os povos indígenas ganharam o direito de serem educados tanto em suas línguas maternas quanto em português. Antes disso, a transmissão dos idiomas ancestrais na escola dependia de iniciativas isoladas - muitas vezes até de professores não indígenas.

Com a Lei de Diretrizes e Bases, em 1996, foi dada a prioridade para a utilização de professores de origem indígena. Surgiram então programas de capacitação dos membros das comunidades para a prática do ensino. O programa Ará Verá, no Mato Grosso do Sul, desenvolvido há cinco anos em parceria da Secretaria Estadual de Educação com municípios e universidades, já formou mais de cem professores. "A preocupação é capacitar professores indígenas que tenham recebido a formação tradicional, mas não se esqueceram de suas raízes", diz a coordenadora Veronice Rossato.

A preocupação em preservar as raízes também é mencionada por José Luiz de Souza, coordenador da Escola Municipal Ejiwajegi, em Porto Murtinho (MS), que ressalta a importância da identificação dos índios com o material didático. Ele conta, como exemplo, que os alunos recebiam livros didáticos que falavam de índios do passado. "Ao verem seus parentes do tempo da colônia vivendo em ocas, estranhavam e sentiam-se discriminados".

Ele coordenou um projeto de elaboração de material didático feito pelos próprios estudantes Kadiweu. Ao longo do processo, os alunos discutiram os conceitos de aldeia, território, município e Estado e resgataram suas tradições culturais, com a participação ativa dos idosos das aldeias. "O resultado foi a elevação imediata do nível de auto-estima dos alunos", conta Souza.

Ensino médio - Segundo dados do Inep relativos a 2003, existem 1.981 escolas de ensino fundamental em terras indígenas; do total, 262 são de 5ª a 8ª série. Apenas 26 escolas têm ensino médio. A exigência de graduação torna difícil a formação de professores indígenas para o ensino médio. Ainda são poucos os programas voltados para a formação superior de indígenas. A Universidade do Estado de Mato Grosso tem um projeto pioneiro, o Terceiro Grau

Indígena, que oferece cem vagas para os cursos de Línguas, Artes e Literatura, Ciências da Matemática e da Natureza e Ciências Sociais, e forma sua primeira turma este ano.

Lourivan Leonardo Inácio, membro da comunidade Kaingang, do Rio Grande do Sul, ingressou no curso de Pedagogia em uma universidade particular. O Estado ofereceu-lhe uma bolsa de estudos, mas neste ano ele soube que deveria de pagar 25% da mensalidade. Como agravante, há ainda o preconceito dos demais alunos. "Muitos achavam que não acompanharíamos o conteúdo. E tinha gente que nos criticava por termos celulares e não entendia porque nós não andávamos pelados", conta. Por isso, Lourivan criou uma associação de apoio a índios universitários.

Outro desafio para garantir o ensino bilíngüe é a confecção de material didático. Há hoje cerca de 170 línguas indígenas no Brasil, divididas em dois troncos lingüísticos, 12 famílias que não pertencem a nenhum tronco e dez línguas que não pertencem a nenhuma família. Para elaborar o material didático, é preciso um estudo prévio para codificar e escrever a língua. É um trabalho a ser feito em cada comunidade: a grande variedade impossibilita a centralização do processo de confecção do material didático. Após o desenvolvimento de um livro bilíngüe com a participação de cerca de 1,5 mil indígenas Kadiweu, no Mato Grosso do Sul, José Luiz de Souza, coordenador do projeto, ficou frustrado. "O MEC não publica o livro porque não tem índios como autores. Apesar da gente ter apenas organizado o trabalho, o governo e as empresas não se interessaram", lamenta.

Alceu Luís Castilho e Flávio Amaral, da Agência Repórter Social, com reportagem de Jéssika Torrezan, Lígia Ligabue e Maurício Bittencourt

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#)

Anexo 5:

Re: Módulo 4 - Tutores e Professores

por [REDACTED] - segunda, 26 outubro 2009, 21:45

Olá [REDACTED], realmente apareceram questões relativas a entrada de alunos ANNE no mercado de trabalho. Pensei em chamar a atenção para o fato de que alunos ANNE não se configura apenas em alunos com Déficit Cognitivo. Existem :
D.A (deficiência auditiva), DV (def. visual),DM/DI(def. mental/cognitiva)
DF (deficiência física) ANE/MNE/BNE, TGD (transtorno Global do desenvolvimento)
... e também:

Crianças em situação de risco ou trabalhadoras;

Crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais;

Crianças de grupos desfavorecidos ou marginalizados decorrente das condições individuais, econômicas ou socioculturais. Se você achar pertinente essa abordagem, dê um retorno, organizando as ideias de forma a ajudar os alunos.OK?

[REDACTED]

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#)

Re: Módulo 4 - Tutores e Professores

por [REDACTED] segunda, 26 outubro 2009, 22:05

Oi [REDACTED],

Acabei de dar uma olhada na discussão do teu grupo. Parabéns! Ele está com um ritmo ótimo e parece que a discussão tomou um corpo conceitual e isso modifica pensamento, ética e envolvimento com a questão. Eles, dificilmente, perderão o que estão construindo.

Tens toda razão em relacionar outras possibilidades de necessidades educacionais, pois na EJA não temos apenas alunos com deficiência intelectual. Pessoas surdas ou com transtornos graves do desenvolvimento (alguns casos de esquizofrenia, inclusive), por situações muito diferenciadas decidem ir para a EJA na tentativa de conseguir algo diferente do ensino regular: uma inclusão radical e um encontro com professores que tenham no desejo e na formação a possibilidade de trabalhar com a diversidade.

Um abraço, [REDACTED]

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#)

Re: Módulo 4 - Tutores e Professores

por [REDACTED] segunda, 26 outubro 2009, 23:54

Obrigada [REDACTED]. Gostaria que você avaliasse a relevância de levar essa questão ao fórum. Pois sinto-me insegura em tentar aprofundar discussões das quais tenho um pouco de dúvida. E a propósito, na realidade em que trabalho, os alunos não tem autonomia de escolha para ir para a EJA. Eles são encaminhados pelas Instituições de Ensino. Falo porque trabalho numa Equipe especializada de apoio ao atendimento. E o aluno ANNE é submetido a uma avaliação a qual vai indicar o futuro do aluno: EJA ou

Centro de Ensino Profissional.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#)

Re: Módulo 4 - Tutores e Professores

por [REDACTED] - terça, 27 outubro 2009, 09:38

Querida [REDACTED],

O meu comentário foi no sentido de pontuar uma questão que considero, e tu salientas muito bem, problemática no que diz respeito a autonomia dos sujeitos. Obviamente que um aluno com deficiência intelectual precisará de mais apoio e não menos escuta que um surdo (este tem o direito de ser ouvido e decidir para onde deseja ir). Podemos fazer uma indicação e discutir com eles, mas sei que isso, na prática, é difícil. É necessário darmos voz ao outro. "Sempre achamos que sabemos o que é melhor para o outro" e isso também se repete com os alunos trabalhadores da EJA. Não precisas levar para o fórum, sei que ficará como pano de fundo, ok. Deste uma guinada na condução do teu grupo, agora é qualificar ainda mais, como tens feito, as discussões. Um abraço, [REDACTED]

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#)

Re: Módulo 4 - Tutores e Professores

por [REDACTED] - segunda, 26 outubro 2009, 23:21

Boa [REDACTED], como se fosse uma lista de abreviaturas com um Q a mais.

Também fico no aguardo...

Abs, [REDACTED] ;)

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#)

interessantes. Fiquem tranquil@s.

Abs.

██████████

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#)

Re: Módulo 4 - Tutores e Professores

p ██████████ - sexta, 6 novembro 2009, 11:16

Olá ████████!

Grata pelos esclarecimentos!!!

Abs, ████████

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#)

Re: Módulo 4 - Tutores e Professores

██████████ - segunda, 2 novembro 2009, 22:11

Olá ████████ e demais Colegas, segue abaixo algumas observações, ok?

Política pública refere-se à estrutura institucional, de base legal, que materializa as aspirações do Estado no que se refere à educação. Inclui-se o MEC e suas autarquias, Secretarias Estaduais e Municipais, a legislação e as diretrizes que, em nível nacional, definem o entendimento do Estado a respeito do sentido e da função da educação, e que dão a medida da atuação e do comprometimento de Estado com um projeto.

Políticas públicas de educação (ou políticas educacionais) são políticas mais específicas, formuladas e implementadas (Pela União, Estados e/ou Municípios). As políticas educacionais estão contidas na política pública de base legal e normativa e podem ou não ser formulada com uma perspectiva de gênero.

As políticas de gênero na educação são políticas formuladas para responder especificamente a desigualdades de gênero identificadas no sistema educacional (Madsen, 2008).

Período 1996 a 2007 – **Lei de Diretrizes e Bases** (LDB), 1996 - Uma das ações do II PNPM (Plano Nacional de Políticas para Mulheres) prevê elaboração de uma diretriz para a educação básica relativa a gênero, orientação sexual e direitos humanos, que está sendo elaborada pela SECAD (Madsen, 2008); **Plano Nacional de Educação**, 2001 – A SPM enviou recomendações ao CNE para incorporação da perspectiva de gênero.

Políticas educacionais nacionais – **Parâmetros Curriculares Nacionais** para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio – necessitam de aprimoramento da perspectiva de gênero, raça/etnia, orientação sexual e direitos humanos; **Programa Nacional do Livro Didático** – necessita de aprimoramento na avaliação dos livros didáticos.

Iniciativas de promoção da igualdade de gênero na educação do MEC/SECAD

(Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade) e da SPM (Secretaria de Políticas para Mulheres) – programas **Mulher e Ciência** e **Gênero e Diversidade na Escola**, parceria entre a SPM e MEC.

A inclusão destes temas neste curso já é uma ação do I PNPM. Temos um curso de extensão acontecendo também no DF com a parceria SPM/MEC/Unb, o Gênero e diversidade na escola (a distância, 200 h). Este curso terá versão nos dois semestres de 2010. Um outro curso acontecerá, para professores/as da rede pública, com a temática Homofobia e sexismo na escola.

Abrirei uma pasta do módulo, na qual colocarei textos diversos tratando da questão da questão posta.

Qualquer coisa, estou à disposição. Abs.

Anexo 7:

Re: Módulo 4 - Tutores e Professores

████████████████████ - quinta, 5 novembro 2009, 15:19

Olá ████████ é isso mesmo. A discussão está ótima.

Gostaria de lhe consultar sobre estes dois aspectos que está sendo discutido na turma B:

1. Sobre a Questão das Cotas (sei que este assunto é polêmico e tenho uma posição a favor, mas como devo colocar isso?);
2. Sobre a questão das religiões e credos africanos, alvo de muita discriminação também. Como encaminhar isso?

No aguardo,

████████

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#)

Anexo 8:

Re: Módulo 4 - Tutores e Professores

██████████ - quinta, 22 outubro 2009, 15:50

Oi ██████,

Dá uma olhadinha nos debates da sua turma sobre educação ambiental, algumas postagens evidenciam a falta de leitura e reflexão sobre os textos. Vamos ficar atentos e incentivar a turma a fazer as leituras sugeridas?

A educação ambiental vem sendo discutida e muito falada. Todavia, pouco ou quase nada de fato se efetiva em nossas escolas. Talvez porque para isto precisemos reformular e modificar posturas e atitudes a muito arraigadas em nosso cotidiano. A mudança não é fácil, existe uma reflexão de nossas práticas e esta mobilidade dá trabalho e mexer com as estruturas pessoais do sujeito.

██████████,

Na sua turma o ██████ está dialogando praticamente sozinho, parece que a temática da educação ambiental interessou a ele... Para aprofundar o conceito de ecologia humana, há as leituras da complexidade e Dos sete saberes necessários à educação do futuro de Edgar Morin, vou ver se consigo postar para vocês, ok?

Um abraço!

██████████

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#)

Re: Módulo 4 - Tutores e Professores

por ████████████████████ - sexta, 23 outubro 2009, 15:39

Olá queridos/as tutores/as,

Motivada pela coordenação fiz alguns registros gerais sobre todas as turmas. Tive o cuidado de fazer poucas ponderações, pois acredito que conduzir tantos módulos não é tarefa das mais fáceis. Meu objetivo é unicamente apoiá-los e dizer-lhes que estou

à disposição.

No geral, o movimento está acontecendo, com algumas exceções.

Turma A - [REDACTED]

Oi [REDACTED], fiquei um pouco chateada porque não há nenhuma postagem na minha temática, acredito que vc já deve estar pensando uma forma de motivá-los a entrar na plataforma.

Turma B - [REDACTED]

Notei poucas postagens, talvez [REDACTED] você pudesse explorar a fala da Suely, pois ela se coloca como negra e destaca a importância da temática em sua vida. É importante entendermos que a branquitude e o branqueamento são uma criação da elite branca, mas o problema racial é visto como um problema de negro.

Uma provocação a todos os tutores é pensar que, independente da cor da pele, os olhares são conduzidos pela aparência e por traz dela existe uma série de representações sociais e benesses que as pessoas brancas são agraciadas sob o critério da boa aparência, e nem sempre, conscientemente, ela se apropria disto, embora usufrua disto cotidianamente.

O que precisa ainda ficar alerta, é para não delegar aos negros o “problema” de se sentir discriminado, como se, o caso da branquitude não ocorresse, ocorre sim, e as pessoas negras são constantemente questionadas sob suas potencialidades e as pessoas brancas, também, **MAS EM SITUAÇÕES ESPECÍFICAS.**

Pensemos: no meu caso, Renísia, professora universitária, negra, eu consigo dar as respostas esperadas porque os títulos me garantem certa legitimidade (por favor, não descontextualizem minha fala, é importante no contexto), **MAS**, e nossos alunos da EJA, negros também?

Precisamos rever posturas e valores, e, **sendo negros ou sendo brancos**, precisamos compreender que lutar contra o racismo é tarefa de todo dia e de todo mundo.

[REDACTED] - C

O andamento da turma está bom, percebo participações como as [REDACTED] que merecem destaque pela percepção e leitura dos conteúdos:

O material para esse trabalho está na própria classe, lá tem-se toda a informação de que se necessita, pois que ali há pessoas de etnias, gêneros e pensamentos bem diferentes e a convivência já é um modo de trabalhar com a

diversidade em sala de aula. Sem contar que a partir dessas características dos próprios alunos, o educador pode levar para sua aula textos ou vídeos que trabalhem a questão das diferenças.

Entretanto, falas superficiais como as de [REDACTED] e [REDACTED], que desmerecem as especificidades políticas e culturais de negros, indígenas, mulheres, acabam alimentando uma falsa democracia racial que não nos ajuda a avançar e combater a desigualdade racial, talvez, se vc achar pertinente, vc poderia provocar esses dois professores a partir da apropriação de Larissa e outras, que mergulham na profundidade da questão, a repensarem falas e percepções.

Não é natural que a maioria dos alunos da EJA sejam negros, e tratar essa situação como algo normal é no mínimo alimentar a falsa democracia racial, e creio, não é este o nosso objetivo. Talvez reler os textos do Módulo III, elucide questões do Módulo IV, NÃO se esqueça que pensei os módulo EM conexão.

[REDACTED] - Turma D

Apenas uma participação. Sugiro que vc provoque os a partir da fala da [REDACTED]:

“As discussões acerca do racismo não são constantes nas minhas turmas, mas vez ou outra levo uma reportagem ou até mesmo um comentário furtivo que prenda a atenção dos meus alunos para que percebam que a realidade do racismo é mais antiga do que eles pensam ou deduzem...”

È uma ação, o que os demais estão fazendo?

[REDACTED] - Turma E

As discussões estão ricas, muito embora em algum momento a grande quantidade de poemas com a temática racial tenha me preocupado, pois parece que a questão central proposta - discutir EJA e educação das relações etnicorraciais - estava sendo escamoteadas, e acho que caberia ali uma intervenção. Mas, percebi que os próprios alunos retomaram as reflexões e o [REDACTED] apresenta uma concatenação interessante da idéia central que mereceria ser aprofundada.

[REDACTED] - Turma F

Debates muito ricos, [REDACTED], [REDACTED] e outros contribuem bem, e vc [REDACTED] atua provocando mais e mais o grupo.

[REDACTED] - Turma G

Parabenizo pelo debate na sua turma, está muito interessante. Muito embora haja alguns cursistas que se limitaram repetir os textos que elaborei, como [REDACTED]. Talvez

fosse interessante provocá-la e a todos para se posicionarem, retomando uma fala ou outra, que se lhes apresentar mais aprofundada, Célia dá contribuições nesse sentido

██████████ - Turma h

Notei poucas participações, mas há um trabalho riquíssimo da cursista Marisa, que merece ser comentado e estimulado. Sinto que ela se dedicou muito para isto, inclusive ela se encontrou comigo e comentou o quanto está gostando do curso e te elogiou muito Alexandra.

██████████ - Turma I

Alzira percebo que vc também, assim como Marco, está entrando no Fórum e tentando estimular os alunos. Percebo que do módulo anterior para este, vc se posicionou mais e sinto que a participação cresceu em qualidade, muito embora não em quantidade.

██████████ - Turma j

██████████ seu fórum está ótimo e vc provoca muito bem. Adorei vc recapitular e afirmar:

“A orientação era para que assinalassem uma delas e assim declarassem suas convicções sobre sua raça. Passei a entender a questão da raça pelo prisma da conquista identitária. Por isso concordo com vocês e penso que é de suma importância o trabalho com a auto-estima de nossos estudantes”

À DISPOSIÇÃO PARA O DIÁLOGO,

██████████

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#)

Re: Módulo 4 - Tutores e Professores

████████████████████ sexta, 23 outubro 2009, 21:15

Olá Colegas [Tutor@s](#), boa noite! Tenho passeado pelos fóruns e fiquei bem contente com as discussões. O tema é instigante, @s cursistas estão lendo os textos e trazendo outras informações. É neste momento que precisamos ficar [atent@s](#), ok? 😊

██████████, ██████████ e ██████████ existe interação entre @s cursistas, mas seria legal dar uma incrementada, levar algumas questões;

██████████, ██████████ o e ██████████ o debate entre os cursistas no fórum está muito bom. Entre [el@s](#) apareceram questões interessantes que mereciam resposta, pois

algumas vezes contradiziam as leituras, mas [el@s](#) mesmos resonderam, argumentaram.

Muito interessante;

██████████, ██████████ e ██████████ parabéns pela interação com a turma. É muito interessante quando a tutoria faz as mediações.

██████████ – acho interessante dar um toque na turma para incrementar o fórum. Sugeri em mensagem anterior um link, que é um video clipe do Grupo Atitude Feminina, muito interessante que discute sobre violência contra a mulher:

<http://www.youtube.com/watch?v=0h2f6NaEOmI...> Acredito que, junto com as questões propostas, a discussão pode rolar bem.

Qualquer coisa, estou à disposição. Bom trabalho para [tod@s!!!](#)

██████████

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#)

Re: Módulo 4 - Tutores e Professores

por ██████████ terça, 27 outubro 2009, 16:12

Queridos(as) tutores e tutoras,

Andamos pelos fóruns e percebemos que os grupos estão fazendo trajetórias bem diferenciadas e isso é a prova concreta de que os sujeitos são responsáveis por trilharem seus caminhos, assim como é notório que a diversidade predomina quando nos juntamos em torno de um objeto comum. Devemos reconhecer a riqueza disso quando entramos em sala de aula, pois os processos de aprendizagem requerem uma intervenção na diferença, valorizando-a sempre.

Há vários comentários sobre o vídeo e os textos disponibilizados, por parte dos professores cursistas. Estes utilizando nomenclaturas e trechos dos textos para trazerem seus pontos de vistas. No entanto, há alguns tutores e tutoras utilizando expressões e acertivas em desacordo com o texto. Termos opiniões diferenciadas é muito saudável, mas é importante deixar mais claro para os professores que vocês leram o texto e discordam dele, ok.

Andando pelos fóruns:

██████████, ██████████ e ██████████, pensamos que o grupo de vocês mereceria algumas provocações e chamamentos à discussão. Com certeza, vocês obterão respostas;

██████████, tua intervenção com o grupo melhorou muito e é visível que ela não se

confunde com uma simples interferência. Os resultados são vistos nas discussões que decorrem das tuas entradas na plataforma. Parabéns.

██████, o comentário da ██████ é muito pertinente e poderias salientar mais a problemática de uma prática inclusiva ligada ao paternalismo e ao assistencialismo (infelizmente, um legado de anos de prática ligados a esses paradigmas). Hoje devemos atuar nessa área por uma opção profissional.

██████, teu grupo traz algumas angústias da prática, como: o que fazer com alunos muito comprometidos (alunos com autismo[██████]) e como lidar com situações com as quais não sabemos o que fazer. O depoimento da ██████ é muito comum e, ao mesmo tempo, angustiante. Na EJA não pode haver espaço para um aluno ficar pintando e recortando e o professor, como ela diz, fingindo que ele não está ali. Seria bom se voltasses nessa discussão e provocasse o grupo a pensar o que fazer com essas duas situações que se colocam cotidianamente em nosso “sistema” de ensino. Ah! Outra coisa, os jovens infratores também são considerados alunos da educação inclusiva (██████). Querida, se precisares de alguma ajuda é só nos acionar, certo.

██████, o depoimento da ██████ tem muito da realidade. Uma das questões que discutimos atualmente é que, em alguns casos, o espaço de inclusão é dentro da própria escola especial ou centro especializado. Casos como o do filho dela, com certeza, estariam recebendo apenas atendimento médico e de reabilitação, se fosse há uma ou duas décadas atrás. Hoje, ele está na escola e esta faz um esforço para pensar um currículo funcional possível. Muito boa as tuas colocações também.

██████, teu grupo está tecendo uma rede de construção teórica a partir de investigações empíricas muito interessantes. Sempre achamos que há uma necessidade natural nessa temática de convivermos com a diferença e eles têm confirmado isso. Podes valorizar bastante essa iniciativa, pois os dados estão vindo para o tópico e merecem ser discutidos. As entrevistas trazem diferentes pontos de vista, valorizando pais, escola e professores. Parabéns por permitir que isso apareça e estar tão presente na discussão.

██████, teu grupo tem preciosidades e também uma tutora muito atenta e presente, o que faz com que o diálogo aconteça naturalmente. Aliás, essa é a questão que está em jogo nele. Eles já estão se dando conta que há a necessidade de uma naturalização da diferença, ou seja, todos temos o direito à cidadania. A sociedade foi, por séculos, dando a entender que o natural era a igualdade, mas agora parece que algo

se movimenta em nossos discursos.

Numa contribuição, a [REDACTED] traz a hegemonia do oralismo na educação de surdos. Então, a saber: Houve em 1880 o Congresso de Milão (Congresso Internacional de Educadores de surdos) e nele o oralismo foi aclamado como ideal para a educação dos surdos. Antes tínhamos o gestualismo(método francês), mas ele foi derrubado, não por unanimidade, pelo oralismo(método alemão) nesse congresso.

Era isso, lembrem-se “A tristeza da terra nasceu, um dia, da uniformidade. Que felicidade, a diversidade e a diferença!” La Motte-Houder. Fables

Um abraço, [REDACTED] e [REDACTED]

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#)